



BÍBLIA DE ESTUDO

Nova Versão Transformadora



Editora Mundo Cristão

Bíblia de Estudo Nova Versão Transformadora
Copyright © 2018 por Editora Mundo Cristão, sob permissão da Tyndale House Publishers, Inc.
Todos os direitos reservados.

Copyright do material adicional © 2008 por Tyndale House Publishers, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright dos mapas coloridos © 1996, 2004 por Tyndale House Publishers, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright das ilustrações, p. 565, 1695, 1727, 1752, © 1995, 1982, 2005, 2000 por Hugh Claycombe. Todos os direitos reservados.

Copyright dos demais mapas, ilustrações, linhas do tempo e diagramas © 2008 por Tyndale House Publishers, Inc. Todos os direitos reservados.

A *Nova Versão Transformadora* utiliza a metodologia de tradução das línguas originais (hebraico, aramaico e grego) da *New Living Translation*, copyright © 1996, 2004, 2007, 2013 por Tyndale House Foundation. Todos os direitos reservados. Publicada sob permissão da Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois, EUA.

Nova Versão Transformadora, *NVT*, *A verdade com clareza* e o logotipo *Nova Versão Transformadora* são marcas registradas da Tyndale House Publishers, Inc.

A fonte tipográfica *Lucerna* foi desenvolvida por Brian Sooy & Co. exclusivamente para esta versão. Todos os direitos reservados.

É permitida a citação de até quinhentos (500) versículos por qualquer meio — impresso, visual, eletrônico ou áudio — sem a permissão por escrito da editora, desde que os versículos citados não constituam um livro inteiro da Bíblia nem sejam equivalentes a vinte e cinco por cento (25%) ou mais do texto total da obra em que se inserem.

CIP-Brasil. Catalogação-na-publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B477

Bíblia de estudo nova versão transformadora / tradução Susana Klassen ...
[et. al]. — 1. ed. — São Paulo : Mundo Cristão, 2018.
2464 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: NLT study bible
ISBN 978-85-433-0154-9

1. Bíblia - Estudo e ensino. 2. Ensino religioso. I. Klassen, Susana.

18-47554

CDD: 220.6
CDU: 27-276

Categoria: Bíblia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição: outubro de 2017
Printed in China / Impresso na China

SUMÁRIO

Introdução à <i>Bíblia de Estudo NVT</i> . . .	A7
Guia de recursos . . .	A8
Como estudar as Escrituras com a <i>Bíblia de Estudo NVT</i> . . .	A17
Linha do tempo principal . . .	A20
Mapas gerais . . .	A26
Colaboradores da <i>Bíblia de Estudo NVT</i> . . .	A29
Apresentação . . .	A31
Introdução à <i>Nova Versão Transformadora</i> . . .	A33
Lista de pesos, medidas e moedas antigas . . .	A38
Abreviaturas e indicadores . . .	A38

ANTIGO TESTAMENTO

<i>Introdução ao Antigo Testamento</i> . . .	3	1Samuel (1Sm) . . .	447	<i>Introdução aos livros dos profetas</i> . . .	1066
<i>Arqueologia e fontes do Antigo Testamento</i> . . .	8	2Samuel (2Sm) . . .	499	Isaías (Is) . . .	1069
<i>Introdução ao Pentateuco</i> . . .	12	<i>Cronologia da monarquia de Israel</i> . . .	544	Jeremias (Jr) . . .	1165
Gênesis (Gn) . . .	16	1Reis (1Rs) . . .	549	Lamentações (Lm) . . .	1257
<i>Cronologia de Abraão a Josué</i> . . .	115	2Reis (2Rs) . . .	606	Ezequiel (Ez) . . .	1267
Êxodo (Êx) . . .	119	1Crônicas (1Cr) . . .	659	Daniel (Dn) . . .	1341
Levítico (Lv) . . .	185	2Crônicas (2Cr) . . .	699	Oseias (Os) . . .	1374
Números (Nm) . . .	236	<i>Contexto histórico do exílio e regresso de Israel</i> . . .	752	Joel (Jl) . . .	1392
Deuteronomio (Dt) . . .	299	Esdras (Ed) . . .	756	Amós (Am) . . .	1401
<i>Introdução aos livros históricos</i> . . .	353	Neemias (Ne) . . .	777	Obadias (Ob) . . .	1418
Josué (Js) . . .	357	Ester (Et) . . .	802	Jonas (Jn) . . .	1423
<i>Cronologia do período dos juízes</i> . . .	397	<i>Introdução aos livros de poesia e sabedoria</i> . . .	816	Miqueias (Mq) . . .	1429
Juízes (Jz) . . .	399	Jó (Jó) . . .	819	Naum (Na) . . .	1442
Rute (Rt) . . .	439	Salmos (Sl) . . .	867	Habacuque (Hc) . . .	1449
		Provérbios (Pv) . . .	991	Sofonias (Sf) . . .	1457
		Eclesiastes (Ec) . . .	1036	Ageu (Ag) . . .	1465
		Cântico dos Cânticos (Ct) . . .	1050	Zacarias (Zc) . . .	1471
				Malaquias (Ml) . . .	1490
				<i>Contexto histórico do período intertestamentário</i> . . .	1498

NOVO TESTAMENTO

<i>Introdução ao Novo Testamento</i> . . .	1505	Lucas (Lc) . . .	1639	1Coríntios (1Co) . . .	1858
<i>Introdução aos quatro Evangelhos</i> . . .	1510	João (Jo) . . .	1705	2Coríntios (2Co) . . .	1887
<i>Cronologia da vida de Jesus</i> . . .	1514	<i>Cronologia da era apostólica</i> . . .	1757	Gálatas (Gl) . . .	1908
<i>Harmonia dos quatro Evangelhos</i> . . .	1517	Atos dos apóstolos (At) . . .	1759	Efésios (Ef) . . .	1925
Mateus (Mt) . . .	1522	<i>Introdução às cartas de Paulo</i> . . .	1822	Filipenses (Fp) . . .	1940
Marcos (Mc) . . .	1589	Romanos (Rm) . . .	1824	Colossenses (Cl) . . .	1950
				1Tessalonicenses (1Ts) . . .	1959
				2Tessalonicenses (2Ts) . . .	1968

<i>Introdução às cartas de Paulo a Timóteo e a Tito . . . 1974</i>	Hebreus (Hb) . . . 2007	3João (3Jo) . . . 2077
1Timóteo (1Tm) . . . 1976	Tiago (Tg) . . . 2036	Judas (Jd) . . . 2080
2Timóteo (2Tm) . . . 1987	1Pedro (1Pe) . . . 2046	Apocalipse (Ap) . . . 2084
Tito (Tt) . . . 1995	2Pedro (2Pe) . . . 2058	<i>Introdução ao período posterior aos apóstolos . . . 2123</i>
Filemom (Fm) . . . 2003	1João (1Jo) . . . 2064	
	2João (2Jo) . . . 2073	

MATERIAIS DE REFERÊNCIA

Plano de leitura da <i>Bíblia de Estudo NVT</i> . . . 2131
Estudo de termos hebraicos e gregos: dicionário e índice . . . 2137
Índice de assunto dos materiais de estudo . . . 2151
Concordância / Dicionário NVT . . . 2277

INTRODUÇÃO À BÍBLIA DE ESTUDO NVT

A *Bíblia de Estudo NVT* chega ao Brasil como a mais completa e abrangente em língua portuguesa.

Em virtude da extraordinária clareza do texto da *Nova Versão Transformadora* (NVT), traduzida do hebraico, aramaico e grego por uma comissão de eruditos cristãos brasileiros e lançada em 2016, a presente Bíblia de estudo não se preocupa apenas em detalhar questões de vocabulário e sintaxe. Aqui os esforços se concentram especialmente em expor o significado do texto à luz de seu contexto original. O objetivo prioritário: facilitar a compreensão da Bíblia de modo que o leitor ouça de fato a voz de Deus a partir de sua revelação escrita.

Todas as ferramentas de estudo presentes nesta edição foram concebidas para auxiliar o leitor na tarefa de cruzar as pontes do tempo, do espaço, da cultura e das tradições literárias. Assim, ele tomará consciência do mundo da Bíblia e poderá ler as Escrituras com um entendimento semelhante ao dos primeiros leitores. É necessário, afinal, familiarizar-se com os costumes, a geografia e a história do palco em que viviam os escritores dos textos originais. Somente então compreenderá o impacto das palavras sobre seu público inicial e a profundidade da revelação de Deus para toda a humanidade em todos os tempos.

Esta Bíblia de estudo, originalmente lançada em inglês pelos editores da *New Living Translation*, representa o resultado de mais de sete anos de trabalho coletivo, envolvendo 48 eruditos e editores. Sua tradução para a língua portuguesa foi empreendida em harmonia com a visão tradutológica que fundamentou a produção da NVT pela editora Mundo Cristão, de forma que os milhares de textos complementares combinem com a limpidez e transparência do texto da NVT, constituindo uma obra de singular utilidade e valor.

A *Bíblia de Estudo NVT*, portanto, estabelece um contexto de conhecimento — uma base didática — sobre o qual o Espírito Santo pode operar no coração de pastores, seminaristas, professores, leigos e todos os interessados na Palavra de Deus.

*A chuva e a neve descem dos céus
e na terra permanecem até regá-la.*

*Fazem brotar os cereais
e produzem sementes para o agricultor
e pão para os famintos.*

*O mesmo acontece à minha palavra:
eu a envio, e ela sempre produz frutos.*

*Ela fará o que desejo
e prosperará aonde quer que eu a enviar.* Isaías 55.10-11

Conheça aqui a clareza da *Nova Versão Transformadora* numa edição que traz nova luz à Palavra de Deus. Permita que ela transforme a sua vida.

OS EDITORES

GUIA DE RECURSOS DA

INTRODUÇÃO AOS LIVROS

A introdução a cada livro ajuda o leitor a entendê-lo tal como seus primeiros leitores o entenderam no mundo deles. Discute o contexto, apresenta um resumo da estrutura literária, aborda questões históricas como autoria e data de redação e explica o significado e a mensagem do livro.

VISÃO GERAL

Descreve em poucas palavras o tema e a importância do livro e apresenta de forma resumida seu conteúdo e propósito.

CONTEXTO

Qual é a história por trás de cada livro da Bíblia? Que importância cada livro tem em seu contexto? Todos os livros da Bíblia foram escritos por pessoas de carne e osso, que viveram em determinada época e lugar da história. Enfrentaram desafios e dificuldades reais e escreveram para outras pessoas de carne e osso de sua época. Redigiram esses livros para tratar de problemas específicos de seu mundo e para ajudar seus leitores a entender a perspectiva de Deus a respeito das questões e dos desafios que enfrentavam.

Embora o mundo da Bíblia seja muito diferente do mundo de hoje, as pessoas não mudam, onde quer que estejam. Se entendermos o contexto em que cada livro da Bíblia foi escrito, teremos mais condições de compreender os problemas que o livro abordava, as ações que ele propunha e a mensagem que comunica para nós hoje.

LIVRO DE GÊNESIS

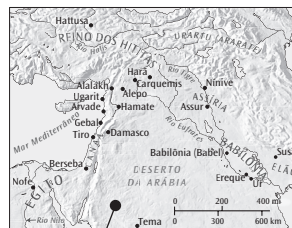
Gênesis é o livro dos começos: do universo e da humanidade, do pecado e de seus efeitos trágicos, e do plano de Deus para restaurar a bênção ao mundo por meio de seu povo escolhido. Deus começou a executar esse plano quando chamou Abraão e fez uma aliança com ele. Gênesis reproduz a bênção prometida por Deus de geração em geração, até o tempo em que o povo foi escravizado e precisou ser libertado do Egito. Seu texto lança o alicerce para a revelação divina subsequente, e a maioria dos livros bíblicos se vale de seu conteúdo. Gênesis é fonte de instrução, consolo e edificação.

CONTEXTO

Quando Gênesis foi escrito, os filhos de Israel haviam sido escravos no Egito durante quatrocentos anos. Em sua recente condição de libertos da servidão, foram conduzidos ao deserto para encontrar-se com o Senhor no monte Sinai, onde Deus estabeleceu com eles um relacionamento de aliança e lhes deu a lei por intermédio de Moisés. Agora Israel estava prestes a entrar na terra prometida e receber a herança prometida por Deus a Abraão.

Durante a escravidão no Egito, os israelitas adotaram muitas das ideias e dos costumes pagãos de seus senhores egípcios (p. ex., Êx 32.1-4). Foram influenciados por falsos conceitos a respeito de Deus, do mundo e da natureza humana (Êx 21) e se tornaram escravos em vez de proprietários e administradores da terra. Talvez houvessem se esquecido das grandes promessas feitas por Deus a Abraão, Isaque e Jacó, ou talvez tivessem concluído que tais promessas jamais se cumpririam.

Antes de entrar na terra prometida, os israelitas precisavam entender mais claramente a natureza de Deus e do mundo por ele criado, bem como o



MAPA

A introdução a cada livro traz mapas que mostram onde ocorreram seus acontecimentos e situam os locais nele mencionados. A maioria desses mapas traz não apenas uma legenda, mas também um índice resumido dos lugares mencionados no livro.

BÍBLIA DE ESTUDO NVT

17

INTRODUÇÃO A GÊNESIS

lugar deles nesse mundo. Tinham de aceitar sua identidade de descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Gênesis proporcionava o entendimento necessário.

RESUMO

Gênesis acompanha a obra de Deus destinada a trazer bênção em lugar da maldição que sobrevive à humanidade em decorrência do pecado. O livro reúne tradições de família, genealogias, acontecimentos históricos e comentários editoriais de modo a formar uma linha de argumentação unificada e contínua.

Cada uma das seções, exceto a primeira, começa com as palavras "Este é o relato" (ou *Estas são as gerações*; em hebraico, *toledoth*), e cada uma das seções de *toledoth* explica a história de uma linhagem de descendentes. Em cada caso, uma deterioração das condições de vida é seguida de um enfoque cada vez maior no plano divino de abençoar o mundo. Esse plano é a base para a aliança de Deus com seu povo; à medida que a bênção se desdobra, a aliança é esclarecida. No final do livro, o leitor está preparado para o cumprimento das promessas na libertação de Israel da servidão (ver Êxodo).

A primeira seção (1.1—2.3) logicamente não começa com *toledoth*, pois é o relato da criação "no princípio" (1.1) A obra da criação é envolta na aprovação e na bênção de Deus enquanto ele cumpre seu plano.

ESBOÇO

1.1—2.3

A criação

2.4—4.26

O que aconteceu à criação

5.1—6.8

O relato dos descendentes de Adão

6.9—9.29

O relato da família de Noé

10.1—11.9

O relato dos filhos de Noé

11.10-26

O relato dos descendentes de Sem

11.27—25.11

O relato dos descendentes de Terá

25.12-18

O relato dos descendentes de Ismael

25.19—35.29

O relato dos descendentes de Isaque

36.1—37.1

O relato dos descendentes de Esaú

37.2—50.26

O relato dos descendentes de Jacó

A seção seguinte (2.4—4.26) focaliza a criação da vida humana (2.4-25) e acompanha o que aconteceu à criação divina em decorrência do pecado de Adão e Eva (3.1-3), a maldição sobre seu pecado (3.14-24) e a transmissão do pecado a seus descendentes (4.1-24). A humanidade não desfrutava mais o descanso de Deus; em vez disso, vivenciava culpa e medo. Assim, os seres humanos fugiram de Deus e desenvolveram uma civilização arrogante.

Quando a humanidade se tornou independente de Deus, a vida humana entrou em decadência (5.1—6.8). A genealogia de 5.1-32 começa com a recordação de que os seres humanos foram criados à imagem de Deus e abençoados por ele (5.1-2). À medida que a genealogia se desdobra, a morte de cada geração lembra o leitor da maldição, enquanto Enoque é um raio de esperança de que a maldição não seja definitiva. De acordo com 6.1-8, Deus se arrependeu de ter criado os seres humanos e resolveu julgar a terra. Noé, porém, recebeu o favor divino e serviu de fonte de esperança (5.29; 6.8).

A passagem 6.9—9.29 trata da maldição do julgamento por meio do dilúvio, seguida da bênção do recomeço. Teve início uma criação renovada, purificada do mal abominável que invadira e arruinara a raça humana.

A população mundial cresceu e se transformou em diversas nações (10.1—11.9), cujos povos eram propensos à desobediência. Sem,

LINHA DO TEMPO

2166/1990 a.C.*

Abraão nasce

2091/1915 a.C.

Abraão se muda para Canaã

2080/1904 a.C.

Ismael nasce

2066/1890 a.C.

Sodoma e Gomorra são destruídas; Isaque nasce

2006/1830 a.C.

Jacó e Esaú nascem

1898/1722 a.C.

José é vendido como escravo

1885/1709 a.C.

José começa a governar o Egito

1876/1661 a.C.

Jacó se muda para o Egito

1446/1270 a.C.

Israel sai do Egito (o Êxodo) e segue rumo ao monte Sinai

1406/1230 a.C.

Israel entra em Canaã

* A primeira data harmoniza com a data mais "recuada", sugerida pela cronologia tradicional, e a segunda, com a data mais "avançada", proposta na cronologia mais recente atribuída ao Êxodo. Todas as datas são aproximadas. Ver "Cronologia: Abraão a Josué", p. 115.

RESUMO

Qual é a estrutura de cada livro e como suas ideias são desenvolvidas? Essa parte da introdução fornece um breve resumo do conteúdo do livro. No caso de livros narrativos, o resumo conta sua história. Quando o livro é uma carta, explica seu conteúdo e sua linha de raciocínio. No caso de uma antologia, descreve a estrutura e o conteúdo da coleção. Ao visualizarmos o modo como o livro se desenvolve, fica mais fácil entender cada passagem individual.

LINHA DO TEMPO

Há uma linha do tempo na margem de quase todas as introduções aos livros. As linhas do tempo mostram quando ocorreram os acontecimentos de cada livro da Bíblia e o que se passava naquela época. Podemos consultar a linha do tempo durante a leitura do contexto e do resumo, bem como durante a leitura do livro propriamente dito, para ajudar a entender como os acontecimentos se encaixam no desenvolvimento da história e para reforçar essa compreensão.

ESBOÇO

Cada livro traz um esboço com até três níveis de subdivisão. Na introdução, fornecemos o primeiro nível do esboço para dar ao leitor uma visão geral. O esboço completo está inserido no texto da NVT por meio dos títulos e subtítulos. Os esboços seguem a estrutura literária dos livros, isto é, o modo como os próprios autores planejaram a organização e o desenvolvimento das ideias.

AUTORIA, DATA E OUTRAS QUESTÕES HISTÓRICAS

O que sabemos a respeito de quem escreveu este livro e da época em que ele foi escrito? Que dificuldades enfrentamos para determinar os fatos históricos? Embora algumas dessas questões não sejam de conhecimento geral, são importantes. Sua compreensão nos ajuda a reconhecer a complexidade da Bíblia. De maneira nenhuma as questões aqui discutidas enfraquecem nossa confiança nas Escrituras; pelo contrário, elas nos ajudam a entender quanto a Bíblia é verdadeiramente extraordinária. Ao mesmo tempo, ensinam-nos a interpretar a palavra de Deus com humildade.

359

INTRODUÇÃO A JOSUÉ

processo de divisão da terra. As duas tribos e meia que receberam a terra do lado leste do rio Jordão foram liberadas para voltar para casa, mas tiveram de resolver um mal-entendido com as tribos do oeste a respeito da construção de um memorial (cap. 22). A despedida de Josué (cap. 23), sua convocação para que o povo se reunisse a fim de renovar a aliança com Deus e três funerais importantes (cap. 24) encerram a narrativa desse livro.

AUTORIA E DATA

Em nenhuma parte do livro, declara-se que Josué foi seu autor. Tanto a ocorrência frequente da expressão “até hoje” quanto a referência ao *Livro de Jasar* como fonte indicam que Josué foi escrito depois da morte do profeta que o nomeia. Todavia, o uso da primeira pessoa do plural (“nós”) em trechos da narrativa comprova que pelo menos parte do texto é baseada em recordações pessoais de Josué e de indivíduos sob seu comando. É provável que, no início da monarquia em Israel (no tempo de Davi e de Salomão), o livro já existisse numa forma aproximada à que conhecemos hoje. O autor humano de Josué permanece anônimo.

JOSUÉ COMO RELATO HISTÓRICO

Nos últimos dois séculos, alguns estudiosos procuraram questionar a validade histórica de Josué ao argumentar que a Transjordânia (região a leste do rio Jordão) e as cidades de Jericó e Ai não eram habitadas quando Israel entrou em Canaã, de modo que seria impossível Israel tê-las conquistado. Estudos arqueológicos mostram, porém, que a Transjordânia era habitada quando Israel entrou em Canaã e que, de fato, Jericó foi destruída do modo como Josué descreve.

Outros estudiosos alegam que relatos explanatórios (como os que explicam a origem de um nome) não são históricos. No entanto, embora alguns relatos explanatórios encontrados em textos antigos sejam míticos ou falsos, muitos outros são historicamente precisos. É provável que Josué tenha sido escrito pouco tempo depois dos acontecimentos que relata. Tudo indica que seu texto é historicamente preciso, embora não responda a todas as perguntas históricas que os leitores possam vir a levantar.

Em quase todo o período desde que Josué integra as Escrituras, sua narrativa foi considerada confiável como relato histórico. O livro registra a entrada de Israel em Canaã apenas em linhas gerais. Como textos históricos mais antigos do mundo, Josué, Juizes e Samuel contrastam com a literatura épica e mítica das culturas vizinhas e com os textos produzidos por reis para louvar a si mesmos. Esses livros bíblicos oferecem uma história seletiva do antigo Israel na terra em que Deus o colocou. Foram escritos de um ponto de vista profético — a mesma perspectiva de Isaías, Jeremias, Ezequiel e dos doze Profetas Menores —, no qual Israel vivia em um relacionamento de aliança com Deus.

Josué não declara nem dá a entender que Israel destruiu todos os cananeus e suas cidades. Ainda restaram muitos cananeus, como fica claro em Juizes, o livro subsequente. O relato de Juizes abrange várias gerações e mostra que, aos poucos, Israel se fortaleceu e incorporou os cananeus à sua população. No tempo do rei Davi, grande parte do povo na terra se considerava israelita, embora ainda restassem alguns grupos distintos (p. ex., 2Sm 5.6-8; 24.16-18).

SIGNIFICADO E MENSAGEM

Josué enfatiza o cumprimento das promessas feitas por Deus na aliança com Abraão, Isaque e Jacó. Os patriarcas haviam atravessado a terra como

As Escrituras apresentam fatos históricos com o propósito de mostrar que a história se encaminha para um alvo; que há um movimento dinâmico no qual as coisas mais antigas levam à mais recentes e a uma conclusão.

MARTEN WOUDESTRA
Joshua, p. 4

1642

pelo final desde c. 60 até pouco data mais litam que escrito no a entre 66

e significa trocinou o libora seja os, é mais origem de uma dedi-mais amtegrantes o plano de leus terem de judeus presentava

SIGNIFICADO E MENSAGEM

Qual é a mensagem de cada livro? Qual é sua relevância hoje? Esse é um ponto crítico. Todos os elementos da introdução do livro — contexto, resumo, autoria, data, gênero — visam nos preparar para entender o que esse livro da Bíblia tem a dizer, ou seja, sua mensagem e seu significado. A leitura atenciosa e a reflexão sobre esses parágrafos são de grande ajuda para entender o livro em questão.

SIGNIFICADO E MENSAGEM

A narrativa de Lucas—Atos declara categoricamente que: (1) Jesus é o Messias prometido no AT; (2) sua morte na cruz não anula essa asserção, pois a morte e a ressurreição do Messias foram preditas nas Escrituras desde o princípio (24.26,46); (3) a missão aos gentios havia sido predita nas Escrituras, foi iniciada pelo Espírito de Deus e fazia parte do propósito divino de oferecer salvação ao mundo todo nos últimos dias; e (4) os judeus e os gentios que constituem a igreja são o povo de Deus. Conforme o tema central do Evangelho de Lucas, a salvação oferecida por Deus e prometida nas Escrituras se cumpriu na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Uma mensagem histórica. Mais que qualquer outro Evangelho, Lucas assevera que a narrativa acerca de Jesus é histórica e garante a seus leitores que a mensagem do evangelho é autêntica. Enfatiza que seu relato se baseia nos depoimentos de testemunhas oculares confiáveis (1.1-4) e data meticolosamente o ministério de Jesus tomando como referência o período de atuação dos governantes da época (3.1-2).

Um retrato de Jesus. O modo como Lucas retrata Jesus reflete um tema de promessa e cumprimento. Jesus é apresentado como o Salvador prometido, o Messias descendente do rei Davi. Jesus nasceu em Belém, cidade de Davi, e reinará para sempre no trono desse rei (1.32-33; 2.4,11). Cristo não realizou a salvação por meio de poderio militar e conquistas, mas ao sofrer o destino dos profetas. Morreu como servo do Senhor, cumprindo as promessas do AT. Mediante sua morte e ressurreição, tornou-se o Salvador do mundo (2.11; At 2.36; 10.36). Agora, seus servos levam essa mensagem de salvação aos confins da terra.

Salvação para os excluídos. Lucas enfatiza a salvação para todos que creem, especialmente com referência aos excluídos de Israel: os pobres, os pecadores, os samaritanos desprezados, as mulheres e os gentios.

WILLIAM BARCLAY
The Gospel of Luke, p. 7

Por algum motivo, dentre todos os autores dos Evangelhos, Lucas é aquele que alguém mais gostaria de conhecer, pois esse médico gentio, com sua visão formidável da infinitude do amor de Deus, devia ter uma linda alma.

19

INTRODUÇÃO A GÊNESIS

foram recebidas, ou talvez o autor tenha alterado estilo e expressões para juntá-las com outros materiais com o propósito específico de descrever os fundamentos da fé israelita.

Gênesis também traz passagens e expressões que são, evidentemente, comentários editoriais posteriores. Algumas seções (como a lista de reis de Edom, 36.31-43) talvez tenham sido acrescentadas no início do período monárquico. Não há contradição em dizer que Gênesis foi escrito por Moisés e expandido por editores subsequentes, cujo trabalho foi direcionado pelo Espírito Santo. Diante dessas considerações, os estudiosos conservadores consideram plausível que o material bíblico registre com precisão acontecimentos reais.

ESTILO LITERÁRIO

Gênesis abrange diversos tipos de literatura. Existem várias propostas quanto à natureza de seu conteúdo.

Mito. A literatura mitológica explica as origens das coisas de forma simbólica, por meio das ações dos deuses ou de criaturas sobrenaturais. Para os povos antigos, os mitos eram crenças que explicavam a realidade. Sistemas de atividades rituais foram desenvolvidos para garantir que as forças da fertilidade, da vida e da morte continuassem ativas a cada ano. Alguns desses rituais deram origem à prostituição cultural (ver 38.15,21-22).

Seria difícil classificar o material de Gênesis como mito. Israel tinha um Deus, e não vários. A nação de Israel teve um início e tinha uma história e uma esperança. Para os israelitas, o agente principal de tudo que acontece no mundo era Deus, e não deuses ou outras criaturas sobrenaturais. O culto que prestavam a Deus não era cósmico, nem mágico, nem supersticioso; antes, era uma representação de seu livramento do Egito, além de ser uma celebração da real intervenção de Deus na história e da esperança em suas promessas.

Se Gênesis usa elementos da linguagem mitológica, o propósito disso é apresentar um contraste intencional com conceitos pagãos e mostrar que o Senhor Deus é soberano sobre esses conceitos. Por exemplo, os antigos adoravam o sol como divindade, mas em Gênesis o sol atende aos desejos do Criador (1.14-18). Gênesis põe fim à ideia de mitos e de deuses mortos. Logo, não é um mito.

Etiologia. Vários estudiosos descrevem as narrativas de Gênesis como *etiologias*, isto é, relatos que explicam as causas da realidade ou de crenças tradicionais, pelo que fica implícito que essas narrativas foram inventadas para fins explanatórios e, portanto, não descrevem acontecimentos históricos. Se, por exemplo, considerarmos que a narrativa de Caím e Abel foi inventada para esclarecer a causa do desentendimento entre pastores de ovelhas e agricultores, o relato perderá sua integridade como narrativa histórica factual.

Sem dúvida existem elementos etiológicos em Gênesis, pois o livro fornece o alicerce e o raciocínio lógico para quase tudo que Israel faz mais adiante. O relato da criação em Gn 2, por exemplo, se encerra com a explicação: "Por isso o homem deixa pai e mãe...". O modo como o acontecimento ocorre explica por que o casamento era realizado de determinada maneira. Mas, dizer que essa narrativa explica algo é bem diferente de dizer que ela foi inventada para explicar algo. As narrativas de Gênesis não são relatos fictícios criados para explicar costumes e crenças posteriores.

História. Muitos estudiosos não concordam que Gênesis deva ser considerado um relato histórico, por dois motivos fundamentais: (1) Gênesis explica acontecimentos causados por Deus, e a inclusão de elementos sobrenaturais

1643

(1) Os pobres e os ricos não se confiam.

(2) Os ricos não se confiam. Ele disculpou os fariseus hipócritas no templo não recobrador para Deus ofereceu a esse mesmo regado que a mensagem se arrepen-

(3) Os seus elogios (17.11-19) o único a quem Deus menciona, mas a outros.

(4) As maldades em nome de Deus mencionadas na narrativa do m-

Somente Lucas menciona as mulheres que sustentaram Jesus financeiramente (8.1-3). Na história de Marta e Maria, esta é elogiada por aprender como discípula aos pés de Jesus (10.38-42).

(5) Os gentios. O grupo mais severamente excluído era constituído pelos gentios, e Lucas enfatiza que a salvação oferecida por Deus também se estende a eles. Jesus veio a Israel, mas seria "luz de revelação às nações" (2.32), e "todos verão a salvação enviada por Deus" (3.4-6; Is 40.5). Enquanto a genealogia descrita em Mateus (Mt 1.1-17) enfatiza os antepassados judeus começando com Abraão, pai dos israelitas, a genealogia apresentada em Lucas remonta a Adão, pai de toda a raça humana (3.23-38). No sermão em Nazaré, Jesus declarou que Deus sempre havia demonstrado graça para com os gentios (4.24-27). Lucas afirma que Deus não somente ama todas as pessoas de toda parte como também deseja que todos os perdidos sejam encontrados (15.1-32; 19.10).

A rejeição por muitos em Israel. O lado sombrio dessa inclusão dos gentios e de outros excluídos é que a mensagem de Jesus foi rejeitada por muitos

LEITURAS ADICIONAIS

DARRELL B. BOCK
Luke (1996)
JOEL B. GREEN
The Gospel of Luke
(1997)
I. HOWARD MARSHALL
Luke: Historian and Theologian (1998)
MARK L. STRAUSS
Luke (2007)
ALLISON A. TRITES
Luke em Cornerstone Biblical Commentary,
vol. 12 (2006)

EPÍGRAFES

São comentários esclarecedores feitos por outros autores sobre um livro da Bíblia, ou observações incisivas acerca de um tema discutido em determinada passagem. Nas margens das introduções você encontrará algumas das citações mais relevantes sobre o livro em questão. O objetivo dessas citações é incentivar a reflexão e promover uma interação produtiva com o texto bíblico.

Gênesis não tem interesse em exibir Abraão, Isaque e Jacó como exemplos de moralidade. Logo, não discorre sobre sua moral. [Gênesis] une as promessas de Deus aos patriarcas à fidelidade de Deus no cumprimento dessas promessas.

VICTOR P. HAMILTON
The Book of Genesis: Chapters 1-17, p. 46

LEITURAS ADICIONAIS

Onde posso encontrar mais informações sobre cada livro da Bíblia? A *Bíblia de Estudo NVT* oferece recursos suficientes para muitos anos de leituras, estudo e descobertas dos tesouros das Escrituras. Alguns leitores, porém, talvez queiram se aprofundar ainda mais. No final da introdução de cada livro, são recomendados recursos úteis para seu estudo e compreensão.

INTRODUÇÃO ÀS SEÇÕES

Para cada seção principal da Bíblia, há uma introdução que fornece uma visão geral dos livros que a constituem e que trata das questões relevantes para a interpretação desses livros. (Não aparece na ilustração.)

ARTIGOS CRONOLÓGICOS

Para cada período principal da história bíblica, há um artigo cronológico que fornece uma visão histórica geral e trata de questões importantes a respeito do contexto histórico. Cada artigo traz uma linha do tempo com acontecimentos ocorridos durante esse período da história. (Não aparece na ilustração.)

PASSAGENS PARALELAS

O texto da NVT indica onde há paralelos com passagens de outros livros. O Evangelho de Mateus, por exemplo, tem vários paralelos com Marcos, Lucas e João. De modo semelhante, 2Samuel e 1 e 2Crônicas têm vários paralelos com 1 e 2Crônicas. As referências paralelas servem para comparar diferentes versões do mesmo acontecimento e entender melhor o que se passou.

MATEUS 7.21

Verdadeiros discípulos
Mt 7.21-23; cp. Lc 13.28-27

“Nem todos que me chamam: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus, mas apenas aqueles que, de fato, fazem a vontade do Pai, que está no céu. “2No dia do juízo, muitos me dirão: ‘Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome, não expulsamos demônios em teu nome e não realizamos muitos milagres em teu nome?’ “3Eu, porém, responderei: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que desobedecem à lei!’”

2^a pois ele ensinava com verdadeira autoridade, diferentemente dos mestres da lei.

Narrativa: ministério de Jesus (8.1—9.34)
Jesus cura um leproso
Mt 8.1-4/Mc 1.40-45/Lc 5.12-16

8 Quando Jesus desceu a encosta do monte, grandes multidões o seguiram. “Um leproso aproximou-se de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: ‘Senhor, se quiser, pode me curar e me deixar limpo.’ “3Jesus estendeu a mão e tocou nele. “Eu quero”, respondeu. “Seja curado e fique lim-

7.21-23 // Lc 13.25-27
7.21 Lc 6.46; Jô 1.22
7.22 Mt 19.13-15
7.23 Mt 25.12-41
7.24-27 // Lc 6.47-49
7.24-27 Mt 2.19;
7.24 Mt 1.22
7.25 Mt 1.22
7.26 Mt 1.22-24
7.27 Mt 13.10-12
7.28 Mt 13.54;
Mt 1.22; 2.2; Lc 4.32;
Jô 7.46
8.1-4 // Mc 1.40-44;
// Lc 5.12-14

TÍTULOS E SUBTÍTULOS DO ESBOÇO

Na NVT, o texto de cada livro inclui um esboço com títulos e subtítulos que evidenciam a organização das seções do livro. Os títulos no texto correspondem aos itens do esboço resumido que aparece na introdução do livro. Os dois níveis de subtítulos descrevem a estrutura do texto em mais detalhes, até o nível de passagens individuais. Os esboços seguem a estrutura literária do livro e mostram como seu autor o organizou.

GÊNESIS 1.1

O governo de Deus. Gênesis é uma introdução apropriada para a fundação da teocracia, o governo de Deus sobre toda a criação que seria estabelecido por meio de seu povo escolhido. O texto apresenta a revelação inicial da soberania de Deus. Ele é Senhor do universo, é aquele que move céus e terra para realizar seu plano. Deus deseja abençoar a humanidade, mas não tolera rebelião nem incredulidade. Suas promessas são magníficas, e ele é plenamente capaz de cumpri-las. Para participar dos planos divinos é sempre necessário ter fé, pois sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).

1. A CRIAÇÃO (1.1—2.3)
No princípio (1.1-2)
1 No princípio, Deus “criou os céus e a terra. “A terra era sem forma e vazia, a escuridão cobria as águas profundas, e o “Espírito de Deus se movia sobre a superfície das águas.

Seis dias de criação (1.3-31)
Primeiro dia: luz, escuridão
“Então Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. “E Deus viu que a luz era boa, e separou a luz da escuridão. “Deus chamou a luz de “dia” e a escuridão de “noite”.
A noite passou e veio a manhã, encerrando o primeiro dia.
Segundo dia: céu, águas
“Então Deus disse: “Haja um espaço entre as águas, para separar as águas dos céus das

água da terra”. “E assim aconteceu. Deus criou um espaço para separar as águas da terra das águas dos céus. “Deus chamou o espaço de “céu”.
A noite passou e veio a manhã, encerrando o segundo dia.
Terceiro dia: terra, mares, vegetação
“Então Deus disse: “Junte-se as águas que estão abaixo do céu num só lugar, para que apareça uma parte seca”. E assim aconteceu. “Deus chamou a parte seca de “terra” e as águas de “mares”. E Deus viu que isso era bom. “Então Deus disse: “Produza a terra vegetação: toda espécie de plantas com sementes e árvores que dão frutos com sementes. As sementes produzirão plantas e árvores, cada uma conforme a sua espécie”. E assim aconteceu. “A terra produziu vegetação:

1.1 Sl 88.11; 102.25;
104.25; 148.13; Jô 1.1-2
“hava” (1.25)
“hahamayim” (8064)
“aretz” (8776)
Gn 9.11
1.2 Lc 10.2
1.3 Mt 1.5; 2Co 4.4
1.3-15 45.7; 2Co 4.4
1.6 Jô 26.10;
Sl 136.5-6
1.9 Sl 95.5; Pv 8.29;
Jr 5.22; 2Pe 3.5
1.10 Sl 33.7; 95.5
1.11 Gn 2.9;
Sl 104.14; Mt 6.30

NOTAS TEMÁTICAS

Como a Bíblia de Estudo NVT explica os temas da Bíblia? As notas temáticas desenvolvem os principais temas e tópicos de cada livro. São colocadas junto de passagens particularmente relevantes, mas vão além da passagem em questão e abrangem outros livros bíblicos. Na margem da nota, há referências para um estudo mais detalhado. Os assuntos das notas temáticas foram selecionados com base nos principais temas das Escrituras. Apresentam os primeiros passos para desenvolver uma teologia bíblica sem procurar formular um sistema doutrinário específico (p. ex., reformado, carismático ou batista). Visam, portanto, levar à reflexão e a uma análise mais abrangente dos ensinamentos das Escrituras, independentemente do contexto doutrinário.

GÊNESIS 1.24

23

1.14 Sl 74.16; 104.19;
1.15 Gn 1.5
1.16 Sl 8.3; 19.14;
136.8-9; 1Co 15.41
1.18 Jr 33.20-25
1.20 Gn 2.19; Sl 146.6
“nephesh” (5313)
Gn 2.7
1.21 Sl 104.25-28
1.24 Gn 2.19

toda espécie de plantas com sementes e árvores que dão frutos com sementes. As sementes produziram plantas e árvores, cada uma conforme a sua espécie. E Deus viu que isso era bom.
13A noite passou e veio a manhã, encerrando o terceiro dia.
Quarto dia: sol, lua, estrelas
“Então Deus disse: “Haja luzes no céu para separar o dia da noite e marcar as estações, os dias e os anos. “Que essas luzes brilhem no céu para iluminar a terra”. E assim aconteceu. “Deus criou duas grandes luzes: a maior para governar o dia e a menor para governar a noite, e criou também as estrelas. “Deus colocou essas luzes no céu para iluminar a terra, “para governar o dia e a noite e para separar a luz da escuridão. E Deus viu que isso era bom.

14A noite passou e veio a manhã, encerrando o quarto dia.
Quinto dia: pássaros, peixes
“Então Deus disse: “Enchem-se as águas de seres vivos, e voem as aves no céu acima da terra”. “Assim, Deus criou os grandes animais marinhos e todos os seres vivos que se movem em grande número pelas águas, bem como uma grande variedade de aves, cada uma conforme a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. “Então Deus os abençoou: “Sejam férteis e multipliquem-se. Que os seres encham os mares e as aves se multipliquem na terra”. “A noite passou e veio a manhã, encerrando o quinto dia.
Sexto dia: animais, seres humanos
“Então Deus disse: “Produza a grande variedade de animais, cada um conforme a

A criação (1.1—2.3)

O relato da criação é essencial para a mensagem de toda a Bíblia, e não apenas para Gênesis ou o Pentateuco. Logo, para ver o mundo sob o ponto de vista bíblico, é extremamente importante entender os capítulos iniciais de Gênesis.

Esse trecho do primeiro livro da Bíblia trata de perguntas fundamentais: Quem criou o mundo e com que propósito? Por que o mundo se encontra em seu estado atual? Gênesis responde a essas perguntas e dissipa a idolatria que Israel havia adquirido de seus senhores pagãos no Egito. Na terra prometida, os israelitas também se veriam cercados por povos que acreditavam em inúmeros falsos deuses e adoravam coisas criadas, em vez do Criador. Gênesis ensinava a Israel que o Deus único e verdadeiro criou todas as coisas e tem autoridade absoluta sobre elas; somente ele é digno de adoração.

Toda cosmologia procura explicar de onde o mundo veio, o que há de errado com ele e como é possível consertá-lo. O relato da criação em Gênesis ensina que Deus criou o mundo e que este era “muito bom” (1.31). Por meio da criação, Deus transformou o caos em ordem tranquila, e o vazio em vida plena. Nesse ambiente, os seres humanos desfrutaram comunhão contínua com o Criador, até que se rebelaram, o que rompeu essa comunhão e implantou o mal no coração humano (cap. 3; ver caps. 4—6). O mal presente no mundo não é resultante de algum defeito da criação; Deus colocou o mundo sob maldição em decorrência da rebelião humana.

Desde aquela primeira rebelião, os seres humanos estão afastados do Criador e não reconhecem mais sua presença e sua autoridade. Esse distanciamento resulta em vergonha, fragmentação do relacionamento com Deus e com outras pessoas, separação do restante da criação e morte (3.7-19). Desde aquele tempo, Deus tem operado na história com o propósito de restaurar os seres humanos à comunhão com ele por meio de Jesus Cristo. Os seres humanos restaurados são novas criaturas (Gl 6.15); por meio de Jesus, a vida eterna está disponível a todos, e um dia, Deus renova todas as coisas (ver Is 65.17-25; Rm 8.19-22). O universo inteiro será criado novamente (Ap 21.1).

limites específicos para o mar. O dilúvio — um ato do juízo divino (6.7) — desfez temporariamente essas fronteiras e devolveu a terra ao caos (7.1-24).

1.14-31 Nos dias 4-6, Deus preencheu os domínios formados durante os dias 1-3 (1.3-13).
1.14 Haja luzes no céu para [...] marcar as estações, os dias e os anos. O movimento dos corpos celestes define o calendário litúrgico de Israel, cujas raízes na criação proviam ocasiões sagradas para as festas e as celebrações (ver Êx 23.15; Lv 23.4).

1.16 Nas culturas pagãs vizinhas, as duas grandes luzes eram adoradas como divindades, mas em Gênesis elas servem a Deus e à humanidade (ver Sl 136.7-9; Jr 31.35). O sol e a lua não são nomeadas, mas simplesmente chamadas de maior e menor. A não inclusão dos nomes talvez servisse para lembrar Israel de que os astros não eram deuses. • governar: Cp. 1.26, 28; Sl 136.3 as estrelas. O céu estrelado testemunha o poder criativo de Deus bem como proclama sua glória (Sl 19.1; 148.3). Ele não serve para prever o futuro, como acreditavam os vizinhos de Israel (ver Jr 10.2).

1.21 Ao contrário da ideia pagã de que os grandes animais marinhos têm existência eterna como Deus, Gênesis diz que Deus os criou e é soberano sobre eles. O termo hebraico *tanninim* (traduzido por “animais”) refere-se em outros lugares a crocodilos (Êx 29.3), monstros poderosos (Jr 51.34) ou à criatura do mar, o Leviatã (Is 27.1; cp. Jô 41.1-34).

1.22 Deus os abençoou: A bênção de Deus permite e possibilita o cumprimento do que ele falou (ver “Bênção” em 48.20-2, p. 110). • Que os seres [...] que as aves: Esses

ADÃO (2.4—3.24)

Gn 1.26-31;
4.25—5.5
Os 6:6-7
Lc 3.38
Rm 5.12-21
1Co 15.22,45-49
1Tm 2.13-14

Adão foi o primeiro homem, o pai da raça humana. Deus criou o primeiro casal à sua imagem para povoar a terra e dominar sobre a ordem que ele havia estabelecido (1.26-31). Formou Adão do pó da terra e soprou nele o fôlego de vida (2.7). Era responsável de Adão cultivar o jardim (2.15), dar nome aos animais (2.19-20) e seguir as instruções divinas (1.28; 2.16-17). Deus criou a mulher para ser companheira e ajudadora de Adão (2.18-22). A criação de Eva a partir da costela de Adão retrata a união planejada por Deus para o homem e a mulher no casamento (2.23-25).

Depois que a serpente enganou Eva e a convenceu a rejeitar a autoridade de Deus, Adão também se rebelou (3.1-6). Essa desobediência deliberada interferiu em seu relacionamento (3.7) e os separou de Deus. Depois do ato de rebelião, Deus foi procurar Adão, que se escondeu no meio das árvores, tendo já percebido essa separação (3.8). Quando o Senhor quis saber o que havia acontecido, Adão culpou Eva e, por implicação, também culpou o próprio Deus (3.12). A rebelião de Adão dificultou o governo da terra e trouxe morte física e espiritual (3.17,22). Deus providenciou peles de animais para cobrir Adão e Eva (3.21) e prometeu que o descendente de Eva derrotaria Satanás (3.15; ver Rm 16.20; Ap 12.1-9; 20.1-10).

Adão é uma figura histórica (4.25; 5.1-5; 1Cr 1.1; Os 6.7; Lc 3.38; Rm 5.14; 1Co 15.22,45; 1Tm 2.13-14; Jd 1.14) que representa a humanidade como um todo. As ordens (1.26-30) e maldições (3.16-19) de Deus afetaram não apenas Adão e Eva, mas a raça humana em sua totalidade. Adão representa a separação de Deus experimentada por toda a humanidade.

O apóstolo Paulo contrastou aqueles que são representados por Adão, o primeiro homem, com aqueles que seguem a Cristo, o "último Adão" (1Co 15.45-50; ver Rm 5.12-21; 8.5-11; 20.22). Quem é representado por Adão vive somente nele; participa de seu pecado, de sua separação de Deus e da criação, e de sua morte espiritual. Quem segue a Cristo vive pela fé nele; é recriado à imagem de Cristo e se torna uma "nova pessoa" que participa de uma nova criação (ver Rm 8.29; 1Co 15.49; 2Co 5.17). As barreiras que Adão levantou são removidas por Cristo (Rm 5.1; 2Co 5.19; Gl 3.27-28; 6.15; Ef 2.14-16); Cristo restaura aquilo que Adão perdeu.

hebraico para astuto (*aram*) pode ser positivo ("prudente", Pv 14.8) ou negativo ("astuto", como aqui; Jó 5.12). Ele forma um jogo de palavras com "nus" (*aramim*) em 2.25. Adão e Eva estavam nus e vulneráveis; a serpente era sagaz e astuta. • Provavelmente a serpente perguntou à mulher pelo fato de a proibição ter sido dada a Adão antes da criação de Eva (ver 2.16-17). É possível que Adão estivesse ciente da astúcia da serpente após ter avaliado e nomeado todos os animais (2.19-23). • **Deus realmente disse?** O enganador começou dizendo as palavras de Deus a fim de lançar dúvidas sobre a bondade divina. A proibição original se aplicava a apenas uma árvore (2.16-17), e não a todas elas.

3.2-3 A mulher tentou esclarecer a situação; no processo, fez pouco dos privilégios dados por Deus a ela e ao marido, de várias maneiras: (1) reduziu o "coma à vontade" de Deus (2.16) para "podemos comer";

(2) menosprezou a ênfase de Deus sobre a disponibilidade do fruto de todas as árvores, exceto uma (2.17); (3) acrescentou a proibição de não tocar em vez de não comer (2.17); e (4) atenuou a certeza da morte (2.17).

3.4-5 É claro que vocês não morrerão! Essa é uma negação exata das palavras claras e enfáticas de Deus: "com certeza morrerá" (2.17). A serpente tirou proveito da incerteza da mulher ao negar descaradamente o castigo e desviar rapidamente a atenção de Eva para o suposto prêmio: **como Deus, conhecerá o bem e o mal.** Em sua falácia, o enganador sugere que esse seria um bem incondicional para eles. O termo usado para Deus é *Elohim*, que também pode significar "seres divinos" (i.e., Deus e os anjos; p. ex., Sl 29.1; 89.7).

3.6 A mulher viu [...] e desejou: Eva comeu dois erros graves: (1) assumiu o direito de decidir o que era bom e o que não

era, embora só Deus tenha esse direito; e (2) cobizou a sabeldoria divina (cp. Dt 5.21).

• **marido [...] com ela.** Apesar de as Escrituras serem claras sobre o papel central da mulher na queda (cp. 1Tm 2.14), o homem estava evidentemente presente e também era culpado. Ele vem para o centro do palco nos versículos que se seguem e na teologia bíblica. A consequência de seu pecado foi imensa para toda a raça humana. A boa notícia é que, em Jesus Cristo, o "segundo Adão", Deus tornou a salvação universalmente disponível (Rm 5.12-21).

3.7 **perceberam que estavam nus:** É a sensação oposta à inocência da nudez que Adão e Eva desfrutavam antes de sua rebelião (2.25). Sua relação um com o outro e com Deus foi rompida. • **cestaram folhas de figueira:** Elas cobriram o corpo, mas não a vergonha. Não podiam consertar os relacionamentos rompidos (ver tb. 3.21 e nota).

PERFIS PESSOAIS

Os perfis pessoais da *Bíblia de Estudo NVT* descrevem a vida de indivíduos que aparecem nas Escrituras. Cada uma dessas pessoas contribui de forma significativa para o relato e para a mensagem da Bíblia. Sua vida nos instrui com exemplos positivos e negativos, e sua história nos ajuda a compreender melhor a Bíblia, seu mundo e sua mensagem. Seu relacionamento com Deus, ou a ausência de relacionamento, nos ajuda a entender como nós podemos nos relacionar com ele.

NOTAS DE ESTUDO

Por vezes, os leitores consultam uma nota em uma Bíblia de estudo para entender o significado do versículo e depois se perguntam "E daí?", pois deparam com um fato que não parece ter ligação alguma com o versículo. As notas da *Bíblia de Estudo NVT* foram desenvolvidas com essa pergunta ("E daí?") em mente. O objetivo dos editores é que as notas de estudo ajudem os leitores a compreender melhor o versículo ou a passagem.

As notas focalizam o significado e a mensagem das Escrituras, e não apenas fatos. Isso significa que há notas sobre palavras, orações, frases, versículos, parágrafos e seções inteiras. Os editores incluíram notas históricas e literárias para nos ajudar a entrar no mundo da Bíblia e na realidade em que os textos originais foram lidos e ouvidos.

As notas de estudo também incluem o sistema completo de notas textuais de rodapé da NVT que identificam variações no texto hebraico e grego e fornecem possíveis traduções alternativas.

Todos os trechos bíblicos citados são facilmente identificados em negrito e itálico.

SISTEMA DE REFERÊNCIAS CRUZADAS

Alguns sistemas de referências cruzadas se baseiam nas ligações entre palavras individuais, sem levar em consideração se existe alguma relação entre o significado dos dois versículos ou passagens. Na *Bíblia de Estudo NVT*, as referências cruzadas são relacionadas ao significado de todo o versículo ou passagem e, portanto, sempre têm aplicação direta.

A fim de comparar ideias específicas dentro de um versículo, as notas de estudo na parte inferior da página incluem, com frequência, referências cruzadas para palavras ou orações individuais, junto com uma explicação sobre a natureza da ligação entre elas.

No sistema de referências cruzadas, linhas paralelas (//) mostram que determinada referência cruzada é uma passagem paralela que descreve os mesmos acontecimentos ou que diz praticamente a mesma coisa.

O asterisco (*) é usado para indicar os trechos em que o NT cita o AT.

SISTEMA DE ESTUDO DE PALAVRAS

Na coluna de referências cruzadas, a *Bíblia de Estudo NVT* traz um sistema de estudo de palavras. Uma vez que a NVT é uma tradução dinâmica, uma palavra grega ou hebraica nem sempre é traduzida da mesma forma, mas sim de modo apropriado para cada contexto. Com isso, os estudos de palavras se tornam mais ricos e mais produtivos, pois a gama de significados para determinado termo grego ou hebraico fica extremamente clara, e é mais fácil evitar equívocos comuns na compreensão de seu significado.

São estudadas cem palavras hebraicas e cem palavras gregas. Para cada palavra, os editores incluíram ocorrências em número suficiente para ilustrar sua gama de significados. Cada ocorrência é indicada no texto da NVT com uma letra sobrescrita (*a*, *b*, *c*, até *k*, e então recomeça do *a*). A mesma letra sobrescrita ocorre na coluna de referências cruzadas, abaixo do versículo em questão. Depois da letra sobrescrita, é fornecida a palavra hebraica ou grega, seguida de um número de referência correspondente ao glossário no final e a várias ferramentas de estudo, como a *Concordância Bíblica de Strong*. A linha seguinte traz a ligação com a próxima ocorrência do termo destacada no texto. Desse modo, o sistema de estudo das palavras abre para o leitor todo um universo de estudos de termos gregos e hebraicos.

GÊNESIS 1.25

sua espécie: animais domésticos, animais que rastejam pelo chão e animais selvagens”. E assim aconteceu. ²⁵Deus criou grande variedade de animais selvagens, animais domésticos e animais que rastejam pelo chão, cada um conforme a sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

²⁶Então Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós. Dominará sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens da terra e sobre os animais que rastejam pelo chão”.

²⁷Assim, Deus “criou os seres humanos à sua própria imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou.

²⁸Então Deus os abençoou e disse: “Sejam férteis e multipliquem-se. Enchem e governem a terra. Dominem sobre os peixes do

mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que rastejam pelo chão”.

²⁹Então Deus disse: “Vejam! Eu lhes dou todas as plantas com sementes em toda a terra e todas as árvores frutíferas, para que lhes sirvam de alimento. “E eu dou todas as plantas verdes como alimento a todos os seres vivos: aos animais selvagens, às aves do céu e aos animais que rastejam pelo chão”. E assim aconteceu.

³⁰Então Deus olhou para tudo que havia feito e viu que era muito bom. A noite passou e veio a manhã, encerrando o sexto dia.

Sábado de descanso (2.7-13)

2 Desse modo, concluiu-se a criação dos céus e da terra e de tudo que neles há. No sétimo dia, Deus havia terminado sua obra de criação e descansou de todo o seu trabalho. ³Deus ‘abençoou o sétimo dia e o declarou santo, pois foi o dia em que ele descansou de toda a sua obra de criação.

1.26 Gn 5:1; 9:6; 10:8-9; Mt 17:26-29
1.27 Mt 19:4; Mc 10:6; Lc 1:25; Gn 2:3
1.29 Gn 9:3; 10:10,15; 13:6,25
1.30 Sl 104:14; 145:15
1.31 Sl 104:24
2.1 Dt 4:19; 17:3; Sl 101:2; 145:12
2.2 Ex 20:11; 31:17; Hb 4:4
2.3 1 Sm 13; Hn 12(28)
2.4 Mt 22
2.5 Hn 12(24)
2.6 Gn 6:7

AUXÍLIOS VISUAIS

Se uma figura vale mil palavras, a *Bíblia de Estudo NVT* tem o equivalente a dezenas de milhares de palavras na forma de informação visual. Esses auxílios visuais abrangem mapas, linhas do tempo, ilustrações, quadros e diagramas.

59

19.14 Ex 9:21; Jr 5:12; 43:1-2
19.17 Gn 13:10; 19:36; Jr 48:6
19.22 Gn 13:10
19.24 Lc 17:29; Jd 17
19.25 Dt 29:23; 16; 13; 19; 1sm 4:6; 2Pe 2:6
19.26 Gn 19:17; 14:17-22
19.27 Gn 18:22; 19:28 Ap 9:2
19.29 Dt 7:8; 9:5; 2Pe 2:7-8
19.30 Gn 13:10

que chegou ao SENHOR, e ele nos enviou para destruí-la”.

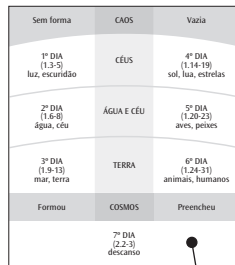
¹⁴Então Ló correu para avisar os noivos de suas filhas: “Saíam depressa da cidade! O SENHOR está prestes a destruí-la”. Os rapazes, porém, pensaram que ele estava brincando.

¹⁵No dia seguinte, ao amanhecer, os anjos insistiram: “Rápido! Tome sua mulher e suas duas filhas que estão aqui! Saia agora mesmo, ou também morrerá quando a cidade for castigada”.

¹⁶Visto que Ló ainda hesitava, os anjos o tomaram pela mão, e também sua mulher e as duas filhas, e correram com eles para o lugar seguro, fora da cidade, pois o SENHOR foi misericordioso. ¹⁷Quando estavam em segurança, fora da cidade, um dos anjos ordenou: “Corram e salvem-se! Não olhem para trás nem parem no vale! Fujam para as montanhas, ou serão destruídos!”.

¹⁸“Mas Ló suplicou: “Não, meu senhor!” Os senhores foram muito bondosos comigo, salvaram minha vida e mostraram grande compaixão. Não posso, contudo, ir para as montanhas. A calandragem também me alcançaria ali, e bem depressa eu morreria. ¹⁹Vejam, aqui perto há um vilarejo. É um lugar bem pequeno. Por favor, deixem-me ir para lá, e minha vida será salva”.

²⁰“Está bem”, disse o anjo. “Atenderei a seu pedido. Não destruirei o vilarejo. ²¹Mas vá logo! Fuja para ele, pois não posso fazer nada



ordenamentos definem a bênção. Os peixes e as aves são férteis por ordem de Deus e não por causa de rituais pagãos, como pensavam alguns dos vizinhos de Israel.

1.26 Fazemos é mais pessoal que o comando “haja” (p. ex., 1.3, 6). O plural nós tem geralmente várias explicações: (1) a Trindade; (2) o plural para denotar majestade; (3) um plural para mostrar autodeterminação; e (4) Deus falando com sua corte celestial de anjos. O conceito de Trindade — um Deus verdadeiro que existe eternamente em três pessoas distintas — foi revelado numa fase posterior da história da redenção, o que torna improvável ter sido essa a intenção do autor de Gênesis. Estudos do hebraico geralmente rejeitam o ponto de vista do plural majestático porque a gramática

não apoia claramente (não foi demonstrado que o plural majestático é comumente usado simplesmente pelo uso de um verbo no plural). O plural de autodeterminação também carece de provas: os únicos exemplos claros se referem a Israel como uma unidade corporativa (p. ex., Zm 24.14). No entanto, é bem documentado no AT o uso de Deus falar à sua corte celestial (ver 2.2; 11.7; 1Rs 22.19-22; Jô 1.6-12; 2.1-6; 38.7; Sl 89.5-8; Is 6.1-8; Dn 10.12-13), ainda que seja de fato o único autor da obra de criação. **ser humano**. Ou *homem*; o hebraico *adam*, “*Adão*”. As expressões **a nossa imagem** e **semelhante a nós** são praticamente sinônimas em hebraico. Os seres humanos desfrutaram uma relação íntima com Deus. **Dominar**. Os seres humanos

representam o Criador como seus colaboradores, vice-regentes e administradores na terra.

1.27 A primeira poesia de Gênesis celebra a grande proeza de Deus ao criar a humanidade. • **seres humanos** (ou *o homem*; o hebraico *traz adam*): Esse termo é usado com frequência para designar a humanidade de modo coletivo (ver 6.1, 5-7; 9.5-6). Embora tradicionalmente traduzido por “homem”, o gênero não é a questão aqui; ambos, **homem** e **mulher**, estão incluídos.

1.28 Deus os abençoou: Ver nota em 1.22; ver também 17.16; 48.16; Dt 7.13. • **abasa**: A mensagem de Deus para a humanidade é direta e íntima; somos administradores da autoridade que ele nos delegou. • **governem** [...]: **Dominem**: Como vice-regentes de Deus, os seres humanos estão encarregados do cuidado e da administração do mundo que Deus criou (ver tb. 9.2; Sl 8.5-8).

1.29-30 Esses versículos destacam a extensão [em toda a terra] e a variedade [todas as plantas com semente, [...] todas as árvores frutíferas] da provisão de Deus para os seres humanos, **animais e aves**.

1.31 O Criador declara sete vezes neste capítulo que sua obra é **bom**; após a criação dos seres humanos, ele declara que tudo é **muito bom**.

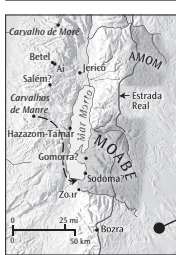
2.1-3 A humanidade é o ponto alto da criação divina (1.26-31), enquanto o sétimo dia é o ápice da semana da criação. Quando Deus **descansou** (ou *cessou*), ele aprovou toda a criação — não havia coisa alguma que ainda precisasse ser feita. Esse esquema de sete dias estruturou a semana de Israel, sendo o **sétimo dia** o precedente para o descanso semanal. O propósito do sábado foi celebrar a obra concluída por Deus; o sétimo dia seria designado **santo** e dedicado ao Criador, que também descansou

QUADROS

Organizam informações textuais de modo a facilitar a compreensão imediata.

MAPAS

Ao longo dos materiais de estudo, os mapas ajudam a visualizar acontecimentos e lugares mencionados no texto bíblico.



A destruição de Sodoma e Gomorra (18.16-19.38). Ao que parece, os dois anjos saíram do acampamento de Abraão nos Carvalhas de Moabe para destruir Sodoma e Gomorra, como se vê no mapa. Ló e suas filhas se refugiaram em Zoar, depois se mudaram para os montes de Moabe, a leste. Ló teve dois filhos com suas filhas; deles vieram as nações de Moab (ver Nm 21.10-20; 22.1-25.3; Dt 23.6; Jz 3.12-30; Rt 1.1-6) e Amom (ver Nm 21.24; Dt 2.19-37; 23.3; Jz 10.6-12.3; 1Sm 10.27-11.14).

O Senhor, em sua misericórdia, poupou Ló por causa de Abraão (18.23; 19.29). Ló mentes para por seu modo de vida, pois ele tinha fé no coração e o Senhor o resgatou (2Pe 2.7-8). • Ló não está sozinho em seu estilo de vida conflitante. Inúmeras pessoas de fé caem num mundo corrompido, em vez de fugir de uma sociedade condenada. O povo de Deus, vivendo num mundo pagão, deve permanecer separado (1Pe 2.15-17). O sistema mundial corrompido aguarda o julgamento vindouro de Deus, o qual será muito maior que a destruição de Sodoma e Gomorra (Mt 11.23-24).

19.18-22 Ló solicitou uma concessão dos anjos, mesmo depois de ter sido salvo. Ele queria viver na pequena cidade de Zoar (lugar bem pequeno).

19.23-25 Cp. Lc 17.29. A erupção do Vesúvio e a destruição de Pompéia em 79 d.C., bem como desastres naturais recentes, mostram quão rapidamente poderia ocorrer uma catástrofe como essa.

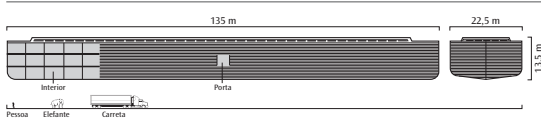
19.26 *olhou para trás*. O verbo indica que ela se demorou olhando os olhos no mundo que deixou, e não um mero olhar curioso para trás. Ex 23.8; Nm 21.9; 1Sm 2.32; cp. Ex 3.6. A **mulher de Ló** estava muito ligada a Sodoma para seguir o chamado da graça de Deus; por isso, foi incluída no julgamento ao hesitar nas encostas do vale. O retorno de Cristo para julgar o mundo será tão repentino e devastador quanto a destruição de Sodoma (Lc 17.32-37). Quem anseia pela vida neste mundo perverso perderá este mundo e o próximo.

19.29 Deus honrou a intercessão de Abraão (cp. 18.23-32), mas Ló perdeu todo o seu mundo porque viveu por instinto e desejo, e não pela fé em Deus. Ele já não podia viver na boa terra que tinha escolhido para si em seu egoísmo (13.10-13; cp. Mt 16.26; 2Co 5.7).

19.30-38 A pobreza da caverna contrasta com a riqueza que Ló compartilhava com Abraão e com a vida confortável que ele vivia em Sodoma. Abraão seria pai de uma nação justa, (17.1), mas Ló e suas filhas deram a luz a uma nova Sodoma.

19.14 As palavras de advertência de Ló não foram levadas a sério por causa de sua hipocrisia. Parece que não havia nem mesmo dez justos na cidade.

19.15-23 Ló escapou do juízo pela graça de Deus, mas sua coração ainda estava em Sodoma. Israel sempre se lembraria de Ló demandando-se, hesitando e sendo arrestando pelos anjos para sua própria segurança.



Arca de Noé (6.14-16). A embarcação construída conforme as dimensões especificadas em Gênesis era ímerna. A proporção entre comprimento e largura (6 para 1) é a mais estável possível e, ainda hoje, é usada em projetos de navios petrolíferos e de carga. Tinha capacidade para 20 mil toneladas de carga; a quantidade de animais terrestres no começo da idade adulta deve ter ocupado menos da metade desse espaço disponível. O projeto que Deus deu a Noé era perfeito para a finalidade da arca.

6.9 o relato: Ver nota em 2.4. • **um homem justo, a única pessoa íntegra:** O texto não afirma que Noé era isento de pecado (ver Rm 5.12-14). Sua justiça e integridade surgiram porque ele **andava em comunhão com Deus**. Ver também 7.1; 17.1; Hb 11.7.

6.11-13 Ver 6.5-7, **chamas:** O assalto sobretudo a linhas

6.14 uma grande uma grande estrutura para sobreviver ao dilúvio. A palavra hebraica para sobreviver

o bebê Moisés flutuou no Nilo (Êx 2.3.5). • **madeira de cipreste:** Ou *madeira de gôfer*. Não se sabe que tipo de madeira exata era essa. Possivelmente vinha de uma conífera, como o cipreste.

6.15 As dimensões da arca: em hebraico,

Deus iria fechá-la (7.16). Deus era o capitão desse peculiar barco sem vela nem leme. Foi ele quem trouxe os animais até Noé (6.20).

6.17 cobrirei a terra com um dilúvio: Alguns propõem que o dilúvio teria coberto apenas o antigo Oriente Próximo, como ele

ILUSTRAÇÕES

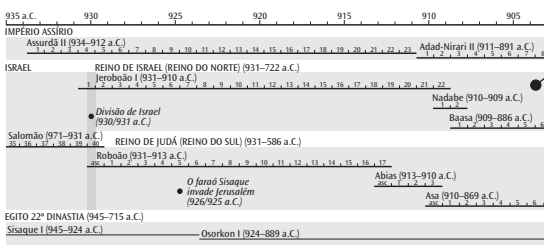
Ajudam a visualizar objetos que podem ser difíceis de imaginar. A ilustração da embarcação construída por Noé na p. 34, por exemplo, mostra seu tamanho e sua capacidade interna.

1REIS 11.29

29Certo dia, quando Jeroboão saía de Jerusalém, Aias, profeta de Siló, encontrou-se com ele no caminho. Aias vestia uma capa nova. Enquanto os dois estavam sozinhos no campo, 30Aias pegou sua capa nova e a rasgou em doze partes. 31Disse a Jeroboão: "Fique com dez pedaços, pois assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Estou prestes a tirar o reino das mãos de Salomão e entregar dez tribos a você.' 32Contudo, deixarei uma tribo para ele, por causa do meu servo Davi e de Jerusalém, a cidade que escolhi dentre todas as tribos de Israel. 33Pois Salomão me 'abandonou e adorou Astarote, a deusa dos sidônios, Camos, o deus de Moabe, e Moloque, o deus dos amonitas. Não seguiu meus caminhos nem fez o que me agrada. Não obedeceu a meus decretos e estatutos, como fez seu pai, Davi.

34Contudo, não tirei o reino inteiro de Salomão agora. Por causa do meu servo Davi, a quem escolhi e que obedeceu a meus mandamentos e decretos, manterei Salomão no governo enquanto ele viver. 35Mas tirei o reino do filho dele e darei dez tribos a você. 36O filho de Salomão terá uma tribo, para que os descendentes de meu servo Davi continuem a brilhar como uma lâmpada em Jerusalém, a cidade que escolhi como lugar para o meu nome. 37Eu o colocarei no trono de Israel, e ele governará sobre tudo que seu coração desejar. 38Se der ouvidos ao que digo, seguir meus caminhos e fizer o que me agrada, e se obedecer a meus estatutos e mandamentos, como fez meu servo Davi, sempre estarei com você. Estabelecerei para você uma dinastia, como fiz com Davi, e lhe darei Israel. 39Por causa do

11.29 1Rs 12.15; 14.2
11.30 1Sm 15.27-28
11.31 1Rs 11.11-12
11.33 1Rs 11.5-8
(cfr. 2Sm 7.10)
2Rs 17.16
11.35 1Rs 12.16
11.36 1Rs 15.4;
2Rs 8.19; 2R 21.7
11.38 2Sm 7.11,27



Israel e Judá, 935-903 a.C. (11.41-15.34). Os anos de reinado de cada monarca são numerados de acordo com seu próprio sistema de contagem (ver "Cronologia: a monarquia de Israel", p. 544). No esquema, a linha relativa a cada rei se estende do começo do ano em que ele subiu ao trono até o fim do ano em que morreu. • O quadragésimo e último ano de reinado de Salomão começou no terceiro trimestre (no mês de tishri) de 931 a.C.; a morte desse governante e a divisão do reino ocorreram em algum momento no segundo trimestre (no mês de nisan) de 930 a.C. • O reinado de Jeroboão I começou depois do reinado de Roboão, mas o primeiro ano do reinado de Jeroboão é contado a partir de segundo trimestre do ano anterior. • O faraó Sisoque do Egito invadiu Judá durante o quinto ano do reinado de Roboão (ver 14.25-26).

11.29-30 O encontro entre Jeroboão e Aias, profeta de Siló, seu único julgamento divino sobre a dinastia de Salomão. Aias volta a aparecer no relato sobre o filho de Jeroboão (14.1-18). Foi autor de

do sul, parece ter se aliado com o norte (2Rs 15.9; 34.6).

11.33 Salomão me abandonou e adorou: Conforme a Septuaginta, a versão siríaca, o hebraico e o grego, Salomão adorou

Deus com Davi; deviam brilhar como luzes da graça de Deus (15.4; 2Rs 8.19; 2R 21.7). Eles apontavam para Jesus, o descendente de Davi que é a luz do mundo (Jo 1.4-5) e que cumpre as promessas do Senhor a Davi

LINHAS DO TEMPO

Mostram em que ponto da história os acontecimentos ocorreram e como são relacionados a outros acontecimentos na Bíblia e no mundo ao redor. A Bíblia é um registro histórico, e é fascinante e empolgante ver como os acontecimentos bíblicos se encaixam como os registros históricos de culturas vizinhas.

43

11.9 Gn 10.10
11.10 Gn 10.22-25; Lc 3.36
11.12 Lc 3.36
11.13 Lc 1.17
11.14 Lc 3.35
11.16 Lc 3.35
11.18 Lc 3.35
11.20 Lc 3.35
11.22 Lc 3.34
11.24 B. 24.2; Lc 3.34
11.26 Gn 22.20; 1R 1.26-27; Lc 3.34
11.29 Gn 17.15; 20.11-12; 22.20
11.30 Gn 16.1; 18.11; 25.21; 1Sm 15.1; Lc 1.7

"Ela recebeu o nome de Babel, pois ali o Senhor confundiu as pessoas com línguas diferentes e as espalhou pelo mundo."
6. O RELATO DOS DESCENDENTES DE SEM (11.10-26)
"Este é o relato da família de Sem."

Dois anos depois do dilúvio, aos 100 anos, Sem gerou Arfaxade. 11Depois do nascimento de Arfaxade, Sem viveu mais 500 anos e teve outros filhos e filhas. 12Aos 35 anos, Arfaxade gerou Salá. 13Depois do nascimento de Salá, Arfaxade viveu mais 403 anos e teve outros filhos e filhas. 14Aos 30 anos, Salá gerou Héber. 15Depois do nascimento de Héber, Salá viveu mais 403 anos e teve outros filhos e filhas. 16Aos 34 anos, Héber gerou Pelegue. 17Depois do nascimento de Pelegue, Héber viveu mais 430 anos e teve outros filhos e filhas. 18Aos 30 anos, Pelegue gerou Réu. 19Depois do nascimento de Réu, Pelegue viveu mais 209 anos e teve outros filhos e filhas.

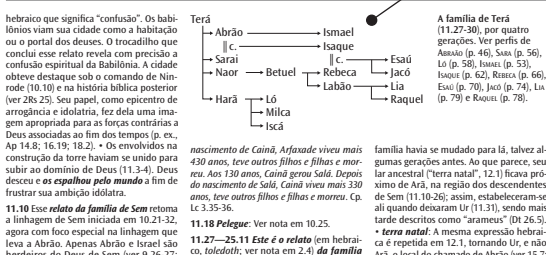
Aos 32 anos, Réu gerou Serugue. 20Depois do nascimento de Serugue, Réu viveu mais 207 anos e teve outros filhos e filhas. 21Aos 30 anos, Serugue gerou Naor. 22Depois do nascimento de Naor, Serugue viveu mais 200 anos e teve outros filhos e filhas. 23Aos 29 anos, Naor gerou Terá. 24Depois do nascimento de Terá, Naor viveu mais 119 anos e teve outros filhos e filhas. 25Depois que completou 70 anos, Terá gerou Abraão, Naor e Hará.

7. O RELATO DOS DESCENDENTES DE TERÁ (11.27-25.11)
A família de Terá (11.27-32)
"Este é o relato da família de Terá, pai de Abraão, Naor e Hará. Hará, que foi o pai de Ló, morreu em Ur dos caldeus, sua terra natal enquanto seu pai, Terá, ainda vivia. 2Tanto Abraão como Naor se casaram. A mulher de Abraão se chamava Sarai, e a mulher de Naor, Milca. (Milca, a sua irmã, Iscã, eram filhas de Hará, irmão de Naor.) 3Sarai, porém, não conseguia engravidar e não tinha filhos.

é uma dinastia oportuna; se ele fosse seria forte e se afastou de conduta legal destrutivo
Davi, herdaria o direito, com as deuses a 35-37), Abraão há (Gn 49.10).

DIAGRAMAS

Organizam informações de forma visual para mostrar relações. Por exemplo, a genealogia de Terá, pai de Abraão (p. 43), ajuda a entender os relacionamentos entre várias das pessoas que fazem parte da narrativa de Gênesis.



hebraico que significa "confusão". Os babilônios viam sua cidade como a habitação ou o portal dos deuses. O tratado que conclui esse relato revela com precisão a confusão espiritual da Babilônia. A cidade obteve destaque sob o comando de Ninrode (10.10) e na história bíblica posterior (ver 2Rs 25). Seu papel, como epicentro de arrogância e idolatria, fez dela uma imagem apropriada para as forças contritórias a Deus associadas ao fim dos tempos (p. ex., Ap 14.8; 16.19; 18.2). • Os envolvidos na construção da torre haviam se unido para subir ao domínio de Deus (11.3-4). Deus desceu e se espalhou pelo mundo a fim de frustrar sua ambição idólatra.
11.10 Esse relato da família de Sem retoma a linhagem de Sem iniciada em 10.21-32, agora com foco especial na linhagem que leva a Abraão. Apenas Abraão e Israel são herdeiros do Deus da Sem (ver 0.36-37).

nascimento de Caim, Arfaxade viveu mais 430 anos, teve outros filhos e filhas e morreu. Aos 130 anos, Caim gerou Salá. Depois do nascimento de Salá, Caim viveu mais 330 anos, teve outros filhos e filhas e morreu. Cp. Lc 3.35-36.
11.18 Pelegue: Ver nota em 10.25.
11.25-27.11 Este é o relato em hebraico, **toledoth:** ver nota em 2.4) da família

família havia se mudado para lá, talvez algumas gerações antes. Ao que parece, seu lar ancestral "terra natal", 12.1 ficava próximo de Adã, na região dos descendentes de Sem (11.10-26); assim, estabeleceram-se ali quando deixaram Ur (11.31), sendo mais tarde descritos como "araméus" (Dt 26.5). • **terra natal:** A mesma expressão hebraica é repetida em 12.1, tornando Ur, e não Adã, a base da descendência de Abraão (ver 15.7).

COMO ESTUDAR AS ESCRITURAS COM A *BÍBLIA DE ESTUDO NVT*

Procurar entender o texto da Bíblia é uma das coisas mais importantes que podemos fazer. Na Bíblia, lemos sobre aquilo que Deus fez e disse no passado. Encontramos relatos de pessoas que viviam em um mundo bem diferente do nosso, mas que, em muitos sentidos, levavam uma vida parecida com a nossa. E, o que é mais fundamental, por meio da Bíblia ouvimos Deus falar e temos a oportunidade de andar em comunhão com ele.

A Bíblia é, no entanto, um livro complexo e muito distinto. É verdade que não é difícil entender alguns trechos. Outras passagens, contudo, são quase indecifráveis, mesmo quando lidas numa tradução clara e contemporânea como a NVT. Não é raro alguém tomar a decisão de ler e entender a Bíblia e acabar deixando-a de lado por sentir-se confuso e frustrado. Como “ouvir Deus falar” se parece tão difícil compreender suas palavras?

A *Bíblia de Estudo NVT* foi criada para tratar dessa dificuldade. Sim, a Bíblia é um texto complexo e muito distinto, mas não é uma montanha intransponível nem um deserto intransitável. Na verdade, é um caminho que muitos já percorreram, e ter um guia pode tornar a jornada uma experiência interessante, agradável e gratificante. A *Bíblia de Estudo NVT* foi criada para ser seu guia nessa jornada.

COMO USAR A *BÍBLIA DE ESTUDO NVT*

Leia o texto bíblico. Nenhum recurso da *Bíblia de Estudo NVT* é mais importante que as Escrituras, o texto da Bíblia propriamente dito. Em sua leitura, considere que o texto bíblico é o registro das interações de Deus com pessoas específicas no passado. A Bíblia não é apenas um conjunto de proposições teológicas ou instruções morais, embora inclua ambas as coisas. É, em primeiro lugar, o registro de como Deus revela a si mesmo e seus propósitos às pessoas e forma com elas relacionamentos de amor e fidelidade. À medida que ler, procure entender o significado daquilo que Deus fez e disse às pessoas. Deus não muda (1Sm 15.29; Tg 1.17) e, portanto, aquele que se relacionava com as pessoas no passado é o mesmo que se relaciona conosco hoje e será o mesmo Deus no futuro e por toda a eternidade (Hb 13.8). Leia a Bíblia com o objetivo de conhecer a Deus.

Leia cada livro da Bíblia como um todo. Em vez de escolher versículos isolados, é sempre melhor estudar um livro em sua totalidade. Cada livro é um todo unificado, e cada versículo faz parte desse todo. Na primeira leitura, procure ler o livro inteiro de uma vez; no caso de um livro mais longo, divida-o em partes. Se desejar, use o esboço na introdução ao livro para fazer essa divisão. Durante a leitura, procure prestar atenção somente no texto bíblico. Recomendamos que deixe as notas e os outros recursos para depois. Anote dúvidas e ideias que lhe ocorrerem e depois siga em frente.

Leias as introduções aos livros, as introduções às seções e os artigos cronológicos. Cada livro das Escrituras está inserido num contexto literário e num contexto histórico, e ambos têm implicações importantes para a compreensão do livro e de passagens individuais. A *Bíblia de Estudo NVT* fornece artigos que o ajudarão a entender esses contextos e o prepararão para abordar o texto de modo mais informado. Recomendamos que você comece com a leitura das Introduções ao Antigo e ao Novo Testamento (ver p. 3 e 1505). Em seguida, leia a introdução à seção da Bíblia que você pretende estudar e a introdução ao livro específico. Reflita com calma sobre essas introduções a fim de compreendê-las. Elas foram escritas por pessoas que dedicaram muitos anos a entender as Escrituras e ajudar outros nessa jornada. Durante a leitura do texto bíblico, volte ocasionalmente a esses recursos.

Leia devagar. Depois de ler rapidamente o livro bíblico e as introduções a ele associadas, é hora de começar a ler o texto e os materiais de estudo em conjunto. Recomendamos que esse trecho da jornada seja percorrido sem pressa. Reserve tempo para ler, entender e meditar sobre as palavras

do texto bíblico e dos materiais de estudo — as notas, os artigos e os auxílios visuais. Recomendamos que você leia e medite em cerca de um capítulo por dia, ou uma página e meia de texto bíblico e materiais de estudo. Fazendo isso cinco dias por semana, durante as 52 semanas do ano, você terminará de ler a *Bíblia de Estudo NVT* uma vez a cada cinco anos (o “Plano de leitura” na p. 2131 o ajudará a estabelecer esse ritmo.) Parece muito tempo, mas passará rápido e você terá o prazer de fazer muitas descobertas agradáveis ao longo do caminho. E, o que é mais importante, você dará a si mesmo tempo para acolher as palavras de Deus e expressar a ele suas respostas em oração.

Siga o esboço. Observe os títulos do esboço no texto. Considere de que maneira cada passagem se encaixa na estrutura geral do livro.

Use os auxílios de estudo. Os inúmeros auxílios de estudo (ver “Guia de recursos”, p. A8-A15) foram criados para ajudar a explicar o que a Bíblia *significava* para seus primeiros leitores e o que *significa* para nós que a lemos hoje. Use esses auxílios de estudo para entender o sentido e a relevância daquilo que o texto bíblico diz. Ao ler a Bíblia desse modo, você começará a ouvir a voz de Deus lhe falar, como falou às primeiras pessoas que leram essas palavras.

Tenha um caderno de anotações. Ao percorrer as páginas das Escrituras, use um caderno para anotar suas descobertas, reflexões, intuições, dúvidas, orações e dificuldades. Em séculos passados, era comum leitores manterem cadernos com anotações sobre aquilo que haviam lido e descoberto. Em tempos mais recentes, muitas pessoas consideraram proveitoso ter um diário em que anotam suas leituras bíblicas, reflexões e orações. Você pode usar seu caderno para anotar dúvidas, coisas interessantes que aprender, seus próprios pensamentos a respeito da passagem, o que Deus parece estar lhe dizendo, e suas orações a Deus acerca do texto estudado.

Marque o texto bíblico e os materiais de estudo. Pode ser útil destacar os trechos do texto bíblico e dos materiais de estudo que respondem a suas perguntas ou que, de alguma forma, falam a seu coração. Para isso, você pode sublinhar, circular ou usar um marcador de texto em palavras ou frases; também pode colocar colchetes nas margens ou em partes do texto. Pode, ainda, escrever de uma a três palavras na margem para lembrar-se de determinado tópico e escrever referências cruzadas indicando outras passagens da *Bíblia de Estudo NVT* ou de seu caderno de anotações (uma possibilidade é organizar as notas por data).

Desenvolva senso histórico. Ao ler a Bíblia, procure desenvolver a percepção de como as diferentes partes das Escrituras se encaixam no tempo e no espaço. Nós, seres humanos, fomos criados para gostar de boas narrativas e guardá-las na memória. A Bíblia narra uma história magnífica, mas, por vezes, não entendemos como as partes da narrativa se encaixam umas nas outras. A *Bíblia de Estudo NVT* traz várias linhas do tempo, mapas e explicações para ajudá-lo nessa tarefa. Quando compreendemos o lugar que cada parte ocupa dentro da narrativa mais ampla, conseguimos visualizar ligações e desdobramentos que não éramos capazes de enxergar antes.

Use os materiais de referência no final da Bíblia. Os materiais de referência no final da *Bíblia de Estudo NVT* o ajudarão a encontrar com rapidez as passagens-chave que tratam de determinada pessoa ou de determinado lugar ou assunto. Leia com atenção as notas e recursos apresentados no índice e também o texto bíblico propriamente dito.

Aprofunde-se. Não considere as notas de estudo e outros recursos da *Bíblia de Estudo NVT* a última palavra em qualquer assunto ou passagem. O texto bíblico em si está todo aqui — você tem em mãos uma cópia completa da palavra revelada de Deus. As notas e os outros recursos, porém, são limitados e incompletos. Preparamos esta Bíblia de modo a fazer caber o máximo possível de informações nas 2122 páginas que vão desde o começo do Antigo Testamento até o final do Novo Testamento. Na verdade, porém, ela traz apenas uma pequena parcela de tudo que poderia ser dito. Portanto, considere as notas e recursos da *Bíblia de Estudo NVT* um guia muito útil, mas incompleto, para sua jornada. Para aqueles que desejarem aprofundar-se em algum aspecto do estudo, existem muitos outros recursos disponíveis. A fim de ajudar o leitor

a encontrar esses recursos, as introduções aos livros e às seções trazem uma lista de materiais para leitura adicional.

Mãos à obra. Por fim, não hesite: mergulhe fundo! Comece a usar a *Bíblia de Estudo NVT* para seu estudo diário e não se preocupe se não conseguir pôr em prática todas as sugestões oferecidas aqui. Dê um passo pequeno de cada vez, na medida em que for capaz. O mais importante é começar a jornada de leitura, estudo e compreensão da Bíblia. Depois de algum tempo, volte e leia este guia novamente; talvez encontre mais alguma sugestão que poderá ajudá-lo ao longo do caminho.

Ao usar a *Bíblia de Estudo NVT*, você descobrirá ainda outras maneiras de crescer em entendimento da palavra de Deus. Convidamos você a nos visitar em <www.novaversaotransformadora.com> e relatar suas experiências enviando um *e-mail* para nvt@mundocristao.com.br.

Venham, [...] vamos andar na luz do SENHOR! Isaías 2.5

Tua palavra é lâmpada para meus pés e luz para meu caminho. Salmos 119.105

OS EDITORES

LINHA DO TEMPO PRINCIPAL DA *Bíblia de Estudo NVT*

De que maneira as narrativas sobre Abraão, Isaque e Jacó são relacionadas à história da humanidade? O que estava acontecendo pelo mundo afora no tempo de Davi e de Salomão? Qual é a relação entre os reinados em Israel e em Judá? O que se passou no período entre o AT e o NT? Os acontecimentos da vida de Jesus e da igreja primitiva são correlacionados a outras ocorrências do mundo romano?

DA CRIAÇÃO A ABRAÃO Muitos dos acontecimentos registrados em Gênesis 1—11 são anteriores à invenção da escrita, de modo que é difícil definir suas datas com exatidão. Podemos, contudo, observar uma correlação próxima entre o relato bíblico e aquilo que se sabe com base em outras fontes históricas. Depois do dilúvio, ao qual Noé e sua família sobreviveram, a humanidade se espalhou pelo mundo conhecido na época, dando início às civilizações antigas. No tempo de Abraão,

4500~950 a.C.
(118 anos/centímetro)

Ver “Cronologia de Abraão a Josué”, p. 115-118

4000 a.C.

3500

3000

ACONTECIMENTOS NOS LIVROS DO AT: *GÊNESIS 1—11*

MESOPOTÂMIA

IDADE DO BRONZE ANTIGA (3300–2000 a.C.)

Fundação de Assur
(c. 2800 a.C.)

CRIAÇÃO
(sem data)

CIVILIZAÇÃO SUMÉRIA
(c. 3000~1950 a.C.)

DILÚVIO?

CANAÃ

EGITO

PERÍODO PRÉ-DINÁSTICO (4000–3000 a.C.)

PERÍODO ARCAICO
/ 1ª A 2ª DINASTIAS
(3000–2700 a.C.)

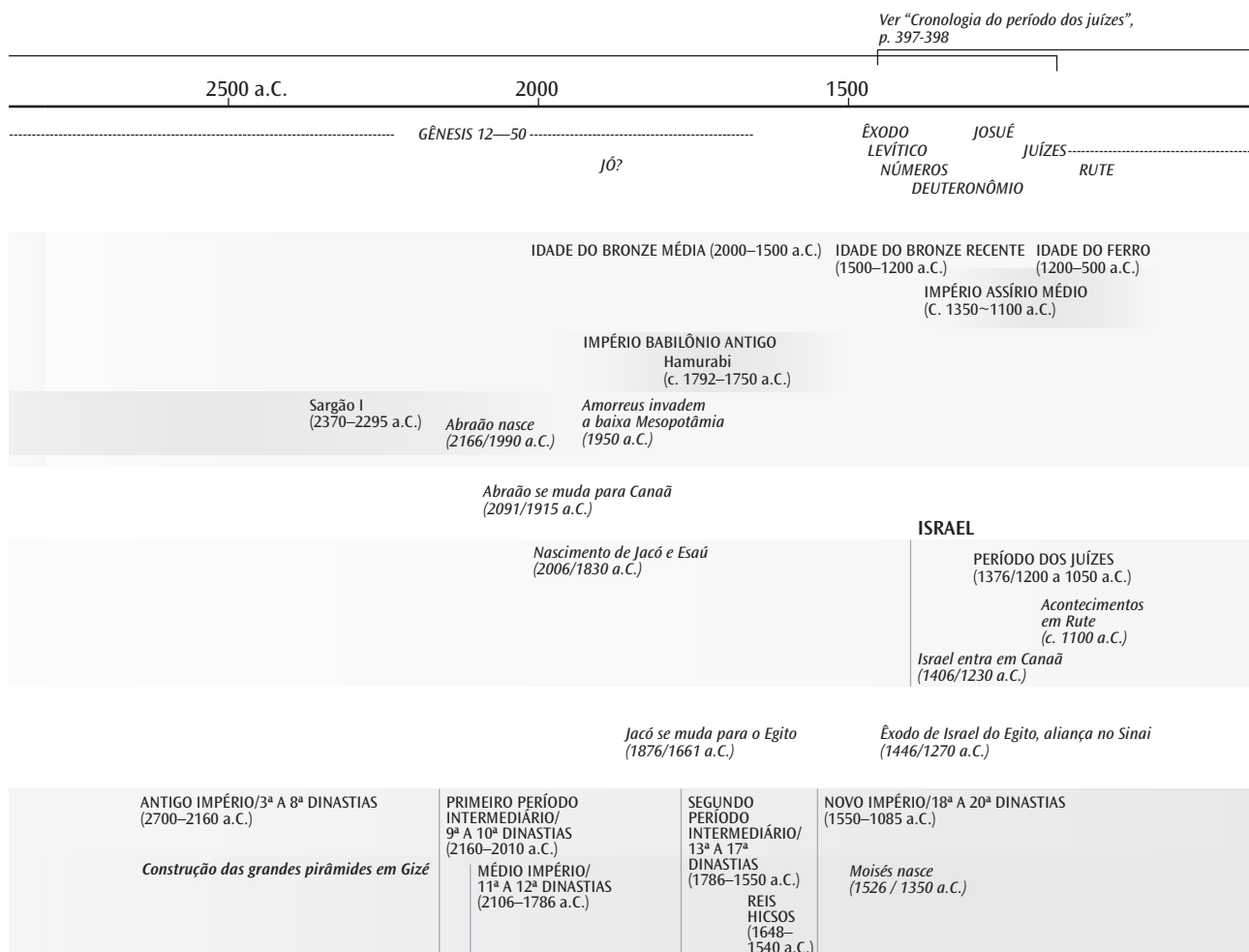
o Egito já estava plenamente estabelecido, enquanto a civilização suméria, na Mesopotâmia, se aproximava de seu fim.

Sabemos que Abraão viveu por volta de 2000 a.C., mas não temos como definir ao certo as datas de acontecimentos em sua vida. Essa incerteza se deve ao fato de não sabermos exatamente a data do êxodo de Israel do Egito. Estudiosos da Bíblia aceitam duas possíveis datas para o êxodo: 1446 e 1270 a.C. As datas referentes a Abraão, Isaque e Jacó são calculadas a partir da data do êxodo, com base em informações fornecidas pelo texto bíblico. Apesar dessa dúvida, fica bastante claro que os relatos das Escrituras a respeito dessas pessoas e de sua vida são coerentes com o que sabemos sobre as condições em Canaã e no Egito nesse período da história. Para mais informações, ver “Cronologia de Abraão a Josué”, p. 115-118.

**DE ABRAÃO
A JOSUÉ**

Depois que Josué liderou Israel na conquista de Canaã e o povo de Israel começou a se estabelecer na terra, veio um período de anarquia crescente. O caos e a opressão periódicos eram pontuados por livramento por meio da liderança inspirada de juízes. Para mais informações, ver “Cronologia do período dos juízes”, p. 397-398.

**O PERÍODO
DOS JUÍZES**

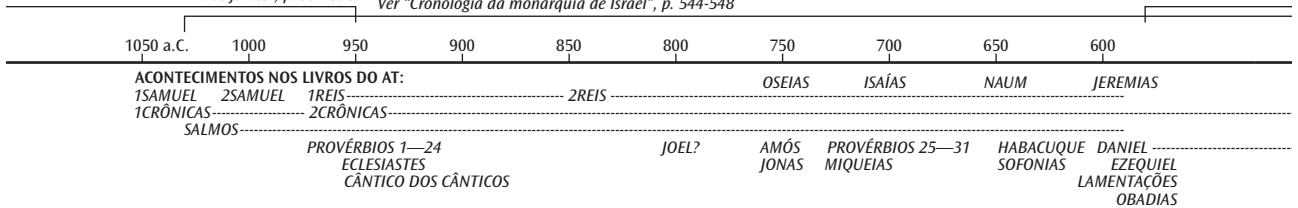


A MONARQUIA DE ISRAEL

O período dos juízes chegou ao fim de uma vez por todas com o ministério de Samuel e os reinados de Saul (c. 1050~1011 a.C.) e Davi (1011~971 a.C.). As datas dos acontecimentos desse período são bem mais precisas, pois podemos correlacionar informações bíblicas com registros de outras nações antigas, como a Assíria e a Babilônia, e com fenômenos astronômicos, como eclipses solares. Depois da divisão de Israel em reino do norte (Israel) e reino do sul (Judá), a cronologia se torna extremamente complexa, e é essencial traçar linhas para mais precisas para entender a relação entre os governos dos diversos reis. Para mais informações, ver “Cronologia da monarquia de Israel”, p. 544-548. Linhas do tempo detalhadas também são fornecidas em 1 e 2Reis.

1050~50 a.C.
(35,4 anos/centímetros)

Ver “Cronologia do período dos juízes”, p. 397-398
Ver “Cronologia da monarquia de Israel”, p. 544-548

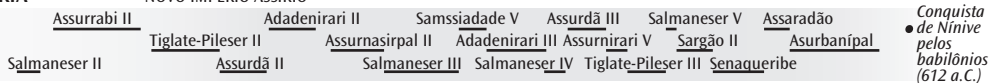


ROMA
IMPÉRIO ROMANO
Fundação da cidade de Roma (séc. 8 a.C.)

IMPÉRIO MACEDÔNIO

ASSÍRIA

NOVO IMPÉRIO ASSÍRIO



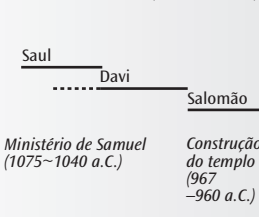
BABILÔNIA

NOVO IMPÉRIO BABILÔNIO

Nabopolasar
Nabucodonosor II

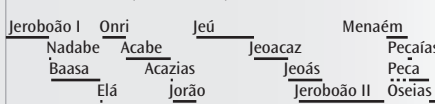
ISRAEL

MONARQUIA UNIDA (1050–931 a.C.)



MONARQUIA DIVIDIDA

REINO DE ISRAEL (931–722 a.C.)



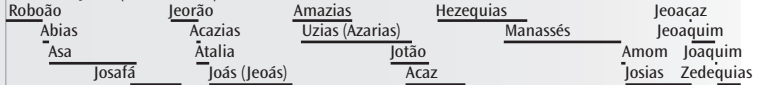
Destruição da Samaria pelos assírios, fim do reino de Israel (722 a.C.)

Judeus no exílio

Destruição de Jerusalém pelos babilônios fim do reino de Judá (586 a.C.)

Senaqueribe da Assíria ataca Judá (701 a.C.)

REINO DE JUDÁ (931–586 a.C.)



Sisague invade Judá (926 a.C.)

EGITO

TERCEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO (1069–664 a.C.)

21ª DINASTIA (1069–945 a.C.)

22ª DINASTIA (945–715 a.C.)

23ª DINASTIA (818–715 a.C.)

24ª DINASTIA

25ª DINASTIA/CUXITAS (780–656 a.C.)

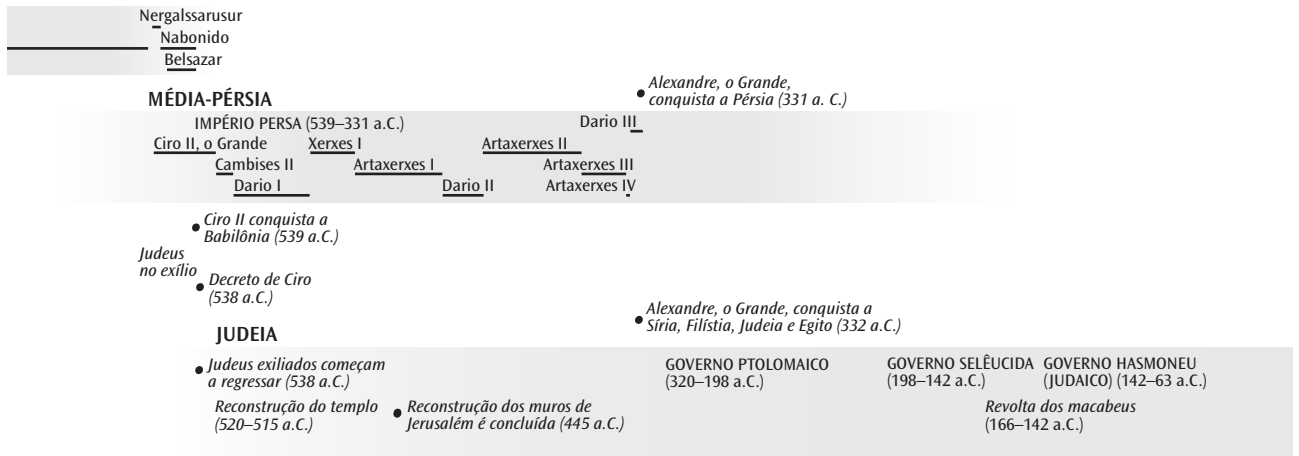
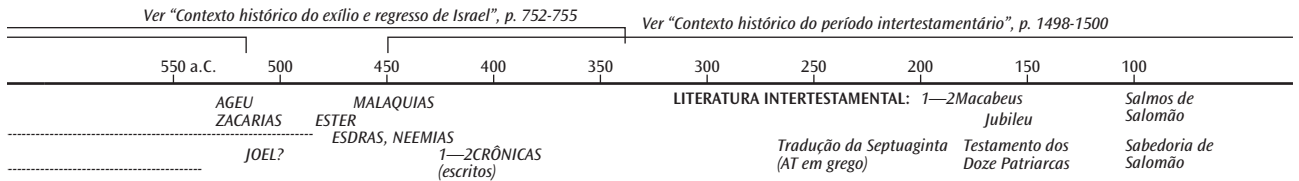
PERÍODO SAITE-PERSA

26ª DINASTIA (664–525 a.C.)

Os registros da história de Israel são bem mais escassos durante o período do exílio do que antes. Em vez de um relato abrangente e organizado, como o da monarquia de Israel, temos relatos esparsos em livros como 2Crônicas, Jere-mias, Ezequiel, Daniel e Ester.

O EXÍLIO E O REGRESSO DE ISRAEL

Nabucodonosor foi rei da Babilônia durante grande parte do exílio de Israel. Depois de sua morte (562 a.C.), levou menos de 25 anos para a Babilônia ser conquistada por Ciro, o Grande (539 a.C.). Ciro publicou um decreto que permiti-u aos judeus regressar à sua terra, agora chamada Judeia, e foi o que muitos fizeram. Esdras e Neemias narram alguns dos acontecimentos ocorridos na Judeia no período após o exílio, incluindo a reconstrução do templo e do muro de Jerusalém. Para mais informações sobre esse período, ver “Contexto histó-rico do exílio e regresso de Israel”, p. 752-755.



PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO Há um período de cerca de quatrocentos anos entre o final do AT e o início do NT. Não foi, contudo, um período vazio, sem acontecimentos históricos importantes. Pelo contrário, foi uma época de grandes mudanças. Com as conquistas de Alexandre, o Grande (332–323 a.C.), o domínio grego tomou o lugar do império persa. A cultura grega não pôde ser detida e começou a se espalhar por todo o mundo mediterrâneo. Roma também cresceu em poder e influência, até se tornar a potência dominante no mundo mediterrâneo do primeiro século a.C. Para mais informações, ver “Contexto histórico do período intertestamentário”, p. 1498-1500.

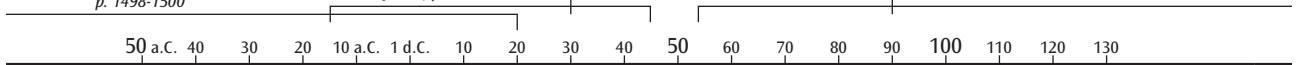
A VIDA DE JESUS Jesus de Nazaré nasceu na Judeia no ápice da cultura greco-romana e do poder romano. Teve uma vida relativamente curta numa região conturbada e remota do império romano e uma morte vergonhosa de criminoso. No entanto, ressuscitou dentre os mortos, mostrou a seus seguidores que estava vivo e subiu ao céu. Para mais informações, ver “Introdução aos quatro Evangelhos”, p. 1510-1513 e “Cronologia da vida de Jesus”, p. 1514-1516.

60 a.C.—335 d.C.
(14 anos/centímetro)

Ver “Contexto histórico do período intertestamentário”, p. 1498-1500

Ver “Cronologia da vida de Jesus”, p. 1514-1516

Ver “Cronologia da era apostólica”, p. 1757-1758



ACONTECIMENTOS NOS LIVROS DO NT:
 MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO
 ATOS
 TIAGO HEBREUS
 1—2 PEDRO
 CARTAS DE PAULO
 APOCALIPSE?
 CARTAS DE JOÃO
OBRAS PÓS-APOSTÓLICAS:
 1 Clemente
 Cartas de Inácio
 O Pastor de Hermas
 Didaquê

ROMA

REPÚBLICA ROMANA (510–27 a.C.)
 Assassinato de Júlio César (março de 44 a.C.)

IMPÉRIO ROMANO
 DINASTIA JÚLIO-CLAUDIANA (27 a.C.–68 d.C.)
 Otaviano Augusto César
 Tibério César

Cláudio César
 Nero César
 Gaio Calígula César

DINASTIA FLAVIANA
 Vespasiano
 Títo
 Domiciano

DINASTIA ANTONINA (96–192 d.C.)
 Nerva
 Trajano
 Adriano

CRISTIANISMO

Viagens missionárias e cartas de Paulo
 Início da igreja em Jerusalém
 Execução de Tiago, filho de Zebedeu
 Conversão de Paulo
 Concílio de Jerusalém
 Apedrejamento de Tiago, irmão de Jesus, em Jerusalém
 Morte do apóstolo João em Éfeso
 Clemente I de Roma
 Papias de Hierápolis

64–65 d.C.
 Nero persegue os cristãos; martírio de Pedro e Paulo

~95 d.C.
 Domiciano persegue os cristãos

Jesus nasce

Jesus morre e ressuscita

Ministério de João Batista

TERRITÓRIOS JUDAICOS

Herodes, o Grande

Herodes Antipas

Herodes Arquelau

Hircano II

Anãs

Caifás

Pôncio Pilatos

Félix

Festo

Herodes Agripa II

Herodes Agripa I

Destruição de Jerusalém (70 d.C.)

Rebelião de Simão Bar Kochba contra Roma (121–135 d.C.)

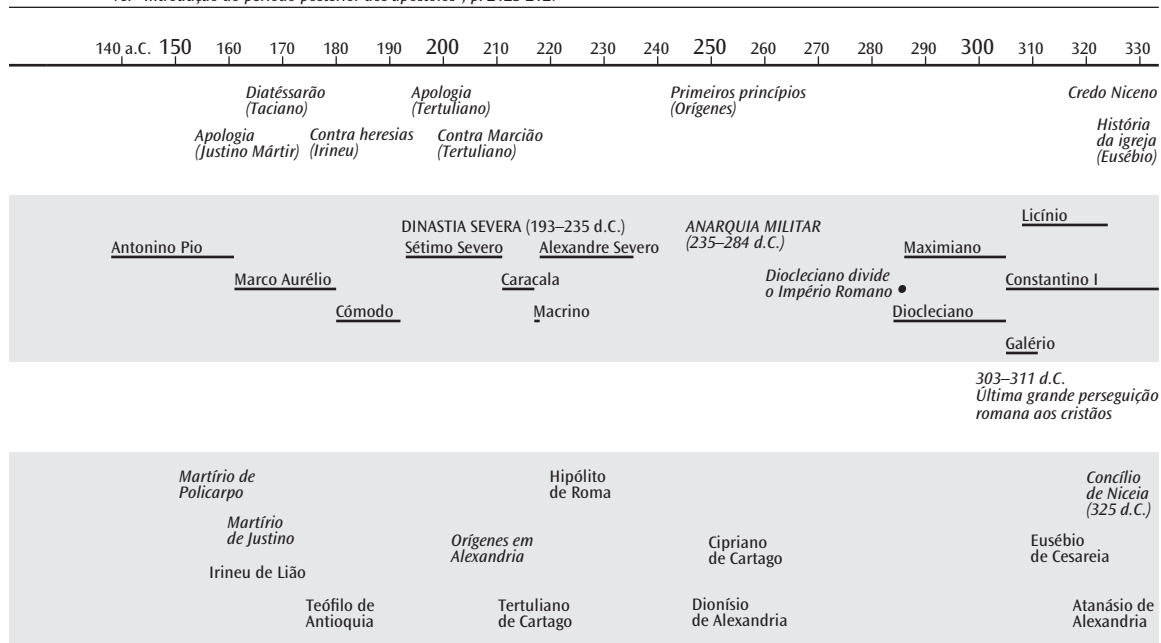
Logo depois da ressurreição de Jesus, seus seguidores começaram a proclamar as boas-novas, e o movimento daqueles que creram nessa mensagem se propagou pelo mundo romano durante o primeiro século d.C. O livro de Atos e as cartas de Paulo e de outros apóstolos registram acontecimentos ocorridos na comunidade cristã durante esse período. Para mais informações a respeito da cronologia dessa época, ver “Cronologia da era apostólica”, p. 1757-1758.

A ERA APOSTÓLICA

No final do primeiro século, todos os apóstolos de Jesus haviam morrido, mas a igreja continuava a crescer. Para os primeiros cristãos depois da era apostólica, eles e suas comunidades eram uma extensão do ministério dos apóstolos. Preservaram a fé que os apóstolos haviam lhes transmitido e, em algumas ocasiões, sofreram perseguição severa de seus vizinhos e do governo romano. Para mais informações, ver “Introdução ao período posterior aos apóstolos”, p. 2123-2127.

O PERÍODO POSTERIOR AOS APÓSTOLOS

Ver “Introdução ao período posterior aos apóstolos”, p. 2123-2127



Tem início
a dispersão
dos judeus

MAPAS GERAIS DA *Bíblia de Estudo NVT*

Onde Abraão viveu, por onde viajou e onde obedeceu à instrução de Deus para sacrificar seu filho (Gn 12—22)? Por que Josias confrontou o faraó Neco e morreu (2Rs 23.29-30; 2Cr 35.20-27; Jr 46)? Por que Jesus passou por Samaria quando fez sua última viagem a Jerusalém (Jo 4.4)? Como o apóstolo Paulo acompanhou as igrejas que havia fundado em sua primeira viagem missionária



(At 13—14; 16)? Encontramos as respostas para perguntas desse tipo mais facilmente por meio do estudo da geografia da Bíblia.

A REGIÃO MEDITERRÂNEA ORIENTAL E O ORIENTE PRÓXIMO

Os acontecimentos da Bíblia ocorreram nas terras ao redor da região leste do MAR MEDITERRÂNEO e no Oriente Próximo, a região que abrange o EGITO, CANAÃ e a SÍRIA até a MESOPOTÂMIA e a PÉRSIA. O antigo Oriente Próximo é o cenário dos primeiros acontecimentos registrados na história e é o mundo dentro do qual a nação de Israel foi formada e se desenvolveu. Abraão viajou de HARÃ, na alta Mesopotâmia, para Canaã (Gn 12). Seus descendentes se mudaram para o Egito (Gn 46), onde passaram vários séculos antes de regressar a Canaã e estabelecer ali a nação de Israel (Êx—Js).



Depois que os descendentes de Abraão viveram durante quase mil anos na terra de Israel (ver abaixo), voltaram à Mesopotâmia como exilados (2Rs 17; 24—25). Posteriormente, o povo judeu regressou a JERUSALÉM e à Judeia, onde restabeleceu sua comunidade (Ed—Ne). Depois da morte e ressurreição de Jesus, a comunidade cristã que havia começado em Jerusalém se espalhou à medida que Paulo e os outros apóstolos levaram as boas-novas a todo o mundo conhecido na época (At 2—28).



ISRAEL E SEUS VIZINHOS

Muitos dos acontecimentos críticos da história do povo de Deus ocorreram em Canaã e seus arredores, na região que veio a ser chamada terra de Israel (desde Dã, ao norte, até Berseba, ao sul). Além de Abraão ter passado boa parte de sua vida nessa terra, foi ali que a nação de Israel viveu (Js—Ne). Entre os vizinhos de Israel, estavam outros descendentes de Abraão, a saber, os povos de Edom, Moabe e Amom (ver Gn 19; 25). Além deles, o povo da Síria habitava as terras a nordeste, enquanto o povo da Filístia ocupava o oeste, e o povo da Fenícia, o norte, ao longo da costa, em Tiro, Sidom e seus arredores.

Depois do exílio, muitos judeus voltaram e reestabeleceram a comunidade judaica em Jerusalém e na Judeia (Ed—Ne, Ag, Zc). Mais adiante, Jesus nasceu em Belém da Judeia, cresceu em Nazaré da Galileia, e morreu em Jerusalém (Mt—Jo). Em Jerusalém, Jesus ressuscitou e a igreja teve início (At). Enquanto as boas-novas a respeito de Jesus se espalhavam por todo o mundo mediterrâneo, Jerusalém e a Judeia continuaram a fazer parte da vida da comunidade cristã até a destruição de Jerusalém em 70 d.C. (p. ex., At 15).

Entender a geografia desses e de outros acontecimentos da Bíblia nos permite ver com mais clareza seus desdobramentos e seu significado. Por esse motivo, há diversos mapas ao longo de toda a Bíblia de estudo NVT. A maioria dos livros bíblicos traz um mapa em sua introdução. Todos os mapas e vários dos lugares citados neles se encontram relacionados no Índice de assuntos, p. 2151-2275.

COLABORADORES DA BÍBLIA DE ESTUDO NVT

EDIÇÃO EM INGLÊS (*NLT STUDY BIBLE*)

EDITORES

EDITOR GERAL

Sean A. Harrison

EDITOR EXECUTIVO

Mark D. Taylor

EDITORES DE CONTEÚDO

David P. Barrett

G. Patrick LaCosse

Bradley J. Lewis

Henry M. Whitney III

Keith Williams

EDITORA DE ESTILO

Linda Schlafer

PREPARADORES DE TEXTO

Keith Williams, Coordenador
geral

Leanne Roberts, Coordenadora
de revisão

Paul Adams

Jason Driesbach

Adam Graber

Annette Hayward

Judy Modica

Jonathan Schindler

Caleb Sjogren

Cindy Szponder

Lisa Voth

Matthew Wolf

REVISORES GERAIS

GÊNESIS A DEUTERONÔMIO

Daniel I. Block

JOSUÉ A ESTER, MAPAS

Barry J. Beitzel

JÓ A CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Tremper Longman III

ISAÍAS A MALAQUIAS

John N. Oswalt

MATEUS A ATOS

Grant R. Osborne

ROMANOS A APOCALIPSE

Norman R. Ericson

COLABORADORES

ACADÊMICOS

GÊNESIS

Andrew Schmutzer

Allen P. Ross

ÊXODO

John N. Oswalt

LEVÍTICO

William C. Williams

NÚMEROS

Gerald L. Mattingly

DEUTERONÔMIO

Eugene H. Merrill

JOSUÉ

Joseph Coleson

JUÍZES

Carl E. Armerding

RUTE

Joseph Coleson

Sean A. Harrison

1 E 2SAMUEL

Victor P. Hamilton

1 E 2REIS

Richard D. Patterson

1 E 2CRÔNICAS

August Konkel

ESDRAS, NEEMIAS, ESTER

Gary V. Smith

JÓ

Dale A. Brueggemann

SALMOS

Willem VanGemeren

PROVÉRBIOS

Tremper Longman III

ECLESIASTES

Sean A. Harrison

Daniel C. Fredericks

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Daniel C. Fredericks

Tremper Longman III

ISAÍAS

Willem VanGemeren

JEREMIAS, LAMENTAÇÕES

G. Herbert Livingston

EZEQUIEL

Iain Duguid

DANIEL

Eugene Carpenter

OSEIAS, JOEL

Owen Dickens

AMÓS

William C. Williams

OBADIAS

Carl E. Armerding

JONAS

G. Patrick LaCosse

MIQUEIAS

Eugene Carpenter

NAUM, HABACUQUE, SOFONIAS

Richard D. Patterson

AGEU, ZACARIAS, MALAQUIAS

Andrew Hill

MATEUS

Scot McKnight

MARCOS

Robert Stein

LUCAS

Mark Strauss

JOÃO

Gary M. Burge

ATOS

Allison Trites

ROMANOS

Douglas J. Moo

1CORÍNTIOS

Roger Mohrlang

2CORÍNTIOS

Ralph P. Martin

GÁLATAS

Sean A. Harrison

EFÉSIOS, FILIPENSES, FILEMOM

Roger Mohrlang

COLOSSENSES

Douglas J. Moo

1 E 2TESSALONICENSES

Gene L. Green

1 E 2TIMÓTEO, TITO

Jon Laansma

HEBREUS

George Guthrie

TIAGO
Norman R. Ericson

1 E 2 PEDRO, JUDAS
Douglas J. Moo

1 A 3 JOÃO
Philip W. Comfort

APOCALIPSE
Gerald Borchert

PERFIS DO ANTIGO TESTAMENTO
Temper Longman III

PERFIS DO NOVO TESTAMENTO
Roger Mohrlang

ARTIGOS
Daniel I. Block
Eugene Carpenter
Philip W. Comfort
Iain Duguid

Sean A. Harrison
Temper Longman III
Douglas J. Moo
Grant R. Osborne
Richard D. Patterson
Daniel H. Williams
William C. Williams

SISTEMA DE ESTUDO DE PALAVRAS
James A. Swanson
Keith Williams

REVISOR ESPECIAL
Kenneth N. Taylor

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO
EDITOR
Douglas R. Knox

ASSISTENTE DE EDIÇÃO
Blaine A. Smith

DIRETOR DE AQUISIÇÕES
Kevin O'Brien

EDITOR DE AQUISIÇÕES
Kim Johnson

OUTROS SERVIÇOS
DESIGNERS GRÁFICOS
Timothy R. Botts (miolo)
Dean Renninger (capa)

CARTOGRAFIA
David P. Barrett

ILUSTRADORES
Hugh Claycombe
Luke Daab
Sean A. Harrison

ÍNDICES
Karen Schmitt (Schmitt
Indexing)

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO
PRESIDENTE DO CONSELHO E
SUPERINTENDENTE GERAL
Mark Carpenter

GESTOR FINANCEIRO/
ADMINISTRATIVO
Ricardo Dinapoli

GESTOR DE OPERAÇÕES
Renato Fleischner

GERENTE DE PRODUÇÃO
EDITORIAL
Silvia Justino

ASSESSORA DE OPERAÇÕES
Lilian Melo

EQUIPE EDITORIAL
EDITOR GERAL
Daniel Faria

TRADUTORES
Susana Klassen
Thomas Tronco
Marcos Granconato
Estevan F. Kirschner
Vanderlei Ortigoza (mapas)

LEITURA TÉCNICA
Estevan F. Kirschner

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Luciana Chagas

REVISÃO DE TEXTO
Natália Custódio

DESIGN GRÁFICO
Assisnet Design Gráfico (miolo)
Maquinaria Studio (capa)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Heda Lopes

Nossos sinceros agradecimentos a todos que participaram da criação desta Bíblia de estudo e, acima de tudo, ao Senhor dos céus e da terra, que nos concedeu tão generosamente sua palavra e seu Espírito.

APRESENTAÇÃO

A Bíblia Sagrada só existe hoje por causa da dedicação constante e cuidadosa de arqueólogos, bibliotecários, especialistas em línguas antigas, tradutores, escribas, editores e gráficos em todo o mundo. A Bíblia atravessou milênios para tornar-se o maior *best-seller* de todos os tempos; é o alicerce da fé cristã e a palavra de Deus para a humanidade. Hoje é impossível estimar a importância desta obra como coluna central da civilização.

Há diversas edições da Bíblia em português. Algumas preservam o vocabulário e a sintaxe de séculos passados. Outras são atualizações de edições brasileiras e portuguesas de outrora. Há ainda versões mais recentes e paráfrases que facilitam a leitura com expressões idiomáticas comuns e vocabulário simples.

A Editora Mundo Cristão, fundada em 1965, sempre publicou Bíblias. Editou a *Bíblia Viva* em 1981 e a *Nova Bíblia Viva* em 2010. Além dessas paráfrases, editou também dezenas de Bíblias devocionais e de estudo, dirigidas aos mais variados segmentos e usando textos licenciados de sociedades bíblicas. Ao longo dos anos, fomos percebendo a necessidade de uma versão que combinasse rigor acadêmico na tradução das línguas originais (hebraico, grego e aramaico) e linguagem fluente e comunicativa para quem já conhece a Bíblia e também para uma nova geração de leitores.

Concluimos que havia espaço para uma nova versão que trouxesse ao leitor o que de melhor existe em erudição bíblica e os critérios mais recentes de seleção de fontes textuais, tudo isso com linguagem de fácil compreensão para quem fala português hoje. Juntamente com os professores Carlos Osvaldo Cardoso Pinto (1950–2014), doutor pelo Dallas Theological Seminary, e Estevan Kirschner, doutor pela London School of Theology, constituímos uma equipe de tradutores e revisores cristãos, especializados nas disciplinas essenciais para a execução do projeto.

A *Nova Versão Transformadora* (NVT) foi projetada para atender às exigências de diversos perfis de leitores: o especialista em exegese bíblica, o pastor que busca um texto confiável para fundamentar seus sermões, o leigo que procura uma palavra de inspiração bíblica que fale diretamente à alma e o jovem que espera compreender o que está lendo. A NVT é própria para leitura individual, devocional e até congregacional, em voz alta.

Creemos que esta edição da Bíblia Sagrada apresenta a Palavra de Deus com clareza e fidelidade. Publicamos a NVT orando para que Deus a use para comunicar sua verdade eterna à Igreja e ao mundo, de forma marcante e transformadora.

EDITORA MUNDO CRISTÃO
Outubro de 2016

INTRODUÇÃO À NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA

A *Nova Versão Transformadora* (NVT) é o resultado de um projeto iniciado em 2010 pela Mundo Cristão, juntamente com um comitê de tradutores especializados nas línguas originais em que o texto bíblico foi redigido. O objetivo, desde o princípio, foi produzir uma versão fiel e acessível, que comunicasse sua mensagem aos leitores de hoje de modo tão claro e relevante quanto os textos originais comunicaram aos leitores e ouvintes do mundo antigo.

FILOSOFIA E METODOLOGIA DE TRADUÇÃO

As traduções bíblicas são norteadas, em geral, por uma de duas teorias da tradução. A primeira abordagem é chamada “equivalência formal”, “literal” ou tradução “palavra por palavra”. O tradutor que segue essa teoria procura traduzir cada palavra da língua original para a língua nativa e tenta preservar o máximo possível a sintaxe e a estrutura das frases. A segunda abordagem é chamada “equivalência dinâmica”, “equivalência funcional” ou tradução “pensamento por pensamento”. Seu objetivo é produzir um texto que seja o equivalente natural mais próximo da mensagem expressada pelo texto original, tanto em termos de significado como de estilo.

As duas teorias da tradução têm seus pontos fortes. A tradução por equivalência formal preserva aspectos do texto original — incluindo sintaxe, expressões idiomáticas e coerência no uso de termos — de grande valor para acadêmicos e estudos profissionais. Ela permite que o leitor identifique na tradução os elementos formais do texto na língua original. A tradução por equivalência dinâmica, em contrapartida, focaliza a tradução da mensagem. Ela proporciona acesso direto ao texto, permitindo que o significado fique claro de imediato, sem exigir que o leitor lide com expressões

idiomáticas e sintaxes incomuns. Também facilita o estudo sério da mensagem do texto e a clareza no uso devocional e na leitura em público.

A aplicação pura de qualquer uma dessas filosofias de tradução criaria traduções em extremos opostos de uma gama de possibilidades. Na realidade, porém, todas as traduções refletem uma mistura dessas duas filosofias. Uma tradução puramente por equivalência formal seria ininteligível em nossa língua, e uma tradução puramente por equivalência dinâmica correria o risco de não ser fiel ao original. Por isso, as traduções baseadas na teoria de equivalência dinâmica geralmente são bastante literais quando o texto original é relativamente claro, enquanto as traduções baseadas na teoria da equivalência formal por vezes são bastante dinâmicas quando o texto original é obscuro.

Os tradutores da NVT se propuseram transpor com clareza a mensagem dos textos originais das Escrituras para o português contemporâneo. Ao fazê-lo, levaram em consideração tanto aspectos da equivalência formal como da equivalência dinâmica. Isto é, traduziram o original do modo mais simples e literal possível quando essa abordagem resultasse num texto preciso, claro e natural. Muitas palavras e expressões foram passadas para o português de forma literal e semelhante ao longo de todo o texto, visando à preservação de recursos literários e retóricos, metáforas antigas e escolhas de termos que conferem estrutura à tradução e fazem o sentido de uma passagem ressoar na passagem seguinte.

Por sua vez, os tradutores buscaram uma abordagem mais dinâmica à mensagem quando a tradução literal era de difícil compreensão, ambígua ou exigia o uso de termos arcaicos ou incomuns, esclarecendo metáforas e termos difíceis a fim de tornar o

texto mais inteligível. Primeiro os tradutores procuraram identificar o significado das palavras e das expressões no contexto antigo; depois, traduziram a mensagem para o português com clareza e naturalidade. O resultado, acreditamos, é uma tradução exegeticamente precisa e idiomáticamente eficaz.

PROCESSO E EQUIPE DE TRADUÇÃO

A fim de produzir uma tradução precisa da Bíblia para o português contemporâneo, a equipe de tradução teria de inserir-se no modo de pensar dos autores antigos, para depois transpor suas ideias, conotações e efeitos para nossa linguagem atual. Para dar início a esse processo, era necessário encontrar estudiosos da Bíblia qualificados para interpretar o significado do texto original e compará-lo com a tradução básica para o português. Com o intuito de evitar qualquer viés pessoal ou denominacional, buscamos estudiosos que representassem um grupo diversificado de evangélicos capazes de se valer das melhores ferramentas exegéticas hoje disponíveis. Em seguida, para trabalhar ao lado desses estudiosos, era preciso formar uma equipe de competentes revisores de língua portuguesa para dar ao texto uma forma clara em nosso idioma contemporâneo.

Com essas questões em mente, e tomando como ponto de partida os métodos de tradução das edições mais recente da *New Living Translation* (NLT), tradução em língua inglesa publicada pela Tyndale House Publishers e conhecida por sua comunicabilidade e acessibilidade, a Mundo Cristão reuniu uma equipe de especialistas que representam uma ampla gama de perspectivas denominacionais e teológicas dentro da comunidade evangélica brasileira. Duas equipes de peritos, uma para o Antigo e outra para o Novo Testamento, se responsabilizaram

por fazer uma revisão minuciosa da tradução básica e sugerir revisões ao Coordenador de Tradução, que avaliou essas sugestões e propôs um texto revisado inicial. Esse primeiro rascunho serviu de base para várias fases adicionais de revisão exegética e estilística. Em seguida, houve um trabalho conjunto de revisão e aprovação da tradução final.

Ao contar com uma equipe de especialistas qualificados e revisores competentes num processo que permitisse a interação dos dois grupos ao longo do trabalho, a NVT foi aprimorada de modo que preservasse os elementos formais dos textos bíblicos originais e, ao mesmo tempo, criasse um texto claro e inteligível em nossa língua.

ESCRITA PARA A LEITURA PÚBLICA

Fica evidente nas Escrituras que os documentos bíblicos foram redigidos para serem lidos em voz alta, com frequência no culto público (ver Ne 8; Lc 4.16-20; 1Tm 4.13; Ap 1.3). Ainda é fato hoje em dia que mais pessoas ouvem a Bíblia ser lida em voz alta na igreja em vez de a lerem sozinhas. Logo, uma nova tradução deve comunicar a mensagem de modo claro e eficaz ao ser lida em público. A clareza era um dos objetivos principais dos tradutores da NTV, não apenas para facilitar a leitura particular e sua compreensão, mas para garantir também que o texto seria excelente para a leitura pública e exerceria forte e imediato impacto sobre os ouvintes.

OS TEXTOS POR TRÁS DA NVT

Na tradução do Antigo Testamento, empregou-se o Texto Massorético da Bíblia hebraica, representado na *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (1977), com seu amplo sistema de notas textuais e que constitui uma atualização da *Biblia Hebraica* de Rudolf Kittel (Stuttgart, 1937). Também houve comparações com os Manuscritos do Mar Morto, a Septuaginta e outros manuscritos gregos, o Pentateuco Samaritano, a Peshita Síriaca, a Vulgata Latina e outras versões ou manuscritos que esclarecem o significado de passagens difíceis.

Os tradutores do Novo Testamento usaram as duas edições clássicas do Novo Testamento em grego: o *Greek New Testament*, publicado pela United Bible Societies (UBS, 4ª edição revisada, 1993), e o *Novum Testamentum Graece*, editado por Nestle e Aland (NA, 27ª edição, 1993). Essa duas edições, que trazem o mesmo texto mas diferem em pontuação e em notas textuais, representam, em sua maior parte, o que há de melhor nos estudos acadêmicos textuais modernos. No entanto, os tradutores escolheram diferir dos textos gregos da UBS e de NA nos casos em que fortes evidências textuais ou outras evidências acadêmicas corroboravam sua decisão e seguiram variações encontradas em outras testemunhas textuais antigas. Essas variações textuais significativas são sempre indicadas nas notas textuais da NVT.

QUESTÕES DE TRADUÇÃO

No trabalho de tradução, buscamos deliberadamente oferecer um texto que pudesse ser entendido com facilidade por um leitor típico da língua portuguesa moderna. Para isso, procuramos usar apenas vocabulário e estruturas gramaticais de uso comum nos dias de hoje. A fim de tornar a NVT proveitosa do modo mais amplo e duradouro possível, evitamos linguagem que poderia se tornar desatualizada em pouco tempo ou que refletisse apenas um subdialeto restrito de nossa língua.

Nossa preocupação com a facilidade de leitura, no entanto, foi além das questões de vocabulário e estrutura gramatical. Também levamos em conta barreiras históricas e culturais para a compreensão da Bíblia e procuramos traduzir termos fortemente associados à história e à cultura de forma que pudessem ser entendidos com facilidade. Para isso:

- Convertemos pesos e medidas antigos (p. ex., “efa” [unidade de medida de secos] ou “côvado” [unidade de comprimento]) para equivalentes contemporâneos em nossa língua, visto que, de modo geral, as medidas antigas não comunicam seu sentido

para os leitores atuais. Então, nas notas de rodapé, apresentamos as medidas literais em hebraico, aramaico ou grego.

- Em vez de traduzir literalmente valores monetários antigos, procuramos expressá-los em termos que transmitissem o sentido mais amplo. Por exemplo, no Antigo Testamento, “dez siclos de prata” foi traduzido como “dez moedas de prata”, para comunicar a ideia pretendida. No Novo Testamento, houve várias ocasiões em que traduzimos “denário” como “uma moeda de prata”, a fim de facilitar a compreensão. Em seguida, explicamos em uma nota: “Em grego, 1 *denário*. Um denário equivalia ao salário por um dia completo de trabalho”. Em geral, fornecemos uma tradução clara em português e depois indicamos o texto hebraico, aramaico ou grego literal em uma nota de rodapé.
- Visto que os nomes dos meses hebraicos são desconhecidos para a maioria dos leitores contemporâneos e que o calendário lunar hebraico varia de um ano para outro em relação ao calendário solar usado hoje em dia, procuramos maneiras claras de comunicar a época do ano correspondente ao mês hebraico (p. ex., abibe). Quando o texto fornece uma tradução expandida ou interpretativa, apresentamos o texto literal na nota de rodapé. Nos casos em que é possível definir uma data antiga conforme nosso calendário moderno, usamos as datas modernas no texto. Uma nota indica, então, a data hebraica literal e o raciocínio pelo qual chegamos à nossa tradução. Por exemplo, Esdras 6.15 informa que o templo construído depois do exílio em Jerusalém foi concluído “no dia 12 de março, no sexto ano do reinado do rei Dario”. Nesse caso, a nota traz: “Em aramaico, no *terceiro dia do mês de adar*, do antigo calendário lunar hebraico. Vários acontecimentos em Esdras podem ser confirmados por datas em registros persas que sobreviveram ao tempo e relacionados com precisão ao

calendário moderno. O ano foi 515 a.C.”.

- Visto que as referências antigas às horas do dia são diferentes de nossos métodos modernos de indicar tempo, usamos traduções facilmente compreensíveis para o leitor moderno. Logo, empregamos horários específicos do dia com seus equivalentes aproximados em nosso sistema, “às __ horas”. No caso de referências bíblicas mais gerais, empregamos expressões como “logo cedo na manhã seguinte” ou “ao pôr do sol”.
- Quando o significado de um nome próprio (ou um jogo de palavras inerente a um nome próprio) é relevante para a mensagem do texto, seu significado é, com frequência, esclarecido em uma nota de rodapé. Por exemplo, Êxodo 2.10 traz: “A princesa o chamou de Moisés, pois disse: ‘Eu o tirei da água’”. A nota diz: “O som do nome *Moisés* é semelhante ao de um termo hebraico que significa ‘tirar para fora’”.
- Muitos termos e expressões têm associados a eles uma forte carga de significado que ficava evidente para os primeiros leitores, mas que requerem uma explicação em nossa cultura. Por exemplo, na antiguidade, o ato de rasgar as roupas (p. ex., Lv 10.6) indicava que alguém estava profundamente triste e, muitas vezes, de luto. Em nossa tradução, optamos por traduzir essa expressão de forma dinâmica para mais clareza: “Não rasgou suas roupas em sinal de luto”.
- A linguagem metafórica por vezes é de difícil compreensão para o leitor contemporâneo, de modo que, em certas ocasiões, optamos por traduzir ou esclarecer o significado de determinada metáfora. Por exemplo, o poeta escreve: “Seu pescoço é como a torre de Davi” (Ct 4.4). Traduzimos: “Seu pescoço é belo, como a torre de Davi”, para esclarecer o sentido positivo pretendido pela símile. Um caso semelhante se encontra em Eclesiastes 12.3, que pode ser traduzido literalmente como “Lembre-se dele [...] antes que os moedores cessem porque são poucos, e os que

olham pela janela se escureçam”. Traduzimos: “Lembre-se dele antes que os poucos dentes que lhe restam já não possam mastigar, e antes que seus olhos deixem de ver com clareza”, apontando na nota de rodapé o texto original. Esclarecemos metáforas desse tipo somente quando nos pareceu que o leitor típico ficaria confuso com o texto literal.

- Quando o conteúdo da linguagem original é de caráter poético, traduzimos para o português de forma poética. Procuramos quebrar as linhas visando esclarecer e destacar a relação entre as frases do texto. A poesia hebraica empregava com frequência o paralelismo, uma forma literária em que a segunda frase (ou, em alguns casos, a terceira ou quarta) repete de algum modo a frase inicial. No paralelismo hebraico, as frases paralelas subsequentes dão continuidade e ao mesmo tempo expandem ou aprimoram a ideia expressa na linha ou frase inicial. Sempre que possível, procuramos representar essas frases paralelas em português de forma natural e poética.
- Um dos desafios enfrentados foi como traduzir o texto bíblico antigo escrito num contexto em que termos masculinos eram usados para se referir à humanidade em geral. Era necessário respeitar a natureza do contexto antigo e, ao mesmo tempo, procurar tornar a tradução mais clara para o público moderno, cuja tendência é considerar que termos masculinos são voltados apenas para o público masculino. Muitas vezes, embora o texto original empregue substantivos e pronomes masculinos, a intenção é que a mensagem seja aplicada tanto a homens como a mulheres.

Também levamos em consideração passagens em que o texto se aplica aos seres humanos ou à condição humana de modo geral. Em alguns casos, usamos pronomes plurais (eles) no lugar do singular masculino (ele). Por exemplo, uma tradução literal de Provérbios 22.6 é: “Instrua o menino no caminho em que deve andar, e, quando for velho, não

se desviará dele”. Traduzimos: “Ensine seus filhos no caminho certo, e, mesmo quando envelhecerem, não se desviarão dele”.

Assim, respeitando a natureza do contexto antigo e, ao mesmo tempo, procurando tornar a tradução mais clara para o público atual, muitas vezes onde a tradução tradicional traz “homem” como sinônimo de espécie humana, optamos por “seres humanos” ou “humanidade”, dentre outras escolhas. Por sua vez, as distinções de gênero entre homem e mulher nos textos originais foram rigidamente preservadas. Devemos enfatizar, também, que todos os substantivos e pronomes masculinos referentes a Deus (p. ex., “Pai”) foram mantidos, sem exceção. Todas as decisões desse tipo foram motivadas por uma preocupação em refletir de modo preciso o significado pretendido pelos textos originais das Escrituras.

COERÊNCIA LÉXICA NA TERMINOLOGIA

Por uma questão de clareza, traduzimos certos termos das línguas originais sempre da mesma forma, especialmente nas passagens sinópticas e em expressões retóricas repetidas com frequência, bem como em certos conjuntos de termos como os nomes divinos e terminologia técnica não teológica (p. ex., termos litúrgicos, legais, culturais, zoológicos e botânicos). Nas ocorrências de termos teológicos, deixamos espaço para um âmbito semântico mais amplo de palavras ou expressões aceitáveis em português como tradução para uma palavra hebraica ou uma palavra grega. Evitamos alguns termos teológicos que muitos leitores teriam dificuldade de compreender. Por exemplo, procuramos não usar palavras como “justificação” e “santificação”, que são empréstimos de traduções para o latim. No lugar dessas palavras, oferecemos traduções como “declarar justo” e “tornar santos”.

GRAFIA DE NOMES PRÓPRIOS

Muitos indivíduos da Bíblia, especialmente do Antigo Testamento,

são conhecidos por mais de um nome (p. ex., Uzias/Azarias). Por uma questão de clareza, procuramos usar somente uma grafia do nome de cada indivíduo, com notas de rodapé que fornecem a grafia literal sempre que difere daquela que usamos. Essa abordagem é particularmente útil na descrição dos reis de Israel e de Judá. O rei Joás/Jeoás de Israel é sempre chamado Jeoás, enquanto o rei Jeoás/Joás de Judá é sempre chamado Joás. A mesma distinção é usada entre Jorão/Jeorão de Israel e Jorão/Jeorão de Judá. Todas essas decisões foram tomadas com o objetivo de esclarecer o texto para o leitor.

Quanto aos nomes Jacó e Israel, usados de forma intercambiável tanto para o patriarca como para a nação, geralmente traduzimos “Israel” quando se refere à nação e “Jacó” quando se refere ao indivíduo. Nos casos em que a tradução do nome difere do texto hebraico original, fornecemos uma nota de rodapé que traz a seguinte explicação: “Os nomes ‘Jacó’ e ‘Israel’ são usados de forma intercambiável ao longo de todo o Antigo Testamento e se referem, por vezes, ao patriarca e, em outras ocasiões, à nação”.

A TRADUÇÃO DOS NOMES DIVINOS.

Todas as ocorrências de *‘el*, *‘elohim* ou *‘elah* foram traduzidas como “Deus”, exceto nos contextos que exigem a tradução “deus(es)”. Em geral, traduzimos o tetragrama (*YHWH*) como “o SENHOR”, usando fonte versal/versaleta, comum nas traduções em português. Essa tradução o distingue do nome *‘adonai*, que traduzimos como “Senhor”. Quando *‘adonai* e *YHWH* aparecem juntos, traduzimos como “SENHOR Soberano”. Essa tradução também distingue *‘adonai YHWH* de casos em que *YHWH* ocorre junto com *‘elohim*, traduzido como “SENHOR Deus”. Quando *YHWH* ocorre com o termo *tseba’oth*, traduzimos como “SENHOR dos Exércitos”, a fim de transmitir o significado do nome. Em uns poucos casos, usamos a transliteração “Javé”, quando o caráter pessoal do nome é invocado

em contraste com outro nome divino ou com o nome de algum outro deus (ver, p. ex., Êx 3.15; 6.2-3).

No Novo Testamento, o termo grego *christos* foi traduzido como “Cristo”, com uma nota de rodapé na primeira ocorrência do termo em cada livro trazendo o texto: “Ou *Messias*. Tanto *Messias* (do hebraico) como *Cristo* (do grego) significam “ungido”. O termo grego *kurios*, por sua vez, é sempre traduzido como “Senhor”.

NOTAS TEXTUAIS DE RODAPÉ

A NVT fornece vários tipos de notas textuais de rodapé:

- Quando, por uma questão de clareza, a NTV traduz de forma dinâmica uma frase difícil ou que pode causar confusão, geralmente acrescentamos uma nota de rodapé, permitindo que o leitor veja a fonte literal de nossa tradução dinâmica e como ela é relacionada a outras traduções mais literais. Por exemplo, em Lucas 14.15, traduzimos a expressão literal “comer pão” (do grego) como “participar do banquete” para esclarecer essa expressão que se refere a uma refeição mais ampla, e não unicamente de pão. Acrescentamos, então, uma nota de rodapé: “Em grego, *comer pão*”.
- Também usamos notas de rodapé para mostrar traduções alternativas. Nesses casos, a nota começa com o termo “Ou”. Em geral, ocorre em passagens em que um aspecto do significado é controverso. Por vezes, também apresentamos notas para palavras ou expressões que diferem de tradições de longa data. Essas notas trazem a indicação “Traduzido tradicionalmente como”. Por exemplo, a nota de rodapé da tradução “flor que nasce na planície de Sarom”, em Cântico dos Cânticos 2.1, diz: “Traduzido tradicionalmente como *Eu sou a rosa de Sarom*, região na planície costeira da Palestina”.
- Quando nossos tradutores seguem uma variação textual que difere consideravelmente de alguns textos hebraicos ou gregos,

registramos essa diferença numa nota de rodapé. Também acrescentamos notas nos casos em que a NTV exclui uma passagem que fazia parte do texto grego chamado *Textus Receptus*. Nesses casos, apresentamos na nota uma tradução do texto excluído, mesmo que seja reconhecidamente um acréscimo posterior ao texto grego e não faça parte do Novo Testamento grego original.

- Todas as passagens do Antigo Testamento citadas no Novo Testamento são identificadas por uma nota de rodapé na passagem do Novo Testamento. Quando o Novo Testamento cita claramente a tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), e quando ela difere consideravelmente dos termos usados no texto em hebraico, também acrescentamos uma nota de rodapé na passagem do Antigo Testamento. Essa nota traz uma tradução da versão grega, bem como uma referência cruzada com a passagem (ou as passagens) do Novo Testamento onde é citada (ver, p. ex., as notas em Sl 8.2; 53.3; Pv 3.12).
- Algumas notas fornecem informações culturais e históricas sobre lugares, coisas e pessoas na Bíblia que provavelmente são desconhecidos para o leitor moderno. Elas visam ajudar o leitor a entender a mensagem do texto. Por exemplo, em Atos 12.1, o “rei Herodes” aparece na tradução como “rei Herodes Agripa” e é identificado na nota de rodapé como “sobrinho de Herodes Antipas e neto de Herodes, o Grande”.
- Quando o significado de um nome próprio (ou um jogo de palavras inerente a um nome próprio) é relevante para o significado do texto, ele é esclarecido numa nota de rodapé. Por exemplo, a nota sobre o nome “Eva” em Gênesis 3.20, diz: “O som do nome *Eva* é semelhante ao de um termo hebraico que significa ‘dar vida’”. Esse jogo no hebraico esclarece o significado do texto, que diz, na sequência: “pois ela seria a mãe de toda a humanidade”.

Ao entregarmos a NVT para ser publicada, sabemos que qualquer tradução das Escrituras tem limitações e imperfeições. Qualquer um que alguma vez tenha procurado comunicar a riqueza da palavra de Deus em outra língua sabe que é impossível gerar uma tradução perfeita. Cientes dessas limitações, buscamos a direção e a sabedoria de Deus ao longo de todo o projeto. Agora, pedimos que ele aceite

nossos esforços e use esta tradução para beneficiar a igreja e todas as pessoas.

Nossa expectativa, por fim, é que a NVT tenha superado algumas barreiras históricas, culturais e linguísticas que podem dificultar a leitura e a compreensão da palavra de Deus. Esperamos que, para os leitores que não conhecem a Bíblia, o texto seja claro e fácil de entender, e desejamos

que os leitores versados nas Escrituras possam vê-las com um novo olhar. É nosso desejo, também, que os leitores adquiram instrução e sabedoria para viver, mas, acima de tudo, que encontrem o Deus da Bíblia, venham a conhecê-lo e, com isso, sejam transformados para sempre.

COMITÊ DE TRADUÇÃO DA BÍBLIA
Outubro de 2016

LISTA DE PESOS, MEDIDAS E MOEDAS ANTIGAS

PESO	talento (60 minas)	35 quilos
	mina (50 siclos)	600 gramas
	siclo	12 gramas
	pim (2/3 siclo)	8 gramas
	beca (1/2 siclo)	6 gramas
	gera (1/20 siclo)	0,6 gramas
	litra	340 gramas
COMPRIMENTO	côvado longo	53 centímetros
	côvado	45 centímetros
	palmo	22,5 centímetros
	largura da mão	8 centímetros
	braça	1,8 metros
	vara	3 metros
estádio	187 metros	
CAPACIDADE	<i>Medidas de secos</i>	
	ômer (10 efas)	220 litros
	letek (5 efas)	110 litros
	efa	22 litros
	seá (1/3 de efa)	6 litros
	gômer (1/10 de efa)	2,2 litros
	<i>Medidas de líquidos</i>	
	bato	21 litros
	him (1/5 de bato)	4 litros
	caneca (1/72 de bato)	0,3 litros
MOEDAS	<i>Romanas</i>	
	denário	salário de um dia de trabalho (de um trabalhador braçal)
	asse	1/16 de denário
	quadrante	1/64 de denário
	<i>Gregas</i>	
	dracma	~1 denário
	didracma	2 dracmas
	estáter	4 dracmas
	<i>Judaica</i>	
	lépton	1/2 quadrante

ABREVIATURAS E INDICADORES

a.C.	antes de Cristo	kg	quilogramas
asc.	ascensão	km	quilômetros
AT	Antigo Testamento	lit.	literalmente
cap., caps.	capítulo, capítulos	i.e.	<i>id est</i> (isto é)
c.	<i>circa</i> (cerca de)	m	metros
cf.	confira	NT	Novo Testamento
cm	centímetros	p.	página, páginas
cp.	comparar	p. ex.	por exemplo
d.C.	depois de Cristo	tb.	também
g	gramas	v.	versículo, versículos

ANTIGO TESTAMENTO



INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

O Antigo Testamento é a palavra de Deus, revelada a seu povo ao longo das eras. Descreve a criação do mundo e da humanidade, a origem do pecado e o início do plano divino de redenção. Ajuda-nos a entender melhor quem Deus é, o que ele faz e como devemos viver.

O AT estimula a imaginação e desperta emoções. Traz relatos empolgantes de acontecimentos reais, poemas comoventes e exortações fortalecedoras. Ensina o plano de Deus, revela sua vontade e nos ajuda a tomar decisões. Ler o AT é como olhar num espelho, pois ele desvenda nossa alma. Lança uma semente que cresce e, por fim, transforma nosso caráter.

Jesus enfatizou a importância de entender o AT (Lc 24.25-27), e Paulo se referia principalmente ao AT quando disse: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida” (2Tm 3.16). O AT nos proporciona conhecimento profundo a respeito de Deus, de nós mesmos e do mundo.

CONTEXTO

A geografia de Israel abrange *uádis* (leitos de rios que secam sazonalmente) pedregosos, vales com terra boa para a agricultura, colinas ondulantes, desertos áridos e litorais arenosos. A Bíblia descreve Israel como uma terra fértil que “produz leite e mel com fartura” (Êx 3.8,17; Nm 13.27). Uma estiagem, porém, pode causar séria escassez de alimento.

Antes de o povo de Israel ocupar essa terra, ela era chamada de Canaã. Era constituída de várias cidades-estados, cada uma governada por um rei. Ocasionalmente, esses reis faziam alianças entre si. O povo cananeu continuou a ser uma ameaça política para os israelitas até o tempo do rei Davi, que derrotou tanto o cananeu como os filisteus. O culto cananeu a Baal e a Astarote, porém, persistiu em Israel.

Em comparação com as superpotências da época (Assíria, Babilônia, os hititas, Egito e Pérsia), Israel era uma nação pequena. No entanto, era importante em termos estratégicos, pois ficava na principal rota entre a Mesopotâmia e o Egito.

Diversas nações controlaram a Mesopotâmia ao longo do AT: Assíria ao norte, Babilônia ao sul e Pérsia a leste, três potências que procuravam continuamente expandir suas fronteiras.

O Egito, nação cuja identidade e riqueza dependiam do rio

Nilo, também foi uma superpotência durante boa parte do período do AT. No tempo entre José e o êxodo, oprimiu e escravizou o povo de Israel, que se multiplicou a partir de uma família de setenta pessoas até formar uma grande nação. Mesmo após o êxodo, o Egito continuou a fazer parte da história de Israel. Perto do final do período da monarquia de Israel, os últimos reis de Judá, em pânico, esperavam que os egípcios os salvassem dos babilônios. Mas o Egito mostrou que era “um juncos que se quebra sob seu peso e perfura sua mão” (2Rs 18.21).

Logo ao norte de Israel ficava a Síria, cuja principal cidade era Damasco. Do tempo de Davi em diante, Israel teve diversos conflitos com os sírios.

Perto do final do período do AT, a Pérsia, que ocupava a região a leste da Mesopotâmia, cresceu em poder. Sua ascensão teve início em meados do século 6 a.C. e levou à queda da Babilônia em 539 a.C. A Judeia foi província do império persa até que Alexandre, o Grande, derrotou a Pérsia em 331 a.C.

A NARRATIVA DO AT

A Bíblia começa com o relato da criação (Gn 1—2). Deus criou os céus, a terra e os primeiros seres humanos e declarou que tudo era “muito bom”. Criou o Éden, um lugar maravilhoso para a humanidade viver, onde Adão e Eva

desfrutavam um relacionamento de harmonia e plenitude com Deus e um com o outro.

Essa realidade, porém, mudou rapidamente. Gênesis 3 apresenta a serpente, que introduziu a discórdia nesse mundo harmonioso. Levou Adão e Eva a desconfiarem de Deus, e eles escolheram rebelar-se contra Deus, pois imaginaram que sabiam mais que ele. Seu pecado levantou uma barreira entre Deus e os seres humanos e trouxe morte para toda a humanidade. Adão e Eva morreriam se permanecessem na presença de Deus, de modo que ele os expulsou do Éden. Mesmo ao julgá-los por seu pecado, porém, Deus permaneceu presente, operando em favor da redenção deles.

Depois do Éden, o AT descreve uma ruptura entre os que escolheram seguir a Deus e os que o rejeitaram: por exemplo, Abel e Sete em contraste com Caim, o justo Noé em contraste com sua geração perversa, Isaque em contraste com Ismael, e Jacó em contraste com Esaú e Labão.

Um ponto de transição crucial se deu quando o Senhor fez promessas extraordinárias a Abraão. Chamou-o a sair de Ur (c. 2100/1900 a.C.) e ir “à terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12.1). Ao contrário de Adão e Eva, Abraão confiou em Deus e lhe obedeceu. Desse modo, Deus começou a realizar seu plano para redimir a humanidade por meio

de Abraão e sua descendência. Abraão se tornou pai de uma grande nação com muitos descendentes e muita terra. A narrativa de Gênesis 12 a Josué 24 descreve como Deus multiplicou os descendentes de Abraão e, por fim, lhes deu Canaã, a terra prometida.

Deus queria que os descendentes de Abraão, a nação de Israel, lhe obedecessem e prosperassem na terra que ele lhes deu, e que as nações vizinhas se voltassem para o Deus verdadeiro. No entanto, de modo semelhante a Adão e Eva no Éden, os israelitas não se contentaram com tudo que Deus lhes deu e buscaram felicidade em falsos deuses. O restante do AT dá continuidade ao relato sobre o pecado persistente de Israel e o compromisso firme de Deus com seu povo. Embora Deus tenha sempre julgado o pecado, também se mostrou paciente e nunca abandonou Israel.

Depois que os israelitas se estabeleceram em Canaã, o período dos juízes foi caracterizado por fragmentação política e confusão espiritual. Mais adiante, Deus permitiu que seu povo escolhesse um rei para governá-lo. A monarquia teve início com a unção de Saul (c. 1050 a.C.) e chegou a seu ápice no reinado de Davi (1011-971 a.C.) e no começo do reinado de Salomão (971-931 a.C.). Devido ao pecado de Salomão, porém, Deus dividiu Israel em duas partes — o reino do norte e o reino do sul — depois da morte de Salomão, em 931 a.C.

Do início da monarquia dividida (931 a.C.) até o final do período do AT (c. 400 a.C.), os profetas chamaram o povo de Israel e de Judá a voltarem para Deus, mas a maioria preferiu confiar nas nações vizinhas e em seus falsos deuses. Israel, o reino do norte, cuja capital era Samaria, foi conquistado pela Assíria em 722 a.C., e seus habitantes foram deportados. Judá, o reino do sul, cuja capital era Jerusalém, foi derrotado em 586 a.C. pelos babilônios, que destruíram o templo e levaram muitos dos habitantes de Judá para o exílio.

A destruição de Jerusalém e o exílio do povo não encerraram

a história de Israel. Ao mesmo tempo que os profetas proclamaram julgamento arrasador sobre o povo de Deus, também anunciaram esperança para o remanescente. O exílio se estendeu até 539 a.C., quando a Pérsia derrotou a Babilônia e permitiu que os judeus regressassem à Judeia para reconstruir Jerusalém e o templo. Em 515 a.C., os judeus terminaram o segundo templo, menor que o primeiro (ver Ed 6.15). Esdras chegou a Jerusalém em 458 a.C. e reinstalou a lei de Deus entre o povo. Em 445 a.C., Neemias se tornou governador da Judeia e reconstruiu os muros de Jerusalém. Durante o período depois do exílio, muitos dos habitantes da Judeia finalmente voltaram a adorar apenas o Deus de Israel. Também reconheceram a real importância dos registros do AT como revelação escrita da vontade, dos propósitos e dos atos de Deus na história de Israel.

A profecia de Malaquias, registrada pouco antes de 400 a.C., encerra a narrativa do AT. O último livro do AT não dá uma impressão marcante de desfecho, mas sim de expectativa de coisas ainda maiores por vir. A volta a Jerusalém e a reconstrução do templo são a primeira etapa da redenção divina do povo. Os profetas sabiam, porém, que esses acontecimentos não eram a realização final de suas esperanças.

O CÂNONE DO AT

Os textos do AT foram escritos ao longo de um período de cerca de mil anos, começando com Moisés até chegar ao período persa, depois do regresso dos judeus exilados à Judeia. Deus usou Moisés e muitos outros — juízes como Samuel, reis como Davi e Salomão, profetas como Isaías e Jeremias, sacerdotes como Esdras, e outras pessoas cujo nome nem sequer sabemos — para escrever partes da história e da literatura de Israel.

A sequência da Bíblia hebraica

A sequência dos livros na Bíblia hebraica difere da sequência em que aparecem em nossa Bíblia (ver os quadros abaixo e à direita). A Bíblia hebraica é dividida em três partes: Instrução (*Torá*), Profetas (*Nebi'im*) e Escritos (*Ketubim*). Jesus se referiu a essas três divisões como “a lei de Moisés”, “os profetas” e “os salmos” (Lc 24.44). Leitores judeus da Bíblia hebraica por vezes se referem a suas Escrituras por meio das primeiras letras dessas três partes, que forma a palavra “Tanak”.

A Bíblia hebraica traz em 24 livros o mesmo material apresentado nos 39 livros de nosso AT. Na Bíblia hebraica, os cinco primeiros livros formam a *Torá*. Essa seção, também chamada Pentateuco, é igual em nossa Bíblia. A segunda seção, os Profetas (*Nebi'im*), é dividida em duas partes. Os Antigos

1. Instrução (<i>Torá</i>)	2. Profetas (<i>Nebi'im</i>)	3. Escritos (<i>Ketubim</i>)
Gênesis Êxodo Levítico Números Deuteronômio	<i>Antigos Profetas</i> Josué Juízes Samuel (1 e 2) Reis (1 e 2) <i>Últimos Profetas</i> Isaías Jeremias Ezequiel Os Doze: Oseias Joel Amós Obadias Jonas Miqueias Naum Habacuque Sofonias Ageu Zacarias Malaquias	Salmos Jó Provérbios Os Cinco Rolos (<i>Megilloth</i>) Rute Cântico dos Cânticos Eclesiastes Lamentações Ester Daniel Esdras—Neemias Crônicas (1 e 2)

O AT hebraico ►

Profetas, chamados livros históricos em nossa Bíblia, são seguidos, na Bíblia hebraica, pelos Últimos Profetas. A terceira seção, os Escritos (*Ketubim*), traz material variado, incluindo os livros de poesia e sabedoria.

No judaísmo posterior, os “Cinco Rolos” (*Megilloth*) eram lidos em festas importantes e organizados na sequência de sua observância no calendário de festas (ver quadro “As festas de Israel”, p. 225): Rute era lido na festa de Pentecostes, Cântico dos Cânticos na Páscoa, Eclesiastes na Festa das Cabanas, Lamentações no aniversário da destruição de Jerusalém (dia 9 do mês de ab), e Ester na Festa de Purim.

A sequência do AT na Bíblia em português

A Bíblia em português segue a sequência da tradução grega do AT (a Septuaginta), que agrupa os livros de acordo com gênero e organiza os livros de cada gênero em sequência cronológica. Tanto em grego como em português, o AT começa com o Pentateuco. Em seguida, vêm as narrativas históricas; depois, os livros poéticos, organizados em ordem cronológica, conforme seu contexto ou data tradicional de redação; por fim, os profetas, divididos em duas partes. Os profetas maiores (textos mais longos) aparecem em ordem cronológica. São seguidos dos profetas menores (textos mais curtos), que também seguem uma ordem cronológica geral.

A INTERPRETAÇÃO DO AT

Por vezes, os cristãos têm dificuldade de ler o AT porque seu conteúdo parece muito diferente e distante de nossa realidade. Qual é a relação entre o cristianismo e o sacrifício de animais, a circuncisão religiosa, as estranhas leis alimentares, as maldições proferidas em Salmos e a história do antigo Israel? Para entender melhor o AT, precisamos lembrar que ele é um conjunto de livros antigos, alguns deles escritos cerca de 3.500 anos atrás. Além disso, teve origem no antigo Oriente Próximo, cuja cultura é muito diferente da nossa. E, o que é mais importante, seus livros foram escritos antes da vinda de Cristo.

Os seguintes princípios podem ajudar o leitor em seu estudo do AT.

Leia cada passagem em seu contexto

Na Bíblia, como em qualquer boa literatura, entender o todo nos ajuda a apreciar e compreender melhor suas partes. Não devemos tratar um livro bíblico como uma coletânea de ditados isolados. Antes, os livros trazem narrativas, instruções e poemas interligados. O significado de determinado versículo pode ser compreendido somente ao considerar-se o desenvolvimento de toda a obra, ao lermos trechos extensos de cada vez. Embora esse princípio não nos impeça de ler apenas alguns versículos no meio do livro, devemos procurar entender a mensagem

do livro como um todo. Em outras palavras, devemos ter bastante cuidado para não distorcer a mensagem de Deus quando lemos trechos curtos das Escrituras. As introduções aos livros na *Bíblia de Estudo NVT* contribuem para esse processo, pois fornecem uma visão geral do conteúdo e da mensagem de cada livro.

Identifique o gênero do livro e da passagem

Hoje em dia, lemos textos de vários gêneros, como biografias, livros didáticos e editoriais de jornais. O conteúdo do AT também pode ser dividido em gêneros. O AT traz livros históricos (p. ex., Samuel), tratados/alianças (p. ex., Êx 19—24), sermões (p. ex., Deuteronômio), poemas e orações (p. ex., Salmos), textos de sabedoria (p. ex., Provérbios), profecias (p. ex., Jeremias) e textos apocalípticos (p. ex., Dn 7—12). Gêneros diferentes requerem o uso de diferentes estratégias de leitura. Assim como abordamos uma biografia de maneira diferente de um romance, devemos identificar a melhor forma de abordar os diversos gêneros do AT. As introduções aos livros e às seções na *Bíblia de Estudo NVT* contribuem para a compreensão dos gêneros do AT.

Considere o contexto histórico e cultural do livro

Os autores inspirados do AT viveram e escreveram num tempo e numa cultura muito diferentes dos nossos. Devemos procurar entender o que estava acontecendo na época que o autor descreve, bem como na época (muitas vezes diferente) em que o autor redigiu o livro. Crônicas, por exemplo, descreve acontecimentos ocorridos desde o tempo de Davi até o exílio (c. 1000-600 a.C.), mas é provável que tenha sido escrito na Judeia depois do regresso do exílio (c. 400 a.C.). Conhecer os detalhes e o contexto — tanto dos acontecimentos descritos como da época em que o livro foi redigido — nos ajudará a compreender Crônicas e sua mensagem com mais clareza. O mesmo se aplica a outros livros do AT.

◀ O AT em português

Pentateuco	Livros Históricos	Poesia e Sabedoria	Profetas
Gênesis Êxodo Levítico Números Deuteronômio	Josué Juizes Rute 1Samuel 2Samuel 1Reis 2Reis 1Crônicas 2Crônicas Esdras Neemias Ester	Jó Salmos Provérbios Eclesiastes Cântico dos Cânticos	<i>Profetas maiores</i> Isaías Jeremias Lamentações Ezequiel Daniel <i>Profetas menores</i> Oseias Joel Amós Obadias Jonas Miqueias Naum Habacuque Sofonias Ageu Zacarias Malaquias

Leia o AT à luz da vinda de Cristo
Jesus disse que todo o AT anteviu sua vinda, seu sofrimento e sua glória (Lc 24.25-27). Jesus é o centro da revelação bíblica, prenunciado no AT e descrito no NT.

Cientes disso, os autores do NT citavam o AT com frequência para explicar que os acontecimentos gloriosos ocorridos em seus dias tinham sido prefigurados e prenunciados pelo AT. Os cristãos também devem ler o AT sob o ponto de vista da morte e da ressurreição de Cristo. Embora seja fundamental interpretar cada passagem ou livro do AT dentro do contexto de seu público original, entendemos melhor o AT quando o lemos à luz de seu cumprimento em Jesus Cristo.

SIGNIFICADO E MENSAGEM

As Escrituras descrevem a natureza de Deus e explicam seus atos na história. Quando o povo de Deus lê o AT, aprende a respeito dele ao observar suas ações e participar delas.

A natureza, o caráter e os atos de Deus

No AT, Deus é chamado *Yahweh* [Javé]. Esse nome vem do termo hebraico que significa “ser”. Deus disse a Moisés que seu nome significa “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14). Em outras palavras, Deus define a si mesmo. Nada mais o define, mas ele define todas as coisas. Na maioria das versões em português, inclusive na NVT, esse nome de Deus geralmente é traduzido por “o SENHOR” (em versal/versalete).

O modo mais frequente de o AT descrever Deus é mostrá-lo em relacionamentos. Deus se relaciona com as pessoas como salvador, rei, pastor, guerreiro, marido e em vários outros papéis. Deus também se revela por meio do que ele faz: abrir as águas do mar Vermelho, derrubar as muralhas de Jericó, estabelecer Davi como rei, permitir que o exército da Babilônia conquistasse Jerusalém e restaurar seu povo à terra depois do exílio.

Esta é mensagem principal do AT: Deus salva os que lhe pertencem e julga os que lhe resistem. Com amor imenso, vai atrás de

seu povo pecador a fim de estabelecer uma comunidade que esteja em harmonia com ele, um reino que o reconheça e o sirva como seu Rei divino.

Há somente um Deus

O AT é invariavelmente contrário à cosmovisão predominante do antigo Oriente Próximo segundo a qual os céus e a terra, repletos de divindades, constituem a soma total da realidade. As implicações dessa cosmovisão equivocada, que persiste em grande parte do mundo de hoje, são numerosas e amplas:

- Uma vez que os céus e a terra contêm muitas partes distintas, existem muitos deuses.
- Uma vez que os deuses são o cosmos, podemos manipulá-los ao manipular o cosmos.
- Uma vez que os seres humanos são obcecados com sexo, os deuses também são.
- Uma vez que o universo existe sem propósito algum, os deuses também não têm propósito algum senão sobreviver por meio da aquisição de poder. Logo, os seres humanos também devem esforçar-se para obter poder.
- Uma vez que os deuses são egoístas e cruéis, os seres humanos devem buscar o favor dos deuses ao saciar os apetites deles.
- Uma vez que existem muitos deuses, cada povo deve buscar a proteção de seus próprios deuses contra os deuses de outros povos.

O AT afirma exatamente o oposto dessas crenças e de todas as outras convicções resultantes de uma cosmovisão pagã:

- O universo é unificado como criação do Deus único e verdadeiro.
- Somente ele é Deus, incomparável em todos os sentidos em relação aos supostos deuses, e sua existência é completamente separada da existência do cosmos.
- Deus não pode ser manipulado por meio do cosmos, pois ele não é o cosmos.
- Deus tinha em vista determinados propósitos quando criou o

universo. Os seres humanos encontram sentido ao cumprirem os propósitos de Deus para eles.

- Os seres humanos não foram criados para apaziguar deuses inconstantes, que cobizam poder, mas sim, para adorar e obedecer a um Criador que os ama.
- A segurança e a paz supremas nascem da confiança e da adoração ao Criador.

Do começo ao fim, o AT argumenta em favor dessas e de muitas outras verdades relacionadas a fim de corrigir a cosmovisão atraente, mas incorreta e mortal, do paganism.

As alianças de Deus com seu povo

O conceito de *aliança* ocupa um lugar central na mensagem do AT. Desde Gênesis, as alianças são a metáfora mais recorrente para o relacionamento de Deus com seu povo (ver “Relacionamentos de aliança de Deus”, em Gn 12.1-9, p. 44). Uma aliança oferece promessas e impõe obrigações. As alianças do AT eram semelhantes aos tratados entre duas nações, nos quais um rei poderoso iniciava uma relação com uma nação vassala (ver Introdução a Deuteronômio: “Forma literária”, p. 301). O termo *aliança* descreve os vínculos estabelecidos por Deus com a humanidade e com toda a criação por intermédio de Noé (Gn 9.1-17), com Abraão e seus descendentes (Gn 15.1-21), com Israel por intermédio de Moisés (Êx 19.3—24.11) e com Davi e seus descendentes (2Sm 7.8-16). O relacionamento de Deus com Adão também tinha o caráter de aliança, pois incluía ordens, promessas e advertências. Cada uma das alianças de Deus se desenvolveu a partir de alianças anteriores; as novas alianças não substituem as antigas.

Por meio das alianças, Deus estabeleceu relacionamentos especiais com seu povo. Fez promessas, definiu obrigações e ameaçou julgamento caso seu povo não lhe obedecesse. Quando o povo desobedeceu, Deus enviou profetas para adverti-los e insistir para que deixassem de transgredir a lei e voltassem a obedecer fielmente.

As maldições estipuladas na aliança serviram de base para o julgamento (ver Dt 28) que, por fim, Deus executou: Jerusalém foi destruído, e a maior parte do povo foi para o exílio.

Todavia, Deus não rompeu a relação com seu povo; em vez disso, trouxe alguns dos judeus de volta do exílio. Eles haviam sido humilhados e estavam mais obedientes. Finalmente, haviam deixado de adorar a outros deuses para adorar somente o Senhor. Deus também prometeu fazer uma nova aliança com eles (Jr 31.31-34). No contexto dessa nova aliança,

Deus perdoaria sua maldade, nunca mais se lembraria de seus pecados (ver Jr 31.34) e, por fim, levaria todo o Israel a conhecê-lo e a obedecer-lhe.

A instituição de uma nova aliança se deu com a vinda do Messias. Jesus Cristo, o Salvador e Rei prometido por Deus, cumpriu a antiga aliança (Mt 5.17-20) e deu início à nova aliança, um relacionamento com todos que creem nele (Jo 3.16; At 2.38-39), com base em seu sacrifício (Lc 22.20). Quem participa desse relacionamento herdará comunhão eterna com Deus e com todo o seu

povo (Jo 3.36; 5.24; Rm 5.21; 1Jo 2.24-25).

LEITURAS ADICIONAIS

BILL T. ARNOLD E BRYAN E. BEYER
Encountering the Old Testament: A Christian Survey (1999)

CRAIG BARTHOLOMEW E MICHAEL GOHEEN
The Drama of Scripture: Finding Our Place in the Biblical Story (2004)

RAYMOND B. DILLARD E TREMPER LONGMAN III
An Introduction to the Old Testament, 2ª ed. (2006)

ARQUEOLOGIA E FONTES DO ANTIGO TESTAMENTO

Nos últimos dois séculos, a arqueologia fez inúmeras descobertas, tanto de artefatos como de textos do antigo Oriente Próximo. Cada item encontrado tem de ser situado dentro de um contexto histórico mais amplo e, quando relevante, correlacionado cautelosamente com o conteúdo bíblico. Materiais arqueológicos devidamente identificados e interpretados podem ilustrar, esclarecer, explicar, confirmar ou confrontar o texto bíblico. Esses mesmos artefatos e textos, contudo, não podem ser usados no âmbito teológico para “provar” as asserções espirituais, religiosas ou exegéticas das Escrituras. No entanto, esses materiais podem confirmar certas perspectivas históricas e afirmações dos textos bíblicos e lhes conferir plausibilidade. É cabível dizer que a arqueologia valida a história hebraica e explica muitas tradições e termos outrora obscuros tanto no AT como no NT. Logo, proporciona um contexto autêntico para as profecias que culminam com Jesus Cristo.

O DESENVOLVIMENTO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

A arqueologia moderna no antigo Oriente Próximo teve início quando Napoleão levou para o Egito (1798) uma equipe de especialistas para registrar as maravilhas antigas daquela terra. Esses estudiosos encontraram a Pedra de Roseta (1799), que, de maneira inesperada, forneceu a chave para decifrar os hieróglifos egípcios (1819, 1822). Abriam-se, desse modo, as comportas para um interesse maior pelas maravilhas do antigo Oriente Próximo e para a forma como poderiam esclarecer a Bíblia, o artefato religioso, literário e histórico mais importante do antigo Oriente Próximo. Em 1845, o acádio (língua da antiga Babilônia) foi decifrado com o uso da Inscrição de Behistun (518 a.C.), que, como a Pedra de Roseta, trazia o mesmo texto em três línguas. Em pouco tempo, várias outras línguas foram decifradas.

A partir desse ponto, a arqueologia do antigo Oriente Próximo se desenvolveu e atraiu a atenção do mundo inteiro. Relatos da criação e do dilúvio, documentos legais, civilizações e línguas antigas, sistemas religiosos e teológicos, rituais de sacrifício, tabernáculos, templos, palácios, literatura sapiencial, alianças e suas formas e rituais, relatos de guerras e de nascimentos, listas de reis, paralelos proféticos de culturas pagãs e muito mais fascinaram arqueólogos, estudiosos e caçadores de tesouros.

No início, as descobertas mais relevantes foram realizadas pelos caçadores de tesouros que, com seus métodos desorganizados, causaram a destruição de importantes sítios arqueológicos. O estudo científico dos antigos *tels* (camadas de terra e restos de civilizações compactados em forma de montes ao longo de milênios) teve início na Palestina em 1890, quando Flinders Petrie adotou os mesmos métodos usados para escavar Troia e desenterrou e estudou os diversos estratos (camadas de ocupação) de uma cidade. Essa abordagem à arqueologia na Palestina se desenvolveu ainda mais à medida que foram surgindo técnicas, ferramentas e formas de registro apropriadas. Hoje, emprega-se uma combinação de métodos, incluindo levantamentos de superfície e fotografias aéreas, para obter informações a respeito de regiões inteiras.

A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Diversos textos e artefatos do antigo Oriente Próximo contribuíram para o trabalho de estudiosos de compor — de modo mais amplo e, em alguns casos, em detalhes — um cenário cultural e histórico para o período de vários séculos que o AT abrange. Textos e artefatos antigos nos ajudam a enxergar o AT em seu contexto mais amplo e entender melhor sua história, suas qualidades literárias e até mesmo suas perspectivas teológicas.

Em princípio, arqueólogos não têm interesse específico algum em “provar a veracidade” das Escrituras. De fato, por vezes é difícil conciliar interpretações de dados arqueológicos com evidências das Escrituras. Esses conflitos, porém, são poucos e costumam ser reduzidos consideravelmente quando se obtém mais informações. A grande quantidade de materiais do antigo Oriente Próximo torna a confiabilidade do AT inquestionável.

Esses materiais arqueológicos originais mostram a participação do povo de Israel no antigo Oriente Próximo. Vemos os homens e as mulheres das Escrituras como pessoa reais, influenciadas por sua era, lidando com os problemas da vida. E, de tempos em tempos, temos um vislumbre do Deus todo-poderoso e santo, que conduz o destino de indivíduos e nações e realiza seus propósitos na história. Textos e artefatos antigos mostram que Israel tinha estruturas sociais e cosmovisões semelhantes às das culturas vizinhas. Esses mesmos textos e artefatos, porém, mostram nítidos contrastes entre o povo de Israel e o mundo no qual eles viviam, pois Israel se relacionava com o Senhor, o Deus único e verdadeiro, e não adorava muitos deuses como faziam as nações ao redor. A fé no Senhor e as experiências com ele tornaram Israel singular no mundo antigo, uma singularidade que se destaca de modo nítido e vibrante por meio dos textos e artefatos do antigo Oriente Próximo.

FONTES PRIMÁRIAS

[RANE] Bill T. Arnold e Bryan E. Beyer, *Readings from the Ancient Near East* (2002)

[COS] William W. Hallo, ed., *The Context of Scripture* (2003)

[AEL] Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature* (1971–1980)

[OTP] Victor H. Matthews & Don C. Benjamin, eds., *Old Testament Parallels: Laus and Stories from the Ancient Near East* (2006)

[ANET] James B. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (1969)

[ATSHB] Kenton L. Sparks, *Ancient Texts for the Study of the Hebrew Bible* (2005)

LEITURAS ADICIONAIS

Susan Wise Bauer, *The History of the Ancient World* (2007)

Richard S. Hess, *Israelite Religions: An Archaeological and Biblical Survey* (2007)

Alfred J. Hoerth, *Archaeology and the Old Testament* (1998)

K. A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament* (2006)

John H. Walton, *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament* (2006)

Michael O. Wise, et al., *The Dead Sea Scrolls* (2005)

▼ **Textos e artefatos antigos relacionados ao AT.** O AT foi escrito numa era complexa da história, e muitos paralelos com o AT foram encontrados em artefatos e documento antigos. Este quadro apresenta vários desses itens com a data original e uma descrição. A coluna “Fontes” relaciona traduções em inglês dos textos desses artefatos; as abreviações são indicadas no item “Fontes primárias”, acima. A última coluna apresenta passagens do AT paralelas de algum modo a essas fontes. Em alguns casos, a fonte antiga é semelhante a seus paralelos no AT ou fornece contexto cultural; em outros casos, a fonte antiga corrobora detalhes específicos do AT.

Título	Data	Descrição	Fontes	Paralelo no AT
Registro Menfita da Criação	2700 a.C.	Relato egípcio da criação	RANE 63–65; OTP 3–6	Gn 1–2
Estela da Fome	2700 a.C.	Inscrição egípcia sobre os sete anos de escassez de alimentos	COS 1.53	Gn 12; 41
Provérbios Sumérios	2600–2000 a.C.	Exemplos de provérbios sumérios	COS 1.174–175	Provérbios, Eclesiastes
Arquivos de Ebla	2500 a.C. (c.)	Enorme coletânea de textos sumérios referentes ao período pré-patriarcal	OTP 240–243	Contexto histórico de Gênesis
Instruções de Ptá Hotep	2500 a.C. (c.)	Texto de um grande sábio egípcio que ensina seu filho a ser bem-sucedido na vida e na vocação	OTP 283–288; RANE 182–184	Pv 2; 6; 23; 25–26; Eclesiastes
Rá e a Serpente	2400 a.C.	Conto egípcio que retrata o sol e uma serpente em conflito	OTP 28–31	Gn 3
Cilindros de Gudea	2000s a.C.	Instruções sumérias para a construção de um templo	ANET 268–269	Êx 25–40; 2Sm 7–8; 1Rs 6
Lendas de Sargão	2000s a.C.	Lenda acadiana sobre o salvamento de Sargão I, tirado do rio, onde havia sido colocado em um cesto	RANE 75–76; OTP 55–58	Êx 2
Interpretação de Sonhos	2000 ou 1300 a.C.	Instruções egípcias sobre como interpretar sonhos	COS 1.33	Gn 40–41
Lamento por Ur	2000 a.C. (c.)	Um sumério lamenta a queda da cidade de Ur e o descaso dos deuses	RANE 222–225	Lamentações
Profecias de Neferti	1990 a.C. (c.)	Profecias egípcias: Neferti “prediz” a entronização do faraó Amenemés I (1991-1960 a.C.)	RANE 210–212; OTP 235–240	1Rs 13; Dn 2–6
Épico de Gilgamesh	1900 a.C.	Épico sumério e acádio que fala de dilúvio, morte, um personagem semelhante a Noé e a busca pela vida eterna	RANE 66–70; COS 1.132; OTP 11–20	Gn 6–9
Leis de Lipit-Ishtar	1800s a.C.	Coletânea de leis sumérias	RANE 106–109	Êx 19–24; Dt 12–26
Aventuras de Sinué	1800-1000 a.C.	Narrativa egípcia que inclui descrições de Canaã e da Síria	RANE 76–82; COS 1.38	Gn 37–50
Código de Hamurabi	1750 a.C. (c.)	Leis acádias semelhantes às leis de Moisés	RANE 111–114	Êx 20–24; Lv 16–26; Dt 12–26
Lista dos Reis Sumérios	1700s a.C.	Lista de reis sumérios; referências à longevidade antes do dilúvio	RANE 150–151; OTP 21–32	Gn 5; Dt 17.14-20; 1Sm 8; 12
Tábuas de Mari	1700s a.C.	Correspondência acadiana entre reis famosos que fala da situação durante a era patriarcal; menção aos “habiru”	OTP 318–322	Gênesis—Números
Épico de Atrahasis	1700s a.C.	Narrativa suméria da criação e do dilúvio; personagem semelhante a Noé	RANE 21–31; COS 1.130	Gn 1–11
Leis Hititas	1650-1200 a.C.	Textos jurídicos hititas organizados em tópicos; leis expiatórias e leis de levirato	RANE 115–116; OTP 70–72	Êx 19–24; Dt 12–26; Lv 17–26

Título	Data	Descrição	Fontes	Paralelo no AT
Tábuas de Emar	1550-1200 a.C.	Inscrições acádias contendo textos legais, rituais e religiosos importantes	RANE 127; COS 1.123-126; 2.137	Lv 8.30; 23.1-44; Nm 28-29; Dt 16; 31-32
Cartas de Amarna e Tábuas de Tell el-Amarna	1550-1150 a.C.	Cartas acádias escritas por reis cananeus pedindo ajuda ao Egito contra inimigos invasores, incluindo os "habiru"	RANE 166-168; OTP 77-80	Josué (talvez se refira à invasão dos israelitas)
Canções de Amor Egípcias	1400-1000 a.C.	Diálogos e monólogos egípcios escritos em linguagem sensual	RANE 192-193; OTP 297-301	Cântico dos Cânticos
Tábuas de Nuzi	1400s a.C.	Textos hurritas que descrevem vários costumes sociais, religiosos, legais e políticos	RANE 72-74; COS 3.121	Panorama geral do AT; referências ao culto a Baal
Tábuas de Ras Shamra	1400s a.C.	Centenas de tábuas que esclarecem o paganismo em Ugarit e talvez em Canaã	COS 1.88, 104; OTP 263-274	Compreensão das práticas religiosas pagãs; referências ao culto a Baal
Tratados Hititas	1400-1200 a.C.	Documentos hititas com exemplos de formatos de aliança	RANE 97-100	Êx 19-24; Deuteronômio; Js 24
Rituais contra serpentes	1350 a.C.	Orações ugaríticas com o propósito de tornar ineficaz o veneno da serpente	COS 1.94	Nm 21.4-9; Dt 32.33
Hino a Aton	1300s a.C.	Poema egípcio que exalta o sol	RANE 196-197	cp. Sl 104
Urim e Tumim	1300, 800s, 600s a.C.	Textos hititas, acádios e egípcios sobre como descobrir a vontade dos deuses	COS 1.78, 127	Êx 28.30; Lv 8.8; Dt 33.8; Ed 2.63; Ne 7.65
Conto dos Dois Irmãos	1225 a.C.	Conto egípcio a respeito de um homem que se esquivava dos avanços de sua cunhada	COS 1.40	Gn 39
Estela de Merenptá	1209 a.C.	Monumento do faraó Merenptá que relaciona suas campanhas militares; primeira menção de Israel fora do AT	RANE 160; OTP 81-84; COS 2.6	Josué
Provérbios Hititas	1200s a.C.(?)	Vários provérbios hititas	COS 1.81-82	Provérbios; Jr 31.29
Cherem: coisas consagradas	1200s a.C.	Texto hitita que menciona coisas "consagradas" aos deuses com o propósito de serem destruídas	COS 1.72	Lv 27.28-29; Js 6.17-19,24; 1Sm 15.2-3
Anais de Ramsés III	1200 a.C. (c.)	Anais egípcios que descrevem a(s) batalha(s) de Ramsés III contra os povos do mar, inclusive aqueles que viriam a ser conhecidos como filisteus	ANET 262-263; OTP 151-154	Jz 13.1-16.31; 1Samuel
Leis Neo-assírias	1100s a.C.	Leis do novo império assírio	RANE 114-115	Êx 19-24; Dt 12-26
História de Wenamun	1090 a.C.	Narrativa semifictícia de uma viagem; inclui descrições de Canaã	RANE 212-215; COS 1.41	Gn 34
Ludlul Bel Nemeqi	1000s a.C.	Sofrimentos de um nobre babilônio; semelhanças com a vida de Jó	RANE 177-179; COS 1.153	Jó
Enuma Elish	1000 a.C. (c.)	Cosmologia e registro da criação acádios	RANE 31-50	Gn 1-2
Teodiceia Babilônia	1000-500 a.C.	Diálogo entre um sofredor e seu companheiro a respeito da vida e do sofrimento	RANE 179-182	Jó; Eclesiastes
Diálogo do Pessimismo	1000-500 a.C.	Um escravo e seu patrão falam de como nada tem valor	COS 1.155	Jó; Eclesiastes
Inscrição de Sisaque I	920 a.C.	Inscrição do faraó egípcio Sisaque I	ANET 242-243	1Rs 11.40; 14.25-28
Cânone Epônimo Assírio	910-612 a.C.	Lista de governantes selecionados para cada ano; inclui acontecimentos naturais que facilitam a datação de acordo com o calendário moderno	COS 2.1131	1-2Rs; ver "Cronologia da monarquia de Israel", p. 544
Calendário de Gezer	900 a.C.	Exemplo mais antigo da escrita cananeia (antigo hebraico); descreve os ciclos da agricultura	RANE 171	...
Anais de Salmaneser III	850-824 a.C.	Registros que descreve a invasão de Salmaneser III à Síria-Palestina; inclui menções a Acabe e Hadadezer	OTP 176-181	1Rs 16-22; 2Rs 9.1-10.33
Inscrição de Tell Dan	850 a.C. (c.)	Inscrição aramaica com a primeira referência à "casa de Davi" fora do AT	RANE 165; COS 2.39; OTP 160-161	1Samuel-2Reis
Estela de Mesa, Pedra Moabita	850 a.C.	Monumentos moabitas que mencionam Onri, Acabe, Mesa e possivelmente a casa de Davi; o conceito de <i>cherem</i>	RANE 160-162; OTP 157-159	Dt 7.26; Js 6.17,40; 1Rs 11.44; 16.21-28; 2Rs 3.4; 25.30

Título	Data	Descrição	Fontes	Paralelo no AT
Obelisco Negro	827 a.C.	Monumento acádio que descreve o sucessor de Salmaneser III; menções a Jeú e Acabe	RANE 144–145; OTP 122–124	1Rs 19.16; 2Rs 8.7-15; 9.1-13; 10.31-36
Inscrição de Zakir (Zakkur)	800 a.C.	Zakir, rei de Hamate, honra seu deus; menção a Ben-Hadade	RANE 163–165	1Rs 15; 19–20; 2Rs 6; 8; 13
Crônicas Babilônicas	745-120 a.C.	Antigos registros históricos que abrangem diversos acontecimentos bíblicos, inclusive os anos de 722, 605, 597 e 539 a.C.	RANE 155–159; COS 1.137	1Rs 2.10; 11.43; 2Rs 17–24; Jr 37.1; Dn 5.30; 6.28
Anais de Tiglate-Pileser IV (Pul)	744-727 a.C.	Anais do rei fundador do novo império assírio; interações com Israel	RANE 145; OTP 125–126	2Rs 15–16; 2Cr 28.16-21; Is 7.1–8.10
Anais de Sargão II	722-706 a.C.	O rei assírio Sargão II descreve sua conquista da Samaria e a destruição do reino do norte (Israel)	RANE 145–146; COS 2.118A; OTP 127–129	cp. 2Rs 17–18; Is 10.27-32; 14.1-32; 20.1
Inscrição de Siloé	701 a.C.	Inscrição hebraica que descreve o encerramento das obras de construção do túnel de Ezequias	RANE 171–172	2Rs 20.20; 2Cr 32.30
Prisma de Senaqueribe	701 a.C.	Inscrição acadiana que descreve a invasão de Senaqueribe a Judá e o cerco a Jerusalém	RANE 146–147; OTP 139–140	2Rs 18–20; Is 36.1–39.8
Inscrição de Balaão	700 a.C.	Inscrição aramaica que menciona o nome de Balaão, um “bom profeta” que morreu em razão de suas ações	RANE 225–226; COS 2.27; OTP 124–126	Nm 22–24; 26
Sabedoria de Ahiqar	700-650 a.C.	Conto palaciano assírio; contém instruções de um oficial sábio da corte	RANE 189–191; OTP 283–288	Gn 37–50; Provérbios; Daniel; Ester
Óstraco de Yavneh Yam (ou Mesad Hashavyahu)	600s a.C.	Breve inscrição em hebraico em que um camponês suplica pela devolução de seu manto, confiscado injustamente por seu supervisor	RANE 170; COS 3.41; OTP 331–332	Êx 22.25-27; Dt 24.12-17; Pv 14.9; 25.20
Selo de Baruque	600 a.C. (c.)	Impressão em argila encontrada em Jerusalém e que traz o nome de Baruque	...	Jr 36; ver “Baruque, o escriba”, p. 1240
Instruções (ou Provérbios) de Amenemope	600s-500s a.C.	Ensinaamentos de sabedoria egípcia: domínio próprio, bondade, altruísmo e o homem ideal	RANE 187–189; COS 1.47	Pv 22–24
Documentos Administrativos Babilônios	595-568 a.C.	Documentos que descrevem a situação favorável de Joaquim, rei de Judá, na corte do rei babilônio Evil-Merodaque	ANET 308	2Rs 25.27-30
Cartas de Laquis	589-586 a.C.	Tábuas de argila escritas em hebraico que descrevem a administração do exército do rei e a situação da população sob o cerco	RANE 168–169; OTP 134–136	1Rs 17.19; 19.7; Jr 26.20-22; 34.6-7
Crônica de Nabonido	556-539 a.C.	Registros de Nabonido a respeito de sua estada em Tama e da queda da Babilônia	ANET 305–307; COS 1.89	Dn 5 (Belsazar)
Selo de Tama	538-445 a.C.	Selo de pedra usado por uma das famílias levíticas exiladas	<i>The Jerusalem Post</i> , 17 de jan. de 2008	Ne 7.55
Cilindro de Ciro	518 a.C.	Ciro registra a conquista da Babilônia em 539 a.C. e fornece uma explicação teológica para o acontecimento	RANE 147–149; OTP 193–195	2Cr 36.22-23; Ed 1.1-4; 6.1-15; Is 44.26-28; Dn 5.30; 6.28
Papiros de Elefantina	400s a.C.	Papiros aramaicos que descrevem o cotidiano dos judeus que fugiram para o Egito depois da queda de Jerusalém	ANET 222, 491, 548–549	Jr 42–44
Tábuas de Murashu	400s a.C.	Tábuas acádias que descrevem transações comerciais entre os babilônios e os judeus que permaneceram na Babilônia	ATSHB 41	Esdras—Ester
Manuscritos do Mar Morto	300 a.C.(c)-100 d.C.	Contém algumas das cópias mais antigas dos manuscritos do AT, incluindo vários documentos extracanônicos	Wise et al., <i>The Dead Sea Scrolls</i>	...

INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

Javé! O SENHOR! O Deus de compaixão e misericórdia! Sou lento para me irar e cheio de amor e fidelidade. Cubro de amor mil gerações e perdoo o mal, a rebeldia e o pecado. Contudo, não absolvo o culpado.

ÊXODO 34.6b-7a

O Pentateuco, formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia, conta como o pecado entrou no mundo perfeito criado por Deus e descreve a reação divina diante disso. Apresenta Abraão e seus descendentes como agentes de bênção em um mundo sob a maldição do pecado e da morte. Essa coletânea dos documentos fundamentais de Israel apresenta, portanto, uma imagem que nos inspira e nos leva a refletir com seriedade sobre o relacionamento de Deus com a humanidade.

CONTEXTO

Para permanecer fiéis a Deus, os israelitas que saíram do Egito precisavam de um registro escrito de sua história e missão. O Pentateuco narra a história da graça de Deus para com Israel. Deus livrou os israelitas da escravidão no Egito, chamou-os para uma aliança especial, revelou-lhes sua vontade e cuidou deles enquanto peregrinavam pelo deserto. Então eles finalmente se viram prestes a entrar na terra de Canaã, que Deus prometera a seus antepassados.

RESUMO

O Pentateuco se inicia com Gênesis, que relata a graça de Deus nos primórdios da história humana e na vida dos antepassados de Israel. Deus criou a humanidade à sua imagem e deu autoridade aos seres humanos para que governassem o mundo em lugar dele (cp. Sl 8). Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, ele não os destruiu de imediato, mas o pecado deles e de seus descendentes os colocou sob a maldição da

morte. Por fim, Deus julgou a humanidade, mas foi misericordioso ao poupar Noé e seus familiares. Embora a maldição do pecado continuasse a pairar sobre a raça humana, Deus chamou Abraão e sua família para estabelecer com eles uma aliança eterna que abrangia várias e generosas promessas: incontáveis descendentes, direito permanente à terra de Canaã, domínio sobre essa região e bênção a todas as nações do mundo. Em muitas ocasiões, os descendentes de Abraão se mostraram desleais e indignos desses privilégios. Ainda assim, Deus permaneceu fiel ao compromisso de salvar e abençoar a humanidade.

No início de Êxodo, a família favorecida por Deus havia sido escravizada no Egito e, de setenta indivíduos, veio a tornar-se a nação de Israel. Deus resgatou os israelitas do Egito (Êx 1—18) para fazer deles seu povo da aliança, uma nação santa (Êx 19.4-6). A autorrevelação de Deus no Sinai (Êx 19—40) é o acontecimento central do Pentateuco.

Em Levítico, Deus revela aos israelitas como manter o relacionamento com ele, como receber o perdão dos pecados e como viver.

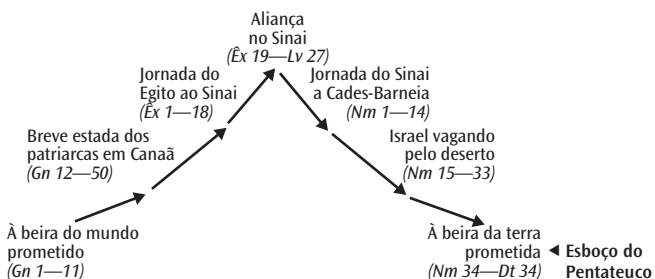
Números descreve a jornada de Israel do Sinai até as campinas de Moabe. Apesar da recorrente rebeldia dos israelitas, Deus os acompanhou e supriu suas necessidades ao longo do percurso.

Por fim, Deuteronômio registra os últimos discursos pastorais de Moisés à comunidade de Israel. Moisés apresentou em detalhes as implicações da aliança com Deus e instou os israelitas a permanecerem leais a seu Redentor. O povo teria de ser fiel a Deus a fim de desfrutar as bênçãos da aliança. Portanto, Moisés desafiou os israelitas a se dedicarem, mais uma vez, única e exclusivamente a Deus enquanto se preparavam para atravessar o rio Jordão e entrar na terra prometida.

AUTORIA

As tradições judaica e cristã consideram Moisés o autor do Pentateuco. Muitos estudiosos continuam a crer que Moisés escreveu grande parte dessa coletânea e que todo o documento leva sua marca e autoridade.

Não se trata, contudo, de um ponto de vista universal. Desde meados do século 19, estudiosos da crítica bíblica argumentam que o Pentateuco foi escrito depois de 600 a.C. e resulta de uma complexa evolução literária. De acordo com o ponto de vista crítico predominante, a *Hipótese*



Documentária, os textos de Gênesis a Deuteronomio foram compilados a partir de várias fontes, por diferentes grupos de pessoas. Essa hipótese considera os diversos nomes de Deus, as narrativas repetidas e a ênfase teológica para propor que o Pentateuco é proveniente de quatro fontes: J (“Javista”, de “Javé” ou “Jeová”), E (“Eloísta”, de “Elohim”), D (“Deuteronomica”, de Deuteronomio) e P (“Sacerdotal”, do inglês *Priestly*). Acredita-se que essas fontes foram redigidas e reunidas entre 850 e 445 a.C. e combinadas e editadas gradativamente até a época de Esdras (c. 400 a.C.). Essa é a teoria prevalente no mundo acadêmico desde que foi popularizada por Julius Wellhausen (1844-1918).

No entanto, avanços nos estudos literários voltam a apontar para Moisés como principal autor do Pentateuco. Não há consenso entre os estudiosos da crítica bíblica acerca das fontes subjacentes de várias passagens, e fontes adicionais foram inventadas para explicar a presença de excertos que não se encaixam na Hipótese Documentária. Essa teoria também não explica de modo satisfatório o surgimento do monoteísmo em Israel em um contexto totalmente politeísta. Ela pressupõe que os autores bíblicos tomaram emprestada a maior parte das ideias religiosas de seus antecessores pagãos. Conforme registros bíblicos, porém, tudo que os israelitas tomaram emprestado de seus vizinhos era politeísta e idólatra. É impossível que o monoteísmo de Israel tenha sido influência alheia.

Descobertas arqueológicas também levantam dúvidas a respeito de vários critérios empregados pela Hipótese Documentária. Por exemplo, outros escritos do mundo antigo confirmam o uso de diferentes nomes para Deus, de narrativas repetidas e de ideias supostamente muito adiantadas para o antigo Israel; além disso, os relatos bíblicos sobre os patriarcas se encaixam na cultura em que se inseriam. Essas descobertas propiciam um cenário para os textos e desmentem as pressuposições da Hipótese Documentária. Novos dados arqueológicos continuam a

enfraquecer os argumentos de que o Pentateuco foi redigido ou organizado em períodos mais recentes.

Nos últimos anos, uma consideração crescente por dados arqueológicos tem levado os estudiosos da crítica bíblica a analisar as formas literárias do antigo Oriente Próximo e da Bíblia. De acordo com a *crítica da forma*, havia uma tradição oral por trás dos registros escritos posteriores; mediante a comparação dessas formas orais propostas, seria possível entender tanto o significado como a função do texto. Outras abordagens se dedicam a identificar como as tradições se desenvolveram, como eram usadas em contextos religiosos e como os gêneros literários funcionavam.

Em muitos casos, essas teorias parecem desnecessariamente complicadas e conjecturais. Evidências dentro do próprio Pentateuco indicam que Moisés manteve um registro de algumas das experiências de Israel enquanto vagavam pelo deserto (Êx 17.14; 24.4,7; 34.27; Nm 33.1-2; Dt 31.9,11). Muitos aspectos de relatos específicos apontam para uma data de redação correspondente ao final da Idade do Bronze (1500—1200 a.C., a era do êxodo). Em várias ocasiões, o AT atribui o Pentateuco ou partes dele a Moisés (p. ex., Js 1.8; 8.31-32; 1Rs 2.3; 2Rs 14.6; Ed 6.18; Ne 13.1; Dn 9.11-13; Ml 4.4). Por sua vez, o NT faz associações claras entre a Torá e Moisés (Mt 19.8; Jo 5.46-47; 7.19; At 3.22; Rm 10.5).

Pode-se dizer que esses fatos confirmam que Moisés escreveu o Pentateuco tal como chegou até nós? Não necessariamente. Ainda há muito a ser esclarecido. Primeiro, à semelhança de obras literárias do antigo Oriente Próximo, o Pentateuco não cita seu autor em parte nenhuma. Segundo, é impossível que Moisés tenha registrado sua própria morte (Dt 34). Ademais, não tinha como saber de um lugar no norte de Israel chamado Dã (Gn 14.14; ver Js 19.47; Jz 18.28-29), nem poderia se referir à conquista de Canaã como um acontecimento passado (Dt 2.12). Logo, o próprio texto traz indícios de que foi atualizado para fornecer informações mais completas

(como no caso da morte de Moisés) ou esclarecimentos para leitores de um período posterior (p. ex., Gn 14.14; 36.1; Dt 2.10-12). Há quem sugira que o fato de a gramática e a sintaxe de Deuteronomio se assemelharem às de Jeremias, que viveu mais de quinhentos anos depois de Moisés, se deve a posteriores atualizações da linguagem executadas por escribas. Essas mudanças seriam semelhantes às que ocorrem na atualização de versões bíblicas, em que expressões contemporâneas (como “feliz”) substituem termos usados outrora (“bem-aventurado”).

Podemos concluir que, provavelmente, Moisés escreveu os discursos feitos por ele (Dt 31.9-13) e redigiu ou organizou a transcrição da revelação recebida no monte Sinai. É plausível que ele tenha autorizado outros a registrar as histórias e genealogias dos patriarcas, até então transmitidas de forma oral. Assim como as partes do tabernáculo foram construídas e tecidas por artífices habilidosos e depois juntadas por Moisés (Êx 35—40), é possível que artífices literários tenham redigido as diversas partes que constituem o Pentateuco e as entregado a Moisés, que lhes deu seu aval. Só podemos especular a respeito da época em que essas partes foram, por fim, editadas em sua forma atual, embora a estrutura narrativa de Deuteronomio sugira que tenha sido algum tempo depois da morte de Moisés. Ao que parece, contudo, quando Davi organizou o culto no templo, o conteúdo do Pentateuco já era tal qual o conhecemos.

Desse modo, Gênesis e os outros livros do Pentateuco podem ser considerados produto da habilidade de Moisés, sob inspiração de Deus, com ajustes editoriais posteriores. Autores de livros bíblicos seguintes, inclusive do NT, falam da “Torá de Moisés” ou do “livro da Torá de Moisés”, ou, nas palavras de Jesus, “Moisés [...] escreveu a meu respeito” (Jo 5.45-46). É possível que Moisés não tenha sido o único autor ou editor do Pentateuco, mas os cinco livros se originaram, de modo fundamental e substancial,

em Moisés, e os israelitas os aceitavam como textos plenamente investidos da autoridade mosaica.

CONFIABILIDADE HISTÓRICA

Vários estudiosos da crítica bíblica consideram os capítulos iniciais de Gênesis *representações* mitológicas das origens do universo e da humanidade, semelhantes aos relatos babilônicos, e não *apresentações* históricas dos verdadeiros acontecimentos. Em tempos recentes, os patriarcas, bem como Moisés e o êxodo, têm sido vistos com o mesmo ceticismo. Esses estudiosos observam que descobertas arqueológicas não identificam de modo específico nenhum dos personagens ou acontecimentos do Pentateuco. No entanto, a questão não é tão simples. Em se tratando de evidências arqueológicas, a ausência de prova não é prova de ausência. Descobertas realizadas ao longo do século passado nos permitem reconstruir um esboço da história do antigo Oriente Próximo e de modos de vida com os quais os acontecimentos descritos no Pentateuco harmonizam perfeitamente.

GÊNEROS LITERÁRIOS

Costumamos chamar os cinco primeiros livros bíblicos de *Pentateuco* (“cinco rolos”). O NT se refere a esses livros como “lei de Moisés” (Lc 24.44). Tal designação se originou dos primeiros tradutores gregos do AT, que quase sempre traduziam o termo hebraico *torah* como *nomos* (“lei”), embora, na verdade, *torah* signifique “instrução”.

É enganoso referir-se ao Pentateuco como sendo “a lei”, pois longos trechos de seu texto não são, de modo nenhum, de cunho legal. É apropriado, porém, chamar todo o conjunto de Torá, denotando seu teor instrutivo. Em seu texto inspirado, a Torá abrange narrativas (Gn; Êx 1—20; 32—40; Lv 8—10; Nm); poemas e hinos (Gn 49; Êx 15; Dt 32—33); genealogias (Gn 5; 10—11; 36); documentos da aliança (Êx 19—24; Dt); leis civis, cerimoniais e morais (Êx 21—23); sermões (Dt) e orações (Êx 32; Nm 14).

INTERPRETAÇÃO

Nossa leitura e interpretação do Pentateuco é norteada por vários princípios:

1. Originalmente, esses textos eram lidos em voz alta, sendo extensas as passagens lidas a cada vez. As divisões de capítulos e versículos não faziam parte do texto original e podem interferir em nossa compreensão. Cada versículo e parágrafo deve ser lido dentro de seu contexto mais amplo.

2. O Pentateuco foi escrito mais de três mil anos atrás. Sua redação segue os parâmetros literários antigos e trata de questões de outros tempos. Por exemplo, embora Gn 1—2 influencie o modo como o cristão de hoje se posiciona em relação às teorias da evolução, esse trecho foi escrito para tratar de assuntos antigos, e não de temas atuais.

3. As diferenças entre gêneros textuais exigem que os intérpretes de formas distintas. Logo, quando lemos as narrativas e nos encantamos com aspectos de natureza humana, devemos reconhecer que Deus é o herói supremo de todas as histórias. De modo semelhante, quando lemos as leis de Êxodo e Levítico, devemos procurar identificar a relevância teológica dessas prescrições para o Israel do AT e refletir como sua mensagem se aplica a nós hoje.

4. O Pentateuco registra apenas o início e os primeiros capítulos de uma história mais ampla de revelação divina que culmina em Jesus Cristo. Em diversos trechos, encontramos as sementes da promessa de um Messias: na promessa divina de esmagar a cabeça da serpente por meio dos descendentes da mulher (Gn 3.15); na descendência de Abraão (Gn 22.17); nos descendentes de Judá (Gn 49.10), aos quais foi dado direito eterno ao cetro de Israel; e na estrela que Balaão, o profeta pagão, avistou no horizonte distante (Nm 24.17). Mais adiante no registro bíblico, essas sementes vieram a frutificar.

SIGNIFICADO E MENSAGEM

O Pentateuco apresentava ao antigo Israel uma imagem impressionante de Deus, a qual o separava

dos falsos deuses de outras nações. Javé, o Deus de Israel, é o único Deus; não existe nenhum outro (Dt 4.32-40). Javé, o Deus de Israel, é o Criador dos céus e da terra. Javé, o Deus de Israel, é um Deus de graça; ele trata os pecadores com paciência, salva-os e chama-os para um relacionamento de aliança com ele, revela-lhes seu nome e sua vontade, suprime as necessidades e caminha com eles em comunhão e amor.

No relato da criação, o Pentateuco revela lições importantes a respeito do universo. Deus fez o mundo existir por meio de sua palavra. Criou um mundo perfeito, de luz, vida e ordem. Os efeitos devastadores do pecado, contudo, trouxeram trevas em lugar da luz, morte em lugar da vida, confusão e dor em lugar da paz e da ordem. No entanto, Deus prometeu vitória final e garantiu que a cabeça da serpente, responsável por introduzir o pecado na humanidade, seria esmagada.

O Pentateuco nos mostra as relações divinas de aliança com os seres humanos. Todas as alianças de Deus são caracterizadas pela graça. Ele convida as pessoas para um relacionamento especial e as chama a responder com uma vida de santidade, pois desempenham um importante papel em seu plano redentor. Pela graça, Deus chamou Noé para um relacionamento de aliança ao salvá-lo do dilúvio. Pela graça, Deus chamou Abraão da cidade pagã de Ur, na Babilônia, para firmar com ele uma aliança. Pela graça, Deus chamou Israel para ser seu povo e, no monte Sinai, confirmou-lhe a aliança que fizera com Abraão.

Embora todas as alianças tenham se originado no coração gracioso de Deus, ainda exigiam uma atitude obediente por parte dos seres humanos. No entanto, Deus jamais desejou que essa obediência fosse motivada apenas por obrigação ou mera troca. Antes, o texto do Pentateuco revela uma norma constante de conduta a ser seguida pelo povo do Senhor em obediência amorosa, como grata resposta à obra salvadora de Deus. Tendo escolhido Israel como seu povo, com o qual assumiu um compromisso de aliança, Deus

desejava que os israelitas lhe expressassem fidelidade.

Embora as Escrituras afirmem em uníssono que as pessoas nunca foram salvas pela obediência à lei (ver Gn 15.6; Dt 7.7-8; Sl 40; 51; Is 1.10-20; Rm 4.1-17; Gl 3.6-7), muitos acreditam equivocadamente que, no AT, as pessoas eram salvas porque guardavam a lei. No entanto, a graça sempre antecedeu a lei. Deus livrou os israelitas da escravidão no Egito *antes* de lhes dar a lei. Embora Deus tenha exigido que obedecessem à lei a fim de serem abençoados e virem se

cumprir neles mesmos o plano divino, a obediência deveria ser motivada por gratidão, pois Deus havia salvado Israel e lhe revelado sua vontade.

Em resumo, o Pentateuco contém a Torá (a instrução) transmitida por Deus a Israel quando fundou a nação. Cabia aos sacerdotes ensinar a Torá e vivê-la (Dt 33.10; 2Cr 15.3; 19.8; Ml 2.6,9; cp. Ed 7.10; Jr 18.18; Ez 7.26). A Torá foi louvada pelo salmista (Sl 19.7-14; 119), serviu de referência para os profetas (Is 1.10; 5.24; 8.20; 30.9; 51.7), orientou

o governo de reis fiéis (1Rs 2.2-4; 2Rs 14.6; 22.11; 23.25), regeu a vida de cidadãos justos (Sl 1) e pautou o julgamento do povo infiel de Israel (Dt 28.15-68; 2Cr 36.11-21). Somente Jesus Cristo a guardou e cumpriu perfeitamente (Mt 3.15).

LEITURAS ADICIONAIS

VICTOR P. HAMILTON
Handbook on the Pentateuch (2005)

G. HERBERT LIVINGSTON
The Pentateuch in Its Cultural Environment (1974)

LIVRO DE GÊNESIS

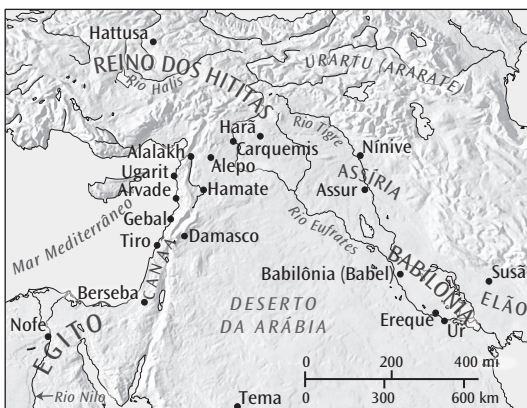
Gênesis é o livro dos começos: do universo e da humanidade, do pecado e de seus efeitos trágicos, e do plano de Deus para restaurar a bênção ao mundo por meio de seu povo escolhido. Deus começou a executar esse plano quando chamou Abraão e fez uma aliança com ele. Gênesis reproduz a bênção prometida por Deus de geração em geração, até o tempo em que o povo foi escravizado e precisou ser liberto do Egito. Seu texto lança o alicerce para a revelação divina subsequente, e a maioria dos livros bíblicos se vale de seu conteúdo. Gênesis é fonte de instrução, consolo e edificação.

CONTEXTO

Quando Gênesis foi escrito, os filhos de Israel haviam sido escravos no Egito durante quatrocentos anos. Em sua recente condição de libertos da servidão, foram conduzidos ao deserto para encontrar-se com o Senhor no monte Sinai, onde Deus estabeleceu com eles um relacionamento de aliança e lhes deu a lei por intermédio de Moisés. Agora Israel estava prestes a entrar na terra prometida e receber a herança prometida por Deus a Abraão.

Durante a escravidão no Egito, os israelitas adotaram muitas das ideias e dos costumes pagãos de seus senhores egípcios (p. ex., Êx 32.1-4). Foram influenciados por falsos conceitos a respeito de Deus, do mundo e da natureza humana (Êx 21) e se tornaram escravos em vez de proprietários e administradores da terra. Talvez houvessem se esquecido das grandes promessas feitas por Deus a Abraão, Isaque e Jacó, ou talvez tivessem concluído que tais promessas jamais se cumpririam.

Antes de entrar na terra prometida, os israelitas precisavam entender mais claramente a natureza de Deus e do mundo por ele criado, bem como o



◀ O antigo Oriente Próximo, por volta de 2100 a.C. A humanidade se espalhou a partir dos montes de URARTU (ARARATE) e colonizou os primeiros centros de civilização. No tempo dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó), muitas dessas cidades já eram antigas.

ASSÍRIA 2.14; 10.11
ASSUR 10.22; 25.3,18
BABEL, BABILÔNIA 10.9-10; 11.1-9; 14.1,9
CANAA 9.18-27; 10.18-19; 12.5-10
DAMASCO 14.15; 15.2
EGITO 12.10—13.1; 15.18; 37.28-36; 39.1—50.26
ELÃO 10.22; 14.1,9
EREQUE 10.10; Ed 4.9
HAMATE 10.18; 2Sm 8.9-10; 2Rs 14.28; 23.33
HARÁ 11.26-32; 12.4-5; 27.43; 28.10; 29.4; At 7.2-4
SUSÃ Ed 4.9; Ne 1.1; Et 1.2; Dn 8.2
UR 11.28,31; 15.7; Ne 9.7
URARTU (ARARATE) 8.4

lugar deles nesse mundo. Tinham de aceitar sua identidade de descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Gênesis proporcionava o entendimento necessário.

RESUMO

Gênesis acompanha a obra de Deus destinada a trazer bênção em lugar da maldição que sobreveio à humanidade em decorrência do pecado. O livro reúne tradições de família, genealogias, acontecimentos históricos e comentários editoriais de modo a formar uma linha de argumentação unificada e contínua.

Cada uma das seções, exceto a primeira, começa com as palavras “Este é o relato” (ou *Estas são as gerações*; em hebraico, *toledoth*), e cada uma das seções de *toledoth* explica a história de uma linhagem de descendentes. Em cada caso, uma deterioração das condições de vida é seguida de um enfoque cada vez maior no plano divino de abençoar o mundo. Esse plano é a base para a aliança de Deus com seu povo; à medida que a bênção se desdobra, a aliança é esclarecida. No final do livro, o leitor está preparado para o cumprimento das promessas na libertação de Israel da servidão (ver Êxodo).

A primeira seção (1.1—2.3) logicamente não começa com *toledoth*, pois é o relato da criação “no princípio” (1.1) A obra da criação é envolta na aprovação e na bênção de Deus enquanto ele cumpre seu plano.

ESBOÇO

1.1—2.3

A criação

2.4—4.26

O que aconteceu à criação

5.1—6.8

O relato dos descendentes de Adão

6.9—9.29

O relato da família de Noé

10.1—11.9

O relato dos filhos de Noé

11.10-26

O relato dos descendentes de Sem

11.27—25.11

O relato dos descendentes de Terá

25.12-18

O relato dos descendentes de Ismael

25.19—35.29

O relato dos descendentes de Isaque

36.1—37.1

O relato dos descendentes de Esaú

37.2—50.26

O relato dos descendentes de Jacó

A seção seguinte (2.4—4.26) focaliza a criação da vida humana (2.4-25) e acompanha o que aconteceu à criação divina em decorrência do pecado de Adão e Eva (3.1-3), a maldição sobre seu pecado (3.14-24) e a transmissão do pecado a seus descendentes (4.1-24). A humanidade não desfrutava mais o descanso de Deus; em vez disso, vivenciava culpa e medo. Assim, os seres humanos fugiram de Deus e desenvolveram uma civilização arrogante.

Quando a humanidade se tornou independente de Deus, a vida humana entrou em decadência (5.1—6.8). A genealogia de 5.1-32 começa com a recordação de que os seres humanos foram criados à imagem de Deus e abençoados por ele (5.1-2). À medida que a genealogia se desdobra, a morte de cada geração lembra o leitor da maldição, enquanto Enoque é um raio de esperança de que a maldição não seja definitiva. De acordo com 6.1-8, Deus se arrependeu de ter criado os seres humanos e resolveu julgar a terra. Noé, porém, recebeu o favor divino e serviu de fonte de esperança (5.29; 6.8).

A passagem 6.9—9.29 trata da maldição do julgamento por meio do dilúvio, seguida da bênção do recomeço. Teve início uma criação renovada, purificada do mal abominável que invadira e arruinara a raça humana.

A população mundial cresceu e se transformou em diversas nações (10.1—11.9), cujos povos eram propensos à desobediência. Sem,

LINHA DO TEMPO

2166/1990 a.C.*

Abraão nasce

2091/1915 a.C.

Abraão se muda para Canaã

2080/1904 a.C.

Ismael nasce

2066/1890 a.C.

Sodoma e Gomorra são destruídas; Isaque nasce

2006/1830 a.C.

Jacó e Esaú nascem

1898/1722 a.C.

José é vendido como escravo

1885/1709 a.C.

José começa a governar o Egito

1876/1661 a.C.

Jacó se muda para o Egito

1446/1270 a.C.

Israel sai do Egito (o êxodo) e segue rumo ao monte Sinai

1406/1230 a.C.

Israel entra em Canaã

* A primeira data harmoniza com a data mais “recuada”, sugerida pela cronologia tradicional, e a segunda, com a data mais “avançada”, proposta na cronologia mais recente atribuída ao êxodo. Todas as datas são aproximadas. Ver “Cronologia: Abraão a Josué”, p. 115.

Cam e Jafé pareceram bem-sucedidos em povoar a terra (10.1-32), mas as nações foram divididas por línguas e fronteiras (10.5,20,31). Em vista da rebeldia dessas nações, Deus as dispersou para evitar perversidade ainda maior (11.1-9).

Depois do caos da dispersão das nações, o trecho 11.10-26 volta a atenção para Abraão, por meio do qual Deus escolheu abençoar a todos. O restante do livro (11.27—50.26) relata como Deus abençoou Abraão e seus descendentes. Primeiro, o Senhor fez uma aliança com Abraão (11.27—25.11), na qual lhe prometeu uma grande nação, uma terra e um nome. Com o passar do tempo, Deus foi esclarecendo os termos específicos da aliança, e Abraão desenvolveu uma fé cada vez mais profunda.

A cada geração, Gênesis fornece um relato breve das famílias que não fazem parte dos antepassados de Israel antes de voltar-se para a linhagem dos israelitas propriamente ditos. Depois de relatar de modo sucinto o que foi feito de Ismael (25.12-18), Gênesis narra em detalhes o que sucedeu a Isaac e sua família (25.19—35.29).

Em conformidade com o padrão do livro, a linhagem de Esaú (Edom) é apresentada rapidamente (36.1—37.1), antes da linhagem do herdeiro, Jacó. A seção final (37.2—50.26) trata da família de Jacó e focaliza a vida de José. Na terra de Canaã, a família se corrompeu sob a influência cananita a ponto de começar a se misturar com os cananeus (cap. 38). Para preservar a linhagem da bênção, Deus enviou a família para o Egito, onde poderia desenvolver-se, permanecer separada (43.32; 46.34) e tornar-se uma grande nação. O livro termina com a promessa de que o Senhor virá para resgatar seu povo do Egito (50.24-26).

*“No sétimo dia
Deus descansou
de todo o
trabalho que
havia realizado.
E abençoou o
sétimo dia.” [...]*
*E nós mesmos
seremos um
“sétimo dia”
quando formos
preenchidos por
sua bênção e
recriados por
sua santificação.
[...] Só quando
formos recriados
por Deus e
aperfeiçoados
por uma graça
maior teremos a
quietude eterna
desse descanso no
qual veremos que
ele é Deus.*

AGOSTINHO DE
HIPONA
Cidade de Deus, 22.30

AUTORIA

Tanto as Escrituras como a tradição atribuem o Pentateuco (Gênesis a Deuteronomio) a Moisés. Não havia ninguém mais qualificado para escrever esse livro. Tendo sido instruído em toda sabedoria dos egípcios (At 7.22), tinha aptidão literária suficiente para reunir e editar as tradições e os registros de Israel e redigir esse tratado teológico. Sua comunhão singular com Deus lhe conferiu o esclarecimento espiritual, o entendimento e a inspiração necessários para orientá-lo. Além do mais, tinha um bom motivo para escrever essa obra: apresentar a Israel a base teológica e histórica do êxodo e da aliança no Sinai, bem como estabelecer a nação recém-formada conforme as promessas feitas a seus antepassados.

A maioria dos estudiosos, porém, não aceita que Moisés tenha escrito Gênesis. De acordo com o ponto de vista crítico prevalecente, a Hipótese Documentária, Gênesis foi compilado a partir de várias fontes por diferentes grupos de pessoas. Abordagens como essa raramente falam de revelação ou de inspiração divina. Para os que consideram a Bíblia a palavra inspirada de Deus, essas teorias muitas vezes parecem excessivamente complicadas e conjecturais. De modo bem mais objetivo, Gênesis pode ser considerado o produto da habilidade de Moisés, sob inspiração de Deus, com ajustes editoriais posteriores. (Ver mais detalhes em “Introdução ao Pentateuco: Autoria”, p. 12.)

REDAÇÃO

Estudiosos bíblicos de várias linhas sempre reconheceram que diversas fontes foram usadas na redação de Gênesis e de outros textos históricos da Bíblia (como Reis e Lucas). Para escrever Gênesis, Moisés usou coletâneas de registros de famílias, tradições orais, relatos antigos de acontecimentos primevos e genealogias. Essas fontes podem ter sido incorporadas como

foram recebidas, ou talvez o autor tenha alterado estilo e expressões para juntá-las com outros materiais com o propósito específico de descrever os fundamentos da fé israelita.

Gênesis também traz passagens e expressões que são, evidentemente, comentários editoriais posteriores. Algumas seções (como a lista de reis de Edom, 36.31-43) talvez tenham sido acrescentadas no início do período monárquico. Não há contradição em dizer que Gênesis foi escrito por Moisés e expandido por editores subsequentes, cujo trabalho foi direcionado pelo Espírito Santo. Diante dessas considerações, os estudiosos conservadores consideram plausível que o material bíblico registre com precisão acontecimentos reais.

ESTILO LITERÁRIO

Gênesis abrange diversos tipos de literatura. Existem várias propostas quanto à natureza de seu conteúdo.

Mito. A literatura mitológica explica as origens das coisas de forma simbólica, por meio das ações dos deuses ou de criaturas sobrenaturais. Para os povos antigos, os mitos eram crenças que explicavam a realidade. Sistemas de atividades rituais foram desenvolvidos para garantir que as forças da fertilidade, da vida e da morte continuassem ativas a cada ano. Alguns desses rituais deram origem à substituição cultural (ver 38.15,21-22).

Seria difícil classificar o material de Gênesis como mito. Israel tinha um Deus, e não vários. A nação de Israel teve um início e tinha uma história e uma esperança. Para os israelitas, o agente principal de tudo que acontece no mundo era Deus, e não deuses ou outras criaturas sobrenaturais. O culto que prestavam a Deus não era cósmico, nem mágico, nem supersticioso; antes, era uma representação de seu livramento do Egito, além de ser uma celebração da real intervenção de Deus na história e da esperança em suas promessas.

Se Gênesis usa elementos da linguagem mitológica, o propósito disso é apresentar um contraste intencional com conceitos pagãos e mostrar que o Senhor Deus é soberano sobre esses conceitos. Por exemplo, os antigos adoravam o sol como divindade, mas em Gênesis o sol atende aos desejos do Criador (1.14-18). Gênesis põe fim à ideia de mitos e de deuses mortos. Logo, não é um mito.

Etiologia. Vários estudiosos descrevem as narrativas de Gênesis como *etiologias*, isto é, relatos que explicam as causas da realidade ou de crenças tradicionais, pelo que fica implícito que essas narrativas foram inventadas para fins explanatórios e, portanto, não descrevem acontecimentos históricos. Se, por exemplo, considerarmos que a narrativa de Caim e Abel foi inventada para esclarecer a causa do desentendimento entre pastores de ovelhas e agricultores, o relato perderá sua integridade como narrativa histórica factual.

Sem dúvida existem elementos etiológicos em Gênesis, pois o livro fornece o alicerce e o raciocínio lógico para quase tudo que Israel faz mais adiante. O relato da criação em Gn 2, por exemplo, se encerra com a explicação: "Por isso o homem deixa pai e mãe...". O modo como o acontecimento ocorre explica por que o casamento era realizado de determinada maneira. Mas, dizer que essa narrativa explica algo é bem diferente de dizer que ela foi inventada para explicar algo. As narrativas de Gênesis não são relatos fictícios criados para explicar costumes e crenças posteriores.

História. Muitos estudiosos não concordam que Gênesis deva ser considerado um relato histórico, por dois motivos fundamentais: (1) Gênesis explica acontecimentos causados por Deus, e a inclusão de elementos sobrenaturais

Gênesis não tem interesse em exibir Abraão, Isaque e Jacó como exemplos de moralidade. Logo, não discorre sobre sua moral. [Gênesis] une as promessas de Deus aos patriarcas à fidelidade de Deus no cumprimento dessas promessas.

VICTOR P. HAMILTON
The Book of Genesis: Chapters 1-17, p. 46

é considerada prova de que o material consiste em uma reflexão teológica e, portanto, não é historicamente confiável; (2) não há como corroborar os acontecimentos de Gênesis com fontes externas: nenhum outro registro mostra que Abraão existiu ou que qualquer parte da história de sua família ocorreu de fato.

As modernas filosofias da história excluem o sobrenatural como explicação para acontecimentos históricos, mas não há motivo para fazê-lo de forma arbitrária. Se Deus existe e é capaz de agir, então pode muito bem ser a causa última de todos os acontecimentos históricos e a causa imediata de vários eventos específicos. Os israelitas não desconfiavam de ocorrências sobrenaturais como fazem os críticos modernos; o povo de Israel experimentava essas ocorrências de modo frequente, enquanto Deus agia em seu meio para cumprir as promessas registradas em Gênesis.

É verdade que não foram encontradas provas diretas dos patriarcas nem dos acontecimentos descritos em Gênesis, mas a arqueologia confirma a plausibilidade desse livro ao mostrar que a situação histórica daquela era (Idade do Bronze Média I, 2000–1800 a.C.) se aproxima do que é retratado em Gênesis. É pouco provável que isso fosse verdadeiro se Gênesis não consistisse em um registro preciso dos fatos. Quando reunimos todos os dados arqueológicos e históricos em torno dos acontecimentos, eles se encaixam perfeitamente no contexto, e os detalhes da narrativa fazem completo sentido.

Interpretação teológica. Gênesis não foi escrito como uma crônica da vida dos patriarcas, ou seja, uma narrativa histórica só para transmitir fatos; o livro também não tinha como propósito ser uma biografia completa. Antes, é claramente uma interpretação teológica de registros selecionados dos patriarcas de Israel, o que não anula seu caráter histórico. As interpretações de um acontecimento podem diferir entre si, mas apresentar essas interpretações é uma excelente forma de mostrar a realidade de tais acontecimentos. O autor relatou os fatos à sua maneira, mas não os inventou.

Tradição. Esse conteúdo registrado por escrito é tradição preservada com cuidado por meio do talento literário. Estudiosos preferem descrever essas narrativas como “tradições” ou mesmo “sagas”. Com isso, afirmam apenas que os relatos preservam a memória do povo de Israel, e não que os acontecimentos em si são históricos. Do ponto de vista bíblico, porém, essas narrativas foram registradas sob inspiração divina e, portanto, são historicamente verdadeiras e confiáveis.

É bem provável que Abraão tenha trazido da Mesopotâmia os primeiros relatos das genealogias familiares e que histórias a respeito da família tenham sido acrescentadas a essas coletâneas. Mediante registros próprios, José pode muito bem ter preservado todas as tradições escritas e orais no Egito. Caberia a Moisés, então, fazer a extensa compilação das obras de modo a dar-lhes sua forma atual, acrescentando comentários editoriais. Visto que ele trabalhou sob inspiração e direção divinas, as narrativas registram exatamente aquilo que Deus desejava que fosse escrito e correspondem precisamente à realidade.

Literatura instrutiva. Considerando que Gênesis é o primeiro livro do Pentateuco (a Torá, ou a lei), talvez seja mais apropriado classificá-lo como “literatura da Torá” (do hebraico *torah*, “instrução, lei”). Gênesis consiste em literatura instrutiva que lança os alicerces para a lei. É a interpretação teológica das tradições históricas que se encontram por trás da aliança no